

WALT DISNEY

BIBLIOTECA DO

ESCOTEIRO MIRIM

RODRIGO

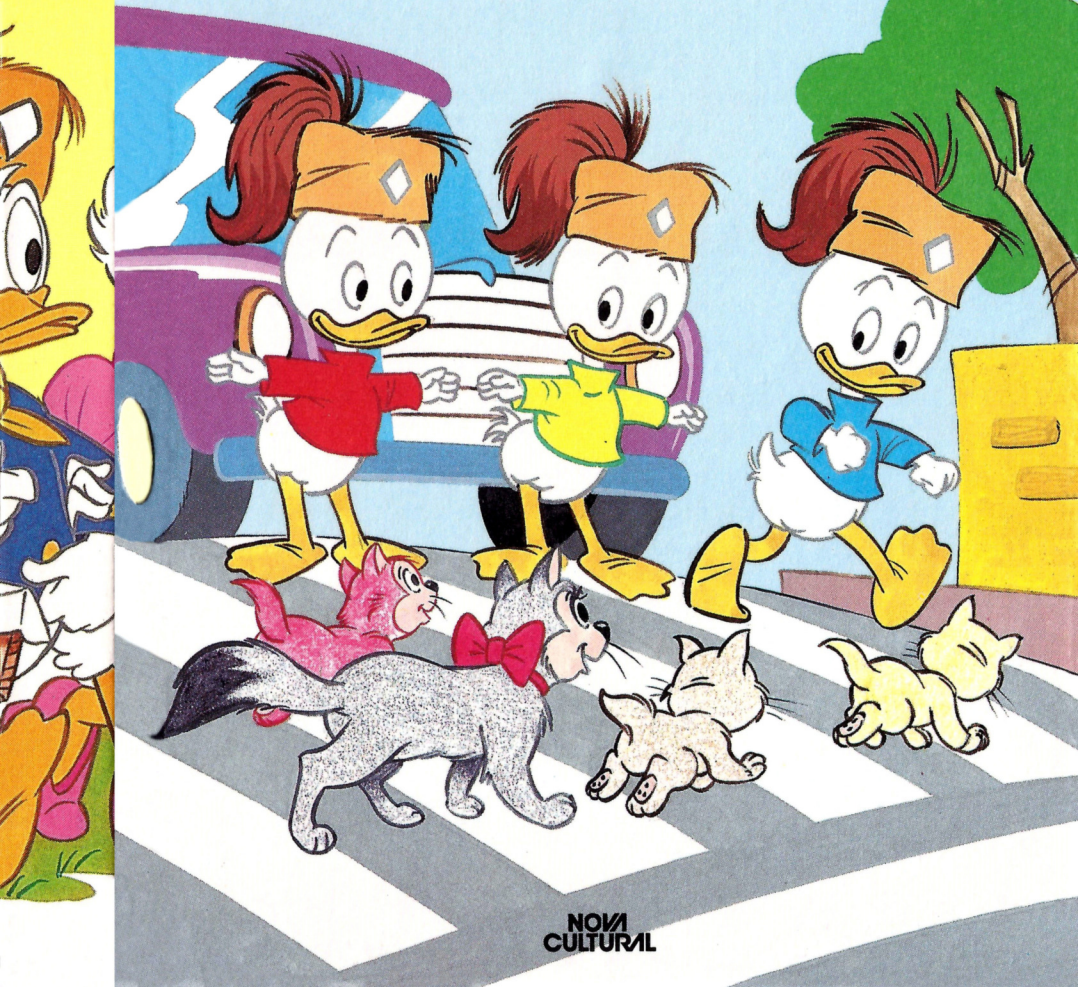
A
GIBITECA



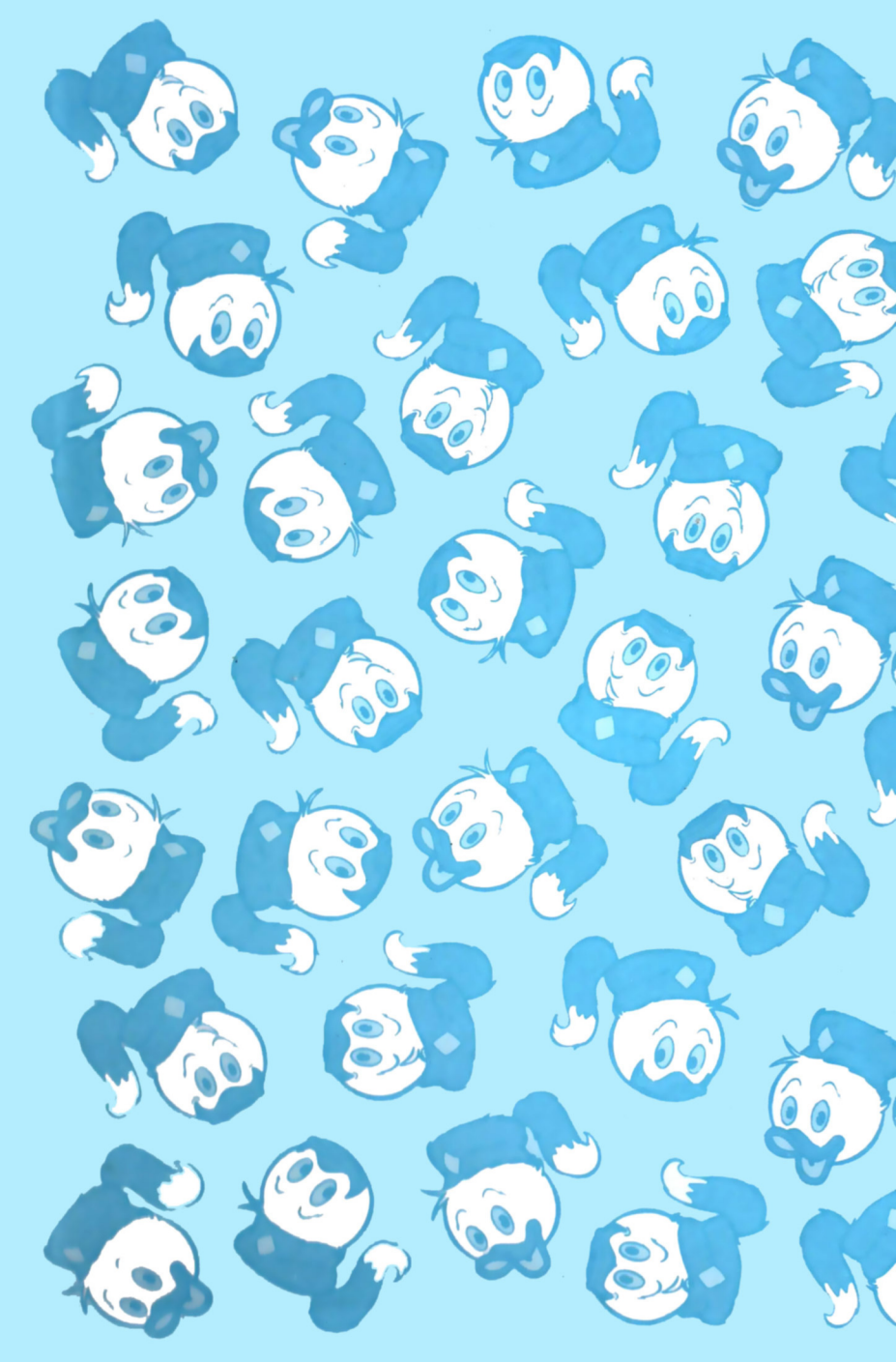
WALT DISNEY

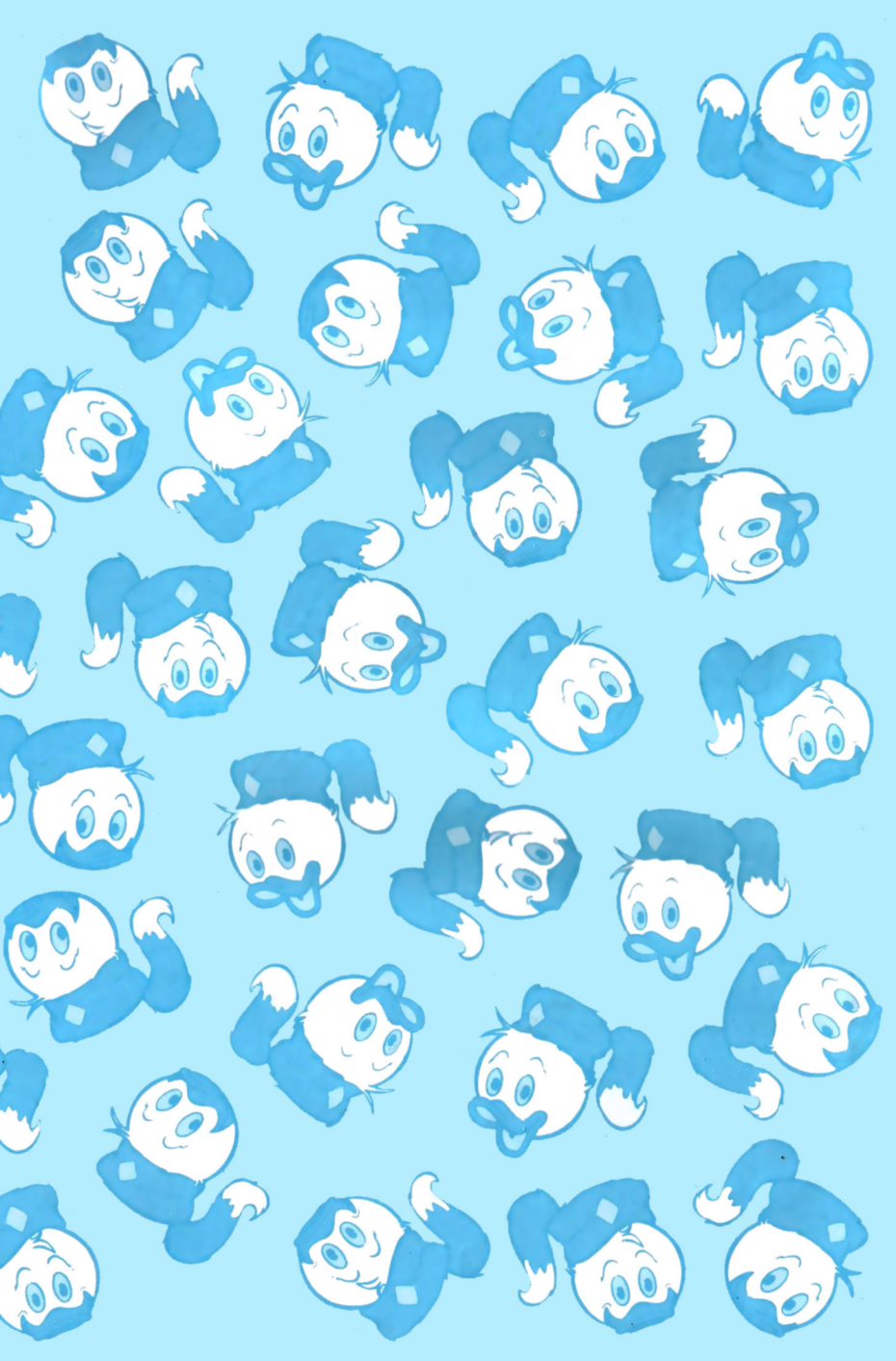
BIBLIOTECA DO

ESCOTEIRO MIRIM



NOVA
CULTURAL





Donald Duck is climbing a large tree trunk. He is wearing a blue shirt with a yellow bow and a brown scout hat with a white square. He has a determined expression.

WALT DISNEY
**BIBLIOTECA DO
ESCOTEIRO
MIRIM**



NOVA
CULTURAL

Copyright © 1985 - Walt Disney Productions - USA
Publicado pela Abril S.A. Cultural, São Paulo, Brasil.
Todos os direitos reservados.

WWW.AGIBITECA.COM.BR

ESCOTEIROS EM AÇÃO



DE OLHO NAS MEDIDAS

Um homem de cinco pés e nove polegadas... GLUP! Será algum monstro? Não: trata-se simplesmente de um indivíduo cuja altura é medida segundo o sistema anglo-saxão, bastante diverso do nosso sistema métrico decimal.

Na verdade, os anglo-saxões calculam em **polegadas** assim como em **centímetros**, e em **pés** assim como em **metros**. Voltando

ao indivíduo citado, podemos dizer então que sua altura é de:

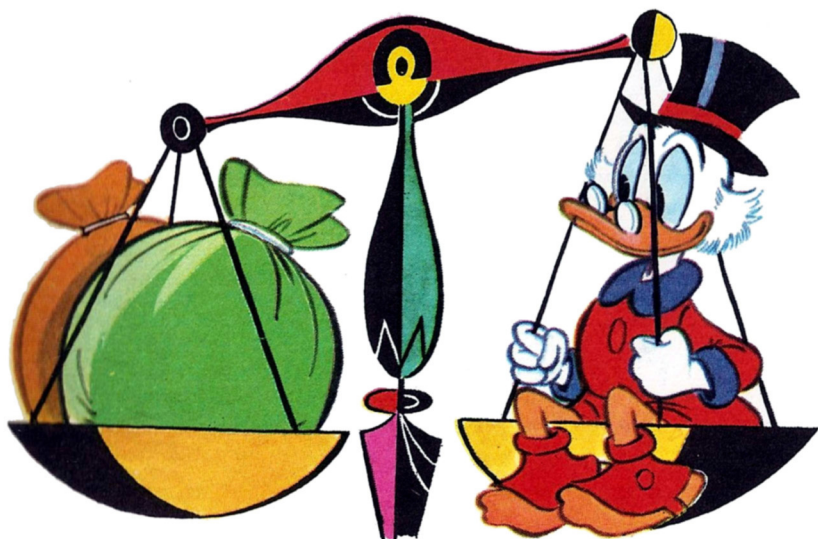
$$5 \text{ pés} = 1,52 \text{ m}$$

$$9 \text{ polegadas} = 22,86 \text{ mm}$$

$$\text{Total: } 1,748 \text{ m}$$

Pode acontecer também que você tenha de converter medidas anglo-saxônicas em nossas medidas, ou vice-versa. Eis, pois, a **Tabela de Conversões** que irá ajudá-lo nos cálculos.

CENTÍMETROS (Em inglês: centimeters)		POLEGADAS (Inches)
2,54	1	0,3937
5,08	2	0,7874
7,62	3	1,1810
10,16	4	1,5748
12,70	5	1,9685
15,24	6	2,3622
17,78	7	2,7559
20,32	8	3,1496
22,86	9	3,5433
25,40	10	3,9370



Modo de usar a tabela: como vê, são três colunas: uma central e duas laterais (à esquerda os **centímetros**, à direita as **polegadas**).

Partindo da coluna central e lendo na coluna da esquerda, teremos a equivalência das polegadas em centímetros. Lendo, ao invés, na coluna da direita, teremos a equivalência dos centímetros em polegadas.

Exemplo: quero saber a quantos centímetros equivalem 9 polegadas. Correspondendo ao 9 (coluna central), leio na coluna da esquerda: 22,86. Ou seja, 9 polegadas equivalem a 22,86 cm. Vice-versa: lendo na coluna da direita encon-

tro 3,5433. E isto significa que 9 centímetros equivalem a 5,5433 polegadas.

Mudando a vírgula dos números decimais uma posição para a direita, teremos os valores das cifras 20, 30, 40 ... Exemplo: se 2 polegadas equivalem a 5,08 cm, 20 polegadas irão equivaler a 50,80 cm, e assim por diante. Para as cifras intermediárias, é necessária uma adição. Exemplo: para achar a equivalência de 18 cm, adiciona-se à equivalência de 10 a equivalência de 8 e teremos:

$$\begin{array}{r}
 10 = 25,40 \\
 8 = 20,32 \\
 \hline
 18 = 45,72
 \end{array}$$

Tabela de conversão de metros em pés e vice-versa

METROS (Meters)		PÉS (Feet)
0,3048	1	3,28084
0,6096	2	6,562
0,9144	3	9,843
1,2192	4	13,123
1,5240	5	16,404
1,8288	6	19,685
2,1336	7	22,966
2,4384	8	26,247
2,7432	9	29,528
3,0480	10	32,808

Daí poderemos concluir que 18 polegadas equivalem exatamente a 45,72 cm. Analogamente se procederá para a conversão de po-

legadas em centímetros.

Para calcular, procede-se de modo análogo ao que explicamos para os centímetros e polegadas.

OVOS COLORIDOS

O método mais simples, original e de surpreendentes resultados para decorar ovos (ovos mesmo) de Páscoa consiste em envolvê-los com o invólucro externo de cebola e que será mantido preso à casca do ovo mediante um duplo fio bem atado. Em

seguida deixe-os cozinhar por 10 minutos até ficarem duros. Você obterá belíssimos arabescos de grande efeito nos ovos graças à ação do invólucro de cebola. Mas, se você se sentir com veia artística... tome de tinta e pincel e dê vazão à sua fantasia (sempre



tomando o cuidado de cozinhar **antes** os ovos, esfriá-los na água corrente e enxugá-los). Você poderá pintar flores, pequenos animais, ou escrever simplesmente uma saudação como: "Boas-Vindas", "Bem-Vindos", "Salve", "Felicidades", "Boa Páscoa" etc. Evite usar, porém, lápis-tinta ou caneta esferográfica. Se você quiser fazer um ovo bem original, arranje alguns pedaços de tecido estampado; desta forma você poderá "vestir" os ovos, servindo-se de um pouquinho de cola.

CALENDÁRIO PERPÉTUO

Você quer saber se nasceu num domingo ou numa quarta-feira? Ou em que dia da semana caiu ou cairá uma data? Então siga-nos. Na Tabela 1 localize, à esquerda, o **dia** que lhe interessa. À direita, ache a coluna do **mês** que quer. Agora, ache o ponto de **cruzamento** dessas duas colunas. Ali há um algarismo. Anote-o. Vamos à Tabela 2. Ela indica o **ano**

da data que você procura. Embaixo, à esquerda ("SÉ-CULOS") você tem as centenas (dos anos). No alto, à direita, as dezenas e unidades, em colunas verticais. Localize o algarismo que se encontra no cruzamento das duas colunas que lhe interessam. Vamos à Tabela 3. Procure numa das colunas verticais o primeiro algarismo que você anotou. Procure o segundo na linha horizontal. Ache de novo o ponto de cruzamento: ali você terá o dia que procura. Por exemplo: em que dia da semana cairá o Natal de 94? Na Tabela 1 o cruzamento de 25 com dezembro dá o n.º 2. Na Tabela 2, o cruzamento de 1900 (19) com 94 dá o n.º 1

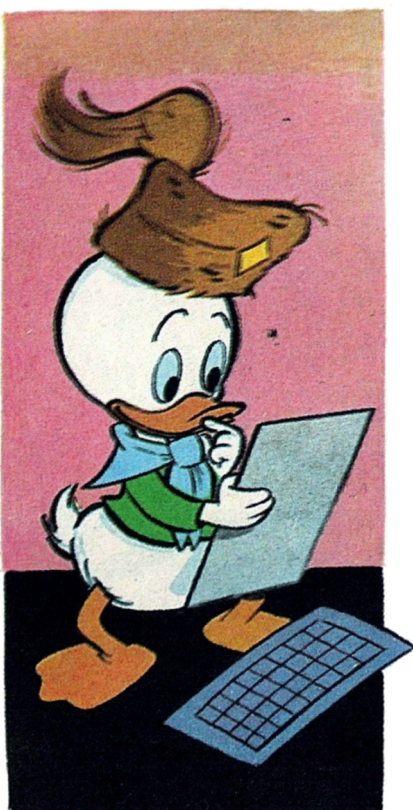


TABELA 1

						MESES						
						Jan. Out.	Maio	Agosto	Fev. Mar. Nov.	Junho	Set. Dez.	Abr. Julho
DIAS	1	8	15	22	29	1	2	3	4	5	6	7
	2	9	16	23	30	2	3	4	5	6	7	1
	3	10	17	24	31	3	4	5	6	7	1	2
	4	11	18	25		4	5	6	7	1	2	3
	5	12	19	26		5	6	7	1	2	3	4
	6	13	20	27		6	7	1	2	3	4	5
	7	14	21	28		7	1	2	3	4	5	6

TABELA 2

*	00	01	02	03		04	05
	06	07		08	09	10	11
ANOS		12	13	14	15		16
	17	18	19		20	21	22
	23		24	25	26	27	
	28	29	30	31		32	33
	34	35		36	37	38	39
		40	41	42	43		44
	45	46	47		48	49	50
	51		52	53	54	55	
	56	57	58	59		60	61
	62	63		64	65	66	67
		68	69	70	71		72
	73	74	75		76	77	78
	79		80	81	82	83	
	84	85	86	87		88	89
	90	91		92	93	94	95
		96	97	98	99		

TABELA 3

	1	2	3	4	5	6	7
1	Sáb	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex
2	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
3	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
4	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom	Seg
5	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom	Seg	Ter
6	Qui	Sex	Sáb	Dom	Seg	Ter	Qua
7	Sex	Sáb	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui

SÉCULOS	0	7	14	17	21	25	7	1	2	3	4	5	6
	1	8	15*				6	7	1	2	3	4	5
	2	9		18	22	26	5	6	7	1	2	3	4
	3	10					4	5	6	7	1	2	3
	4	11	15*	19	23	27	3	4	5	6	7	1	2
	5	12	16	20	24	28	2	3	4	5	6	7	1
	6	13					1	2	3	4	5	6	7

Na Tabela 3 o cruzamento 2 - 1 indica que em 1994 o Natal será num domingo! Viu como é fácil?

Nota: Recue um dia se a data procurada cair em janeiro ou em fevereiro de um ano bissexto.

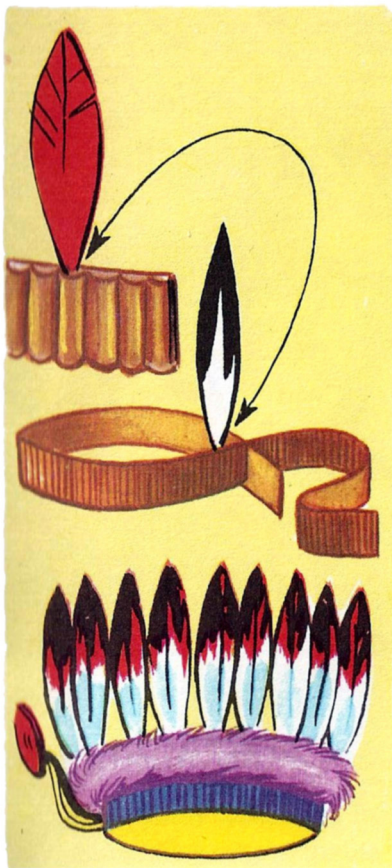
COMO SE FAZ UM COCAR DE CHEFE PELE-VERMELHA

Que tal brincar de índio, bancando o temível "Touro Sentado"? Vai ser muito divertido se você usar um cocar parecido com o do cacique pele-vermelha. Experimente fazer um assim: com uma tira de papelão ondulado, faça um anel ao redor de sua cabeça e, com um lápis, marque o diâmetro. Perto da marca faça dois cortes, como mostra a ilus-

tração. Eles servirão como fivela: sempre que você for usar o cocar, bastará encaixar um corte no outro. Depois, arranje algumas penas de um espanador velho, e cole uma por uma nos canudinhos da tira de papelão: maiores no centro, menores nas pontas. Se quiser, faça as penas de cartolina, dobrando um pedaço grande em forma de sanfona. Na pri-

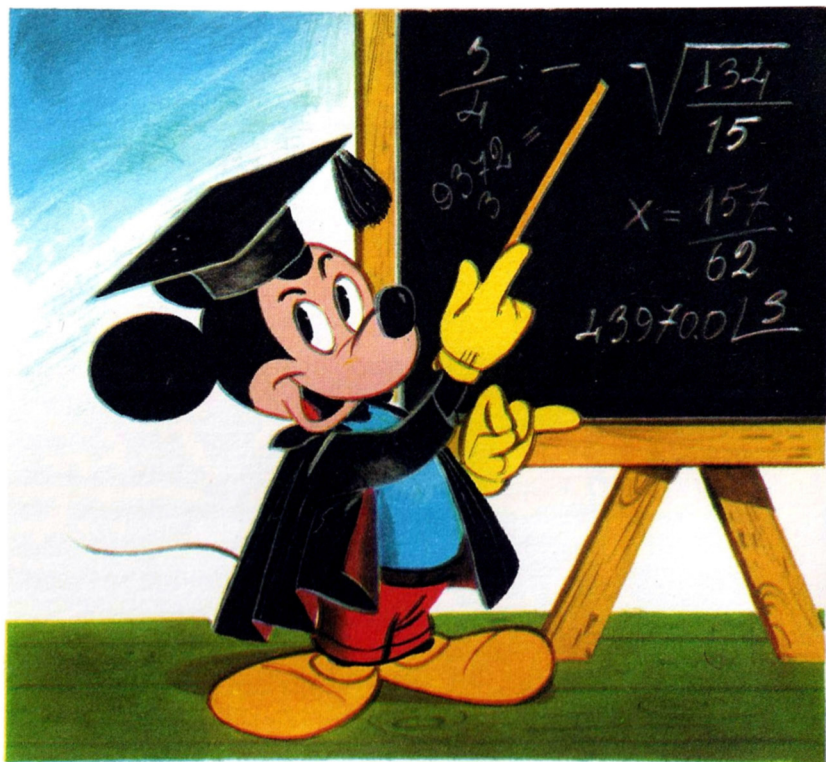


O MAR É BELO, MAS ...



meira parte desenhe duas penas de modo que a metade de cada uma fique exatamente nas dobras da sanfona. Veja a ilustração. Assim, você poderá recortá-las em bloco para depois colar cada uma na tira. Pinte as penas em cores vivas. E para enfeitar seu cocar, aplique na tira um pedaço comprido de pluma ou tecido peludo. Ugh pra você!

Entre os perigos ligados ao mar, os mais conhecidos são, decerto, o de aventurar-se nas águas quando o mar está bravio e "puxando" muito e o de banhar-se logo depois de uma refeição. Mas há outros: queimaduras e insolações por excessiva exposição ao sol. No caso de já terem surgido as bolhas características de queimadura, trate-as com uma solução de bicarbonato de sódio. Atente também para onde você põe os pés ao caminhar pela praia ou sobre recifes. Além do perigo de escorregar ou ferir-se nas ostras e pedras pontudas, você pode pisar num ouriço-do-mar e sofrer as terríveis consequências. Os que sofrerem um ataque de insolação devem ser conduzidos para a sombra e tratados com compressas frias sobre a fronte. Estas são as medidas a tomar, bem entendido, no caso de não haver nenhum médico próximo a quem recorrer.



DIVISÕES PARA REINAR

Não é difícil saber, de imediato, se um número, mesmo composto de 10 ou 12 algarismos, é divisível por 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 12 ou 15... E não são necessárias longas divisões. O mais simples é o 10. Se o número terminar com 0, não há dúvida, é divisível. Se terminar com 0 ou 5, pode ser dividido por 5. Se terminar com 2, 4, 6, 8 ou 0, é necessariamente divisível por 2. Para saber se um número é divisível por 4, veja se os

dois últimos algarismos são divisíveis por 4. Para saber se é divisível por 9, some os algarismos e, se você obtiver 9, 18, 27 ou 36, saberá que o número se divide por 9. Para saber se o número se divide por 3, proceda do mesmo modo. Se o total for 3, 6, 9 ou um de seus múltiplos, você poderá afirmar que o número se divide em terços. Por 6?... Bem, basta que seja um número par divisível por 3. Por 12? É divisível por 3 e 4. E se terminar com 5 ou 0 e a soma de seus algarismos der 3 ou um múltiplo de 3, o número será divisível por 15!

VIVA A NATUREZA!





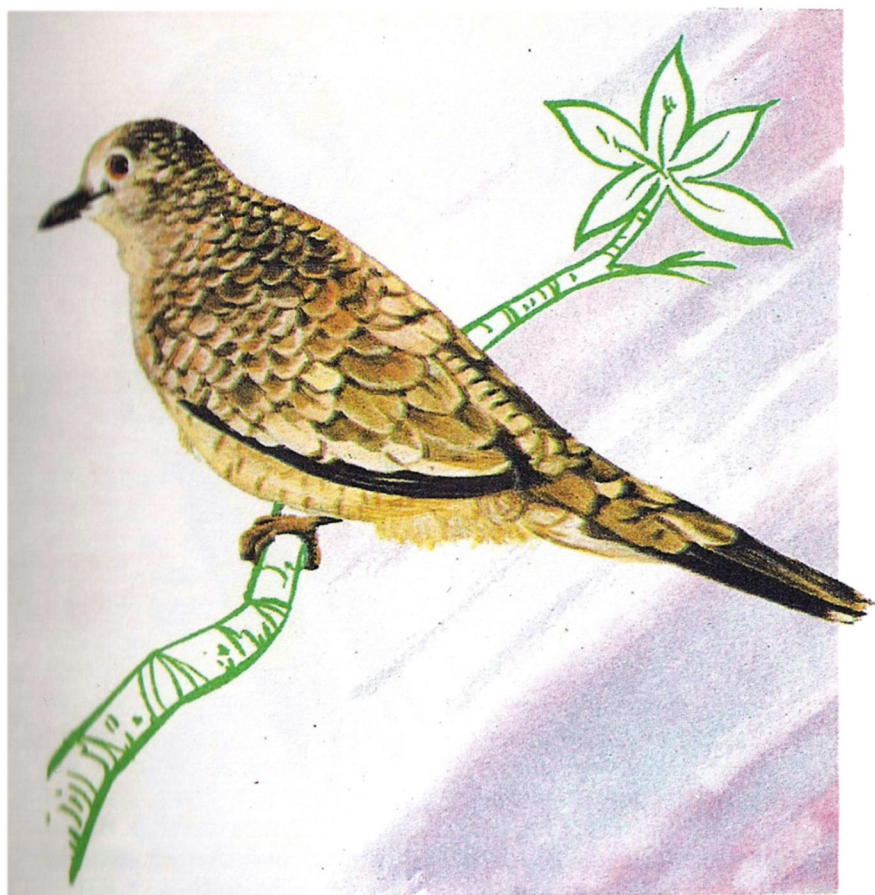
TIZIU

O tiziu é um dos passarinhos mais populares do nosso país. É muito conhecido, também, pelos nomes de serra-serra, alfaiate ou pinéu.

Tem o curioso hábito de fazer pequenos vôos verticais, emitindo um som estridente: "tiziu!"

Esse jeito de voar verticalmente, de um galho para outro, lembra o movimento de uma serra mecânica. Daí um outro apelido do tiziu: serrador.

Encontramos o tiziu por todo o território brasileiro, no Paraguai e na Argentina. Ele pertence à família dos pintassilgos e se alimenta, principalmente, de sementes de capim.



FOGO-APAGOU

O fogo-apagou recebeu esse nome do próprio povo, pois o seu canto parece dizer: "fogo-apagou" ou "fogo-pagou".

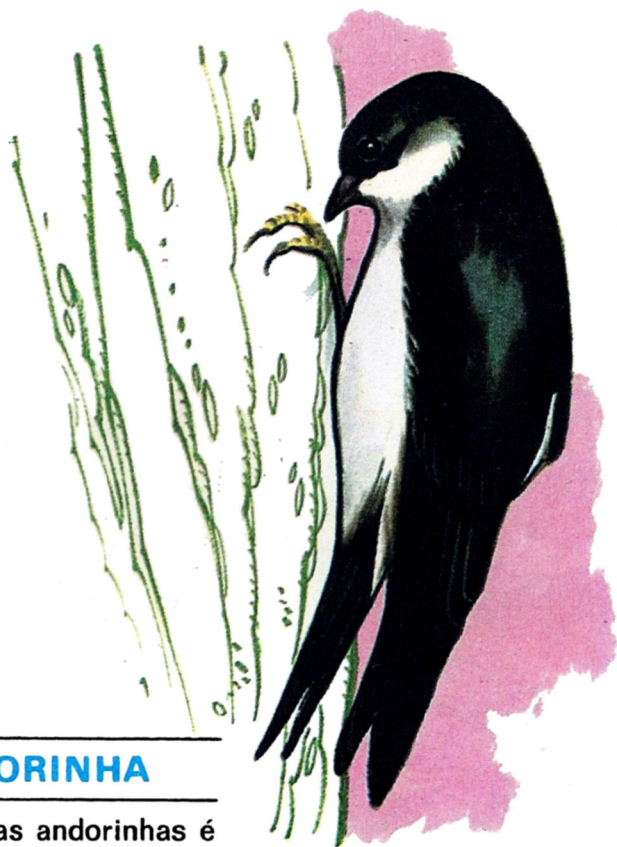
É também muito conhecido como rolinha-cascavel ou rolinha-carijó.

Pertence à mesma família das pombas e mede pou-

co mais de 20 cm.

Geralmente vive em pequenos bandos e só procura locais isolados para fazer os seus ninhos, com ramos miúdos e raízes, forrados de penas.

Ele pode ser encontrado desde o Nordeste do Brasil até o Paraguai, porém, em maior quantidade, nos Estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais.



ANDORINHA

O vôo das andorinhas é muito bonito. Elas sobem, mergulham e planam no ar com movimentos rápidos e elegantes.

O formato das asas e da cauda das andorinhas facilita esse vôo, permitindo que elas desenvolvam uma velocidade de até 200 km por hora.

Uma vez por ano, a maior parte das andorinhas realiza grandes viagens. Quando chega o inverno, elas partem do hemisfério norte, em bandos, e vão para as regiões quentes do he-

misfério sul, à procura de calor e alimento.

Quando acaba o verão no sul, elas retornam ao norte, para construir ninhos e procriar.

As andorinhas são aves entomófagas, isto é, que se alimentam unicamente de insetos. Por essa razão, são muito úteis ao homem nas lavouras.

Elas apanham insetos em pleno vôo, o que garante a sua alimentação durante as longas viagens.

CORUJA

Durante a noite a coruja sai voando silenciosamente, à procura de roedores e outros animais para se alimentar. Por causa desses vôos noturnos e também por seu piado triste, muita gente chega a acreditar que ela traz azar. Na verdade, a coruja é muito útil, pois persegue ratos e outros animais nocivos ao homem.

Essa ave possui ótima visão, principalmente à noite. Seus olhos estão situados na frente da cabeça e não nos lados, como na maioria das aves.

Para fechar os olhos, a coruja levanta a pálpebra inferior, ao invés de baixar a superior, como fazem as demais aves.

Nas suas caçadas, ela utiliza, além dos olhos, também os ouvidos, que são muito aguçados.



A coruja constrói ninhos em tocos de árvores, tetos de habitações altas ou fendas de rochas.

Existem corujas em quase todo o mundo. Algumas espécies habitam florestas tropicais, outras vivem em desertos, campos ou mesmo na tundra ártica.

No Brasil, elas geralmente têm penas escuras, manchadas, que se confundem muito facilmente com os troncos e as folhas das árvores.



PAU-BRASIL

Logo que foi descoberto, o Brasil não parecia uma terra especialmente rica aos exploradores portugueses. Foi então que eles encontraram uma novidade na colônia: o pau-brasil. Essa árvore, de coloração avermelhada no tronco, fornecia tintas para tecidos e estava disseminada por toda a costa brasileira, especialmente entre Pernambuco e Rio de Janeiro. A exploração foi tão intensa, que hoje a ár-

vore, que deu seu nome ao país, é uma espécie quase extinta. O crescimento do pau-brasil é lento, e ele chega a atingir mais de 20 metros de altura. As vagens, que dão as sementes, só aparecem 25 anos após o plantio. Dessas sementes crescem mudas que, ao atingir 2 metros de altura, devem ser replantadas. E do mês de outubro ao mês de dezembro é que florescem seus botões amarelos.

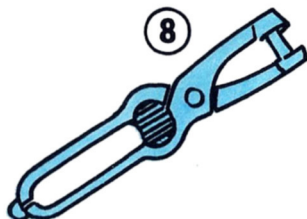
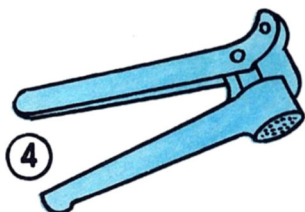
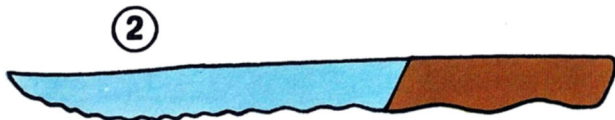
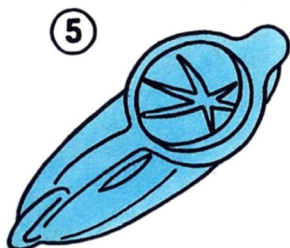
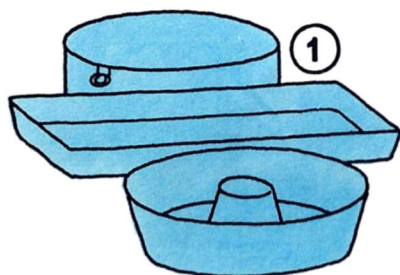
HORA DO LANCHE



EQUIPAMENTOS DE COZINHA

Vovó Donalda selecionou uma série de utensílios que ela considera de grande

utilidade para tornar mais prática a tarefa de cozinhar. É claro que você não vai

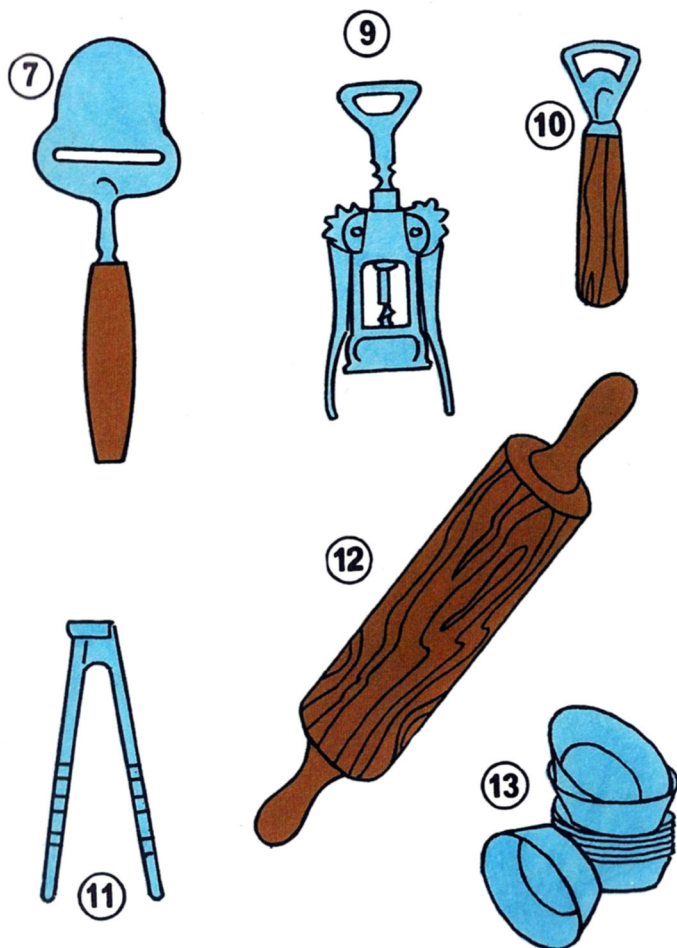


- 1 - Fôrmas para bolos, pudins, tortas, assados
- 2 - Facas
- 3 - Cortador de aves

- 4 - Amassador de alho
- 5 - Cortador de ovos
- 6 - Carretilha para cortar massa
- 7 - Cortador de queijo

precisar ter todos eles! Mas alguns são indispensáveis em qualquer cozinha. Por isso, antes de fazer as suas receitas, dê uma olhada nestas páginas e nas páginas

seguintes e procure os objetos que você vai utilizar. Separe todos e verifique se estão bem limpinhos. Se não estiverem lave bem antes de usá-los.



- 8 - Descaroçador de azeitona
- 9 - Saca-rolhas
- 10 - Abridor de garrafas
- 11 - Quebra-nozes

- 12 - Rolo de macarrão
- 13 - Forminhas lisas ou onduladas para assar empadas, tortinhas e bolinhos



1 - Ralador de pimenta
em grão

2 - Balança

3 - Concha

4 - Garfo

5 - Espumadeira

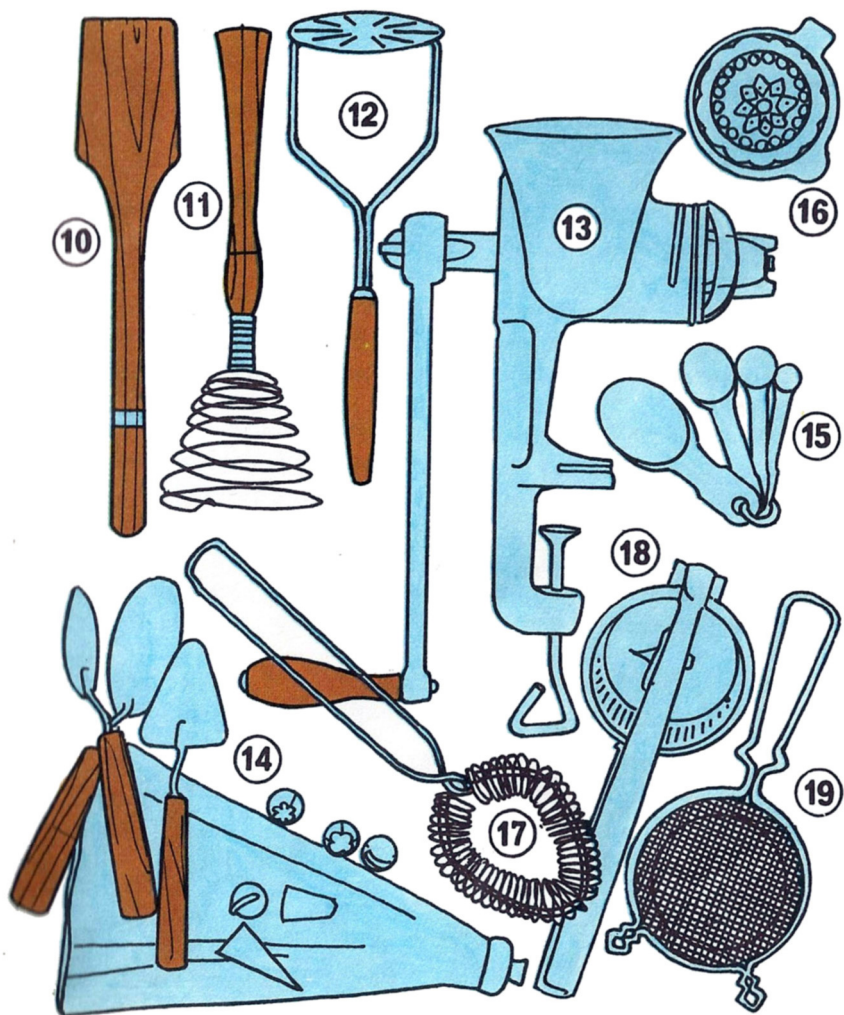
6 - Tábua de carne

7 - Batedor de carne

8 - Espetinhos de
churrasco

9 - Colheres de pau

10 - Espátula de pau



- 11 - Batedor de ovos
- 12 - Amassador de batatas
- 13 - Moedor de carne
- 14 - Material para confeitar bolos, doces, tortas, etc.

- 15 - Colheres para medidas
- 16 - Espremador de laranja
- 17 - Batedor para fazer claras em neve
- 18 - Espremador de batata
- 19 - Coador

ALFACE QUE TE QUERO VERDE

— **U**ma saladinha! Aqui está! — disse Vovó Donalda servindo a mesa. — Para abrir o apetite! Um pouco de vinagre na alface bem lavada, sal, uma pitadinha de pimenta-do-reino e pronto!

— Que delícia! — exclamou Pateta, que era louco por salada — Adoro verdura! Se eu pudesse, mudava para a África e ficava no meio daquele verde, até ficar velhinho, comendo salada e cozido de verduras!

— Aposto que, no meio daquele verde todo, você nunca ia descobrir o que era

e o que não era para comer! — falou Ludovico em tom de desafio — A alface, que você tanto gosta, por exemplo, é nativa do norte da África e da Ásia Menor, mas, em sua forma selvagem, é uma planta espinhosa!

O nome, aliás, vem do árabe *al-khass*. Sabe-se que os persas, desde o ano 550 a.C., adoravam alface. Mais tarde, os gregos, e depois os romanos, adotaram a alface, principalmente por seus valores medicinais.

No primeiro século da nossa era, a alface já era cultivada em várias regiões,



principalmente na China, onde existiam grandes plantações. Nas Américas, a alface chegou nas primeiras viagens de Colombo, mas demorou um pouco a ser cultivada. Só no século XVI a planta foi adotada como alimento regular.



ALFACE QUENTE

Você vai precisar de:

- 2 pés pequenos de alface
- 1/4 de xícara de manteiga ou margarina
- sal e pimenta a gosto
- 1/2 xícara de queijo parmesão ralado

Modo de fazer:

1 — Lave as folhas de alface e seque com papel absorvente de

cozinha.

2 — Rasgue a alface em pedaços pequenos.

3 — Derreta a manteiga numa panela e junte a alface. Tampe a panela e cozinhe sobre fogo lento por aproximadamente 3 minutos.

4 — Tempere com sal e pimenta e junte o queijo parmesão ralado. Atenção: Cuidado com o sal pois o queijo parmesão já é salgado.

SOPA DE LEGUMES

Você vai precisar de:

- 1 cebola grande cortada em rodela finas
- 3 cenouras médias, lavadas, raspadas e cortadas
- 1 talo de salsão cortado
- 1 nabo pequeno
- 3 colheres (de sopa) de margarina
- 8 xícaras de caldo de carne preparado com tabletes
- 1 repolho pequeno picado
- 3/4 de xícara de extrato de tomate
- sal e pimenta a gosto

Modo de fazer:

1 — Numa panela grande, frite na margarina a cebola, a cenoura, o salsão e o nabo por 5 minutos.

2 — Junte o caldo e deixe levantar fervura.

3 — Acrescente o repolho e o extrato de tomate e abaixe o fogo.

4 — Tempere com sal e com pimenta.

5 — Tampe e cozinhe lentamente por 1 hora ou até que os legumes estejam cozidos (espete com um garfo para ver se estão macios).

ESPAGUETE À MODA DO PATETA

No concurso de “melhor cozinheiro”, o Gastão deveria ser o segundo a ir para a cozinha. Mas sua inscrição acabou sendo anulada porque ele dormiu a manhã inteira e, na hora do almoço, alguém veio entregar uma refeição prontinha que o próprio Gastão tinha ganho numa rifa . . .

Era sorte demais!

No outro dia, todos ficaram esperando o almoço do Pateta que prometia um espagete à “moda Pateta” . . .

Todo mundo estranhou quando soube que o Pateta pretendia preparar também a massa e estranhou mais ainda quando viu que, entre os ingredientes, havia fita adesiva e cola!

— Tomara que tudo saia direitinho! — disse Mickey depois que o Pateta se trançou na cozinha — Ele adora comer espagete começando pela pontinha e sugando o fio inteirinho!

Mal sabia o Mickey que a “moda Pateta” era justamente um macarrão comprido e único para que o freguês pusesse uma ponta na boca e pudesse sugar o prato inteirinho de uma só vez!

Certa ocasião, ele tinha tentado amarrar as pontinhas do macarrão, mas não deu certo, porque os nozi-

nhos travavam o macarrão contra os lábios . . .

E o macarrão compridíssimo saiu direitinho até que o Pateta resolveu testar a invenção antes de chamar o pessoal. A confusão e a barulheira foram tantas na cozinha, que Mickey veio correndo. Lá estava o Pateta todo enrolado no macarrão!

— Que foi, Pateta, não deu certo?

— Deu sim, Mickey! — respondeu o cozinheiro — Eu só não consigo achar a pontinha do macarrão!



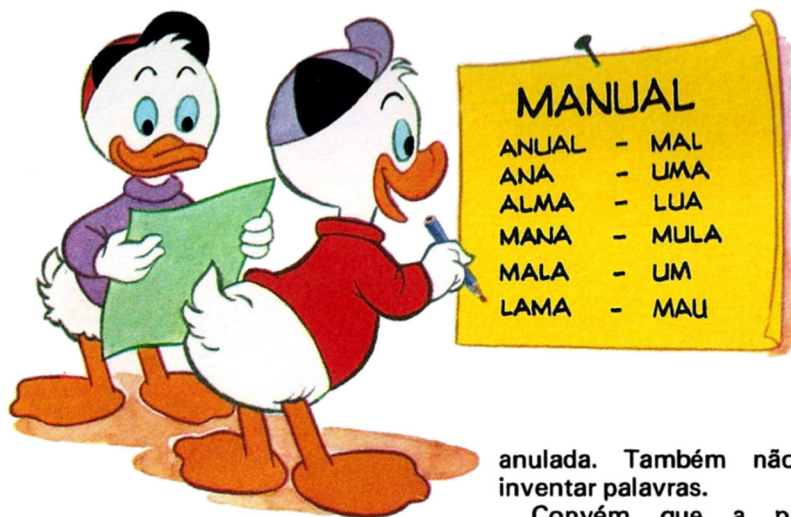
MÁGICAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



JOGUINHO DO GASTÃO ACHOU MAIS, GANHOU

Podem jogar dois ou mais amigos. Cada um deve estar munido de uma folha de papel e um lápis. Um dos participantes, por sorteio, dá uma **palavra-chave**. Digamos que coube a você a incumbência, e você escolheu a palavra **MANUAL**. É a palavra-chave, que cada um deve escrever no alto

da respectiva folha de papel. Marca-se, então, um limite de tempo: 5 minutos, por exemplo. Nesse espaço de tempo todos devem descobrir e escrever, abaixo da palavra-chave, o maior número possível de palavras formadas com a utilização das letras da palavra-chave, assim:

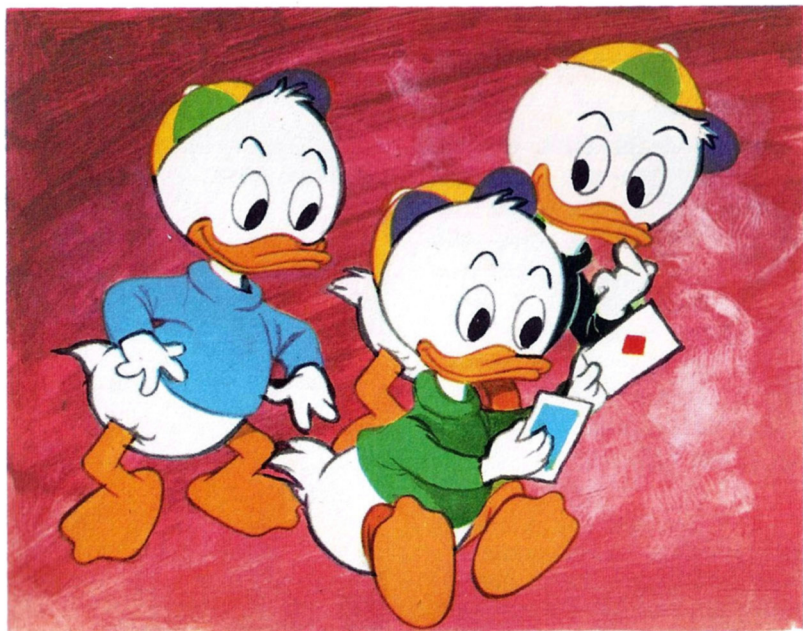


A única regra a que vocês deverão obedecer é a seguinte: uma letra que aparece uma só vez na palavra-chave só pode ser usada uma vez em cada palavra descoberta. No exemplo acima existem duas letras **A**; por isso, várias palavras achadas utilizam duas letras **A**. Se alguém tiver escrito alguma palavra com três letras **A** ou mais de uma letra **M**, por exemplo, essa palavra será

anulada. Também não vale inventar palavras.

Convém que a palavra-chave não seja curta, isto é, tenha três ou mais sílabas, a fim de se poder formar muitas palavras com a utilização das mesmas letras.

Esgotado o tempo, você ditará as palavras que achou e conferirá se os outros também acharam as mesmas palavras. Só ganha ponto quem tiver conseguido achar uma palavra que os outros não tenham escrito. Quem fizer o maior número de pontos ganha o jogo.



UMA UNHADA DE MESTRE

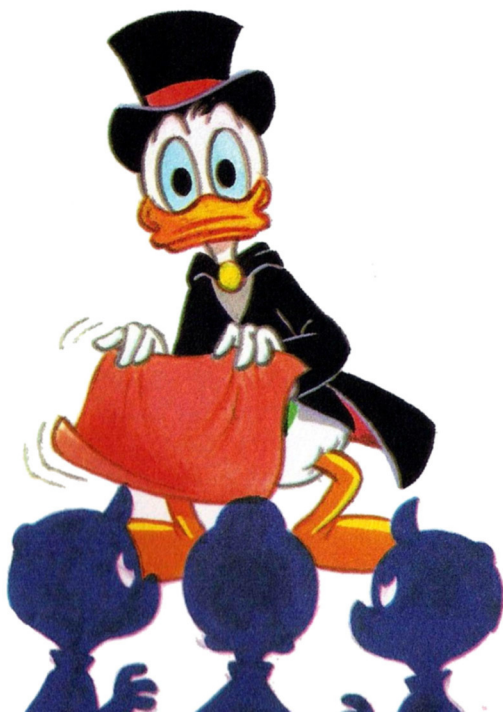
Pegue um baralho novo de 32 cartas (do 7 ao às inclusive) ou 52 cartas (completo), embaralhe bem e peça a alguém para embaralhar outra vez: isso é importante psicologicamente. Espalhe as cartas na mesa e peça a um dos assistentes que escolha uma carta, sem mostrá-la a você. Junte as cartas restantes e, sem que ninguém perceba, marque de leve, com a unha do polegar, o canto da carta que está no topo do monte. Agora, peça ao voluntário

para pôr a carta em cima do baralho — escondendo-a sempre de você — e cortar. Comece então a virar as cartas, uma a uma, em cima da mesa, a partir da primeira. Você vai encontrar facilmente a carta escolhida: será aquela que aparecer logo antes da carta marcada com a unha do seu polegar. Este é o tipo do truque fácil de fazer e que deixa todo mundo de queixo caído. Mas é para ser apresentado somente uma vez com cada baralho. No máximo duas, senão você acaba ficando zozinho com tantas marcas num mesmo baralho!...

FAÇA SUA MÁGICA O LENÇO ENCANTADO

Para fazer esta mágica basta você ter um pouco de habilidade em manejar os objetos que são usados no truque, para que ninguém o perceba. É recomendável, porém, que você treine bem, antes de convocar a platéia para uma demonstração, para não acontecer um fiasco.

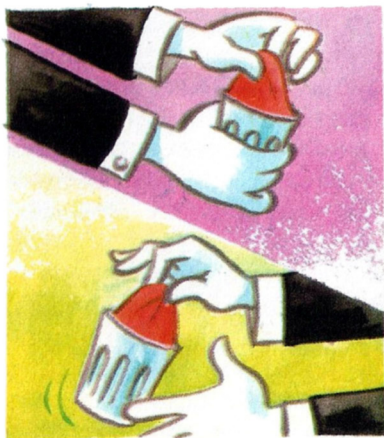
1. Primeiramente o mágico mostra aos assistentes um lenço e sacode-o bem para que todos vejam que não tem nada preso a ele.



2. Depois mostra também um copo vazio.



3. E coloca o lenço dentro do copo, retirando-o em seguida. Nada acontece.



4. Em seguida, depois de alguns "passes mágicos" com as mãos, ele coloca novamente o lenço dentro do copo e, ao ten-

tar retirá-lo, o lenço ficará preso ao copo e é até capaz de suspendê-lo.



O TRUQUE

Quando o mágico mostra o lenço para os assistentes, ele está segurando numa das mãos, por trás do lenço, um palito de madeira (pode ser desses de sorvete), do tamanho

exato do diâmetro do copo.

Ao colocar pela segunda vez o lenço dentro do copo, ele arrumará o palito, esticado sob o lenço, prendendo o lenço na borda do copo. Ele verificará antes se está realmente bem preso, para levantar o copo em seguida.

A EMBARALHADA HISTÓRIA DOS JOGOS DE CARTAS

Os especialistas (a começar pelo Pato Donald, diplomado no assunto) ainda não conseguiram desembaralhar a origem dos jogos de cartas. Um fato é tido como certo: não foi na Europa que eles nasceram. O baralho só apareceu no Velho Continente pelo Século XIV. Ao que parece, foram os árabes que o introduziram na Espanha depois de tê-lo importado da Índia. De lá, os jogos de cartas chegaram à Itália e por fim à França. Já no Século XIV, Veneza produzia jogos de cartas talhados e pintados à mão. Tinham formato quadrado, redondo e alguns eram até ovais!

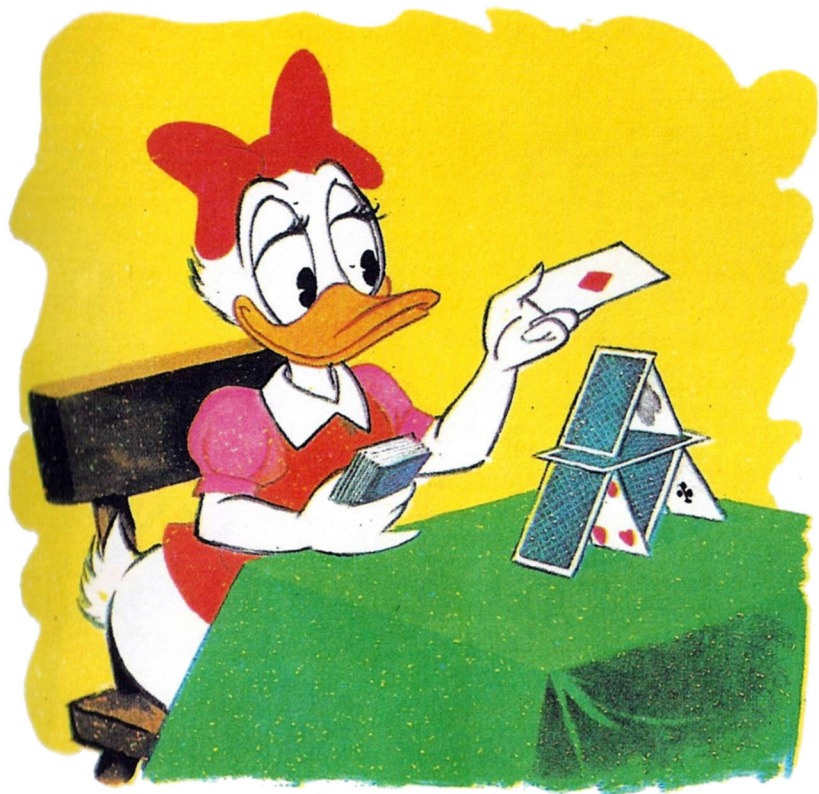
Em 1392 um artesão parisiense, Jacques Gringonneur, confeccionou um jogo especialmente para Carlos VI. Devido a isso, Jacques ficou com a fama de ter inventado o baralho, o que não é verdade.

As figuras — rei, dama, valete — apareceriam por volta de 1550. Na época, o rei de espadas, Davi, simbolizava Carlos VII; a dama de espadas, Palas, representava —

imaginem só — Joana d'Arc; e Ogier, o valete do mesmo naipe, um companheiro de Carlos Magno, e o valete de copas era Lancelote. Os outros dois valetes — Heitor (paus) e La Hire (espadas), simbolizavam dois capitães de Carlos VI. A dama de ouros, Raquel, representava Agnès Sorel, dama de companhia de Maria d'Anjou, rainha de França. A dama de copas, Judite, era Isabeau de Baviera, a própria mulher de Carlos VI, enquanto Argine, dama de paus, era a rainha Maria d'Anjou, mulher de Carlos VII.

E quanto aos naipes? Espadas e ouros simbolizavam as armas da época; paus o guardião da espada, e copas a bravura. O fato é que logo as cartas faziam aparecer numerosos jogos. O escritor Rabelais chegou a registrar 216, a maioria hoje esquecida, tais como: Triomphe (Triunfo), Cent (a Centena), Trente et Un (Trinta e Um). E ainda outros jogos, raramente praticados, tais como: Lansquenet e Piquet (Piquete), Whist (Uíste) e Boston, caídos em desuso e dando lugar ao Pôquer, ao Belote, à popular Canastra e ao Bridge universal.

Ao mesmo tempo em que conquistavam inúmeros aficionados, as cartas faziam surgir duas outras categorias de jogadores: os trapaceiros



— que não mencionaremos aqui — e os manipuladores, capazes dos truques mais incríveis.

Esses mágicos ou manipuladores são tão habilidosos e rápidos em suas execuções que nossos olhos mal conseguem segui-los. É claro que isso é conseguido com horas e horas de treino diário. Bem, mas esses são os

profissionais. Para o amador, como você, também existem muitos truques e jogos divertidos que você poderá apresentar aos amigos. Basta prestar atenção e treinar um pouco, sempre que tiver uma horinha livre. Em pouco tempo você estará fazendo verdadeiras mágicas que irão deixar seus colegas de boca aberta! . . .

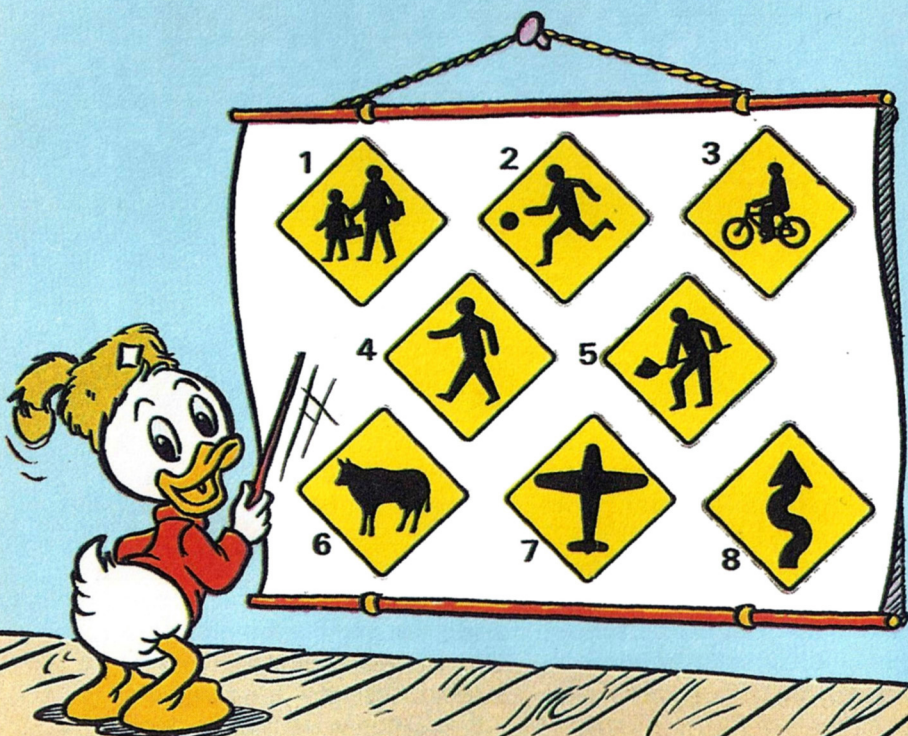
ATENÇÃO! MUITA ATENÇÃO!

Huguinho, Zezinho e Luisinho, como bons Escoteiros-Mirins, conhecem de cor todas as questões de trânsito.

Estas placas indicam que você deve prestar muita atenção ao que

pode acontecer por onde está passando. São **placas de advertência**.

Olhe bem para elas e diga o que cada uma significa. Depois, confira as suas respostas lá embaixo.



Confira suas respostas aqui:

- | | |
|------------------------|-------------------------|
| 1 — Área escolar. | 8 — Pista sinuosa à di- |
| 2 — Crianças. | 7 — Aeroporto. |
| 3 — Ciclistas. | 6 — Cuidado: animais. |
| 4 — Passagem de pedes- | 5 — Obras. |
| 5 — | 4 — |
| 6 — | 3 — |
| 7 — | 2 — |
| 8 — | 1 — |

INVENTOS & INVENTORES



BALÕES E DIRIGÍVEIS



Em 1670, o padre italiano Francisco Lana idealizou o projeto de um “veleiro aéreo”, que não chegou a ser construído. Mas em 5 de agosto de 1709, em Lisboa, o padre brasileiro Bartolomeu de Gusmão realizava sua primeira tentativa de fazer voar um balão.

Após algumas experiências malogradas, ele conseguiu fazer seu **aeróstato** elevar-se no ar. (A palavra **aeróstato** vem do grego **aer** = ar e **statós** = parado, suspenso; ou seja, “suspenso no ar”).

Já em 1782, Joseph Montgolfier, um francês fabricante de papel, des-

cansava diante da lareira de sua casa, vendo como subiam a fumaça e o ar quente. Ele teve um estalo na cabeça e fez um balão de papel de seda, levando sua abertura pouco acima das chamas. Logo o balão se inflou de ar quente e... subiu até o teto.

Daí para diante a história dos balões aeróstatos evoluiu sem parar. Joseph e um seu irmão fizeram balões maiores, ajudados financeiramente por sábios e reis, que assistiam maravilhados aos vôos. Um desses balões alcançou 2 000 m de altitude. Outro levou um carneiro, um pato e um galo.

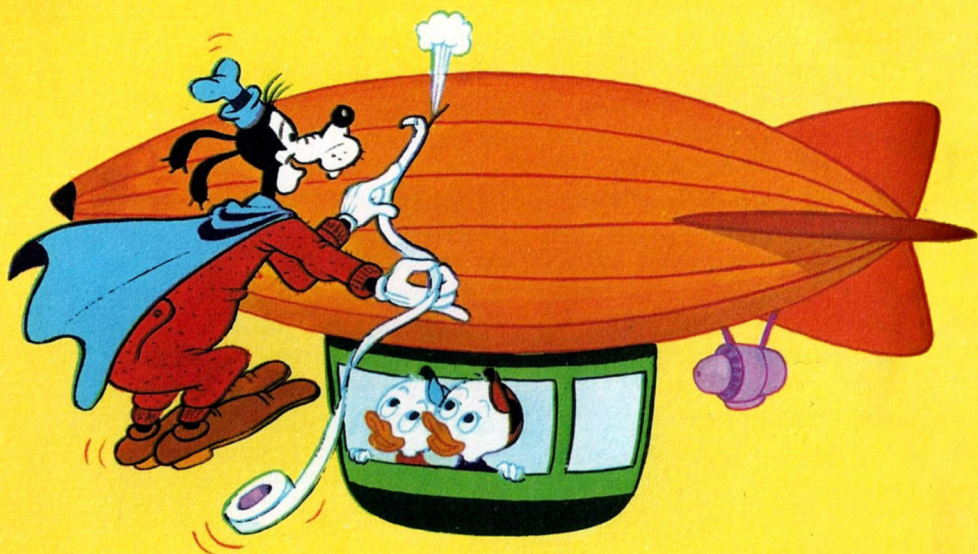
Três meses após a primeira experiência de Montgolfier, Jacques Charles, um físico francês, provou que era mais fácil fazer o aeróstato elevar-se por meio de **hidrogênio**, um gás recém-descoberto. Em agosto de 1783 seu primeiro balão fez um voo de 25 quilômetros. Mas, ao aterrissar, uma multidão de pessoas ignorantes, aterrorizada, o destruiu.

Na época, fazer um voo desses era tão sensacional quanto viajar a Marte, hoje.

E logo apareceram voluntários para o voo seguinte: o jovem físico Pilâtre de Rozier e o marquês d'Arlandes. Eles alcançaram uma altitude de 3 000 metros.

Outra grande proeza realizou, mais tarde, um passageiro de aeróstato: em 22 de outubro de 1797, André-Jacques Garnerin provou que o pára-quedas (idealizado antes por Leonardo da Vinci) era um invento funcional, pulando de uma grande altura sobre a cidade de Paris.





O dirigível já fora idealizado em 1785 por Meusnier, mas só se tornou praticável em 1852. Nesse ano o engenheiro Giffard construiu um globo em forma de charuto, muito comprido. Media cerca de 44 metros e dele pendia um grande cesto. Nesse cesto ia o mecanismo que justificava o nome de dirigível dado ao novo modelo de aeróstato: um motor a vapor, munido de uma hélice, permitia ao piloto dirigir o aparelho para qualquer direção que quisesse.

Modelos mais aperfeiçoados de dirigível foram fabricados pelo conde de

Zeppelin, um general alemão reformado. Embora o governo alemão não tenha se interessado por seu dirigível, o conde construiu um com seu próprio dinheiro e o exibiu em 1900.

Aí o governo viu que o aparelho não era tão maluco quanto parecia, e aprovou verbas para a construção de vários zeppelins, nome dado ao aparelho em homenagem ao seu inventor. O zeppelin viria assombrar o mundo nas inúmeras viagens que fez por vários países (inclusive o Brasil), mas seu inventor morreu numa viagem desastrosa de seu aeróstato, em 1917.

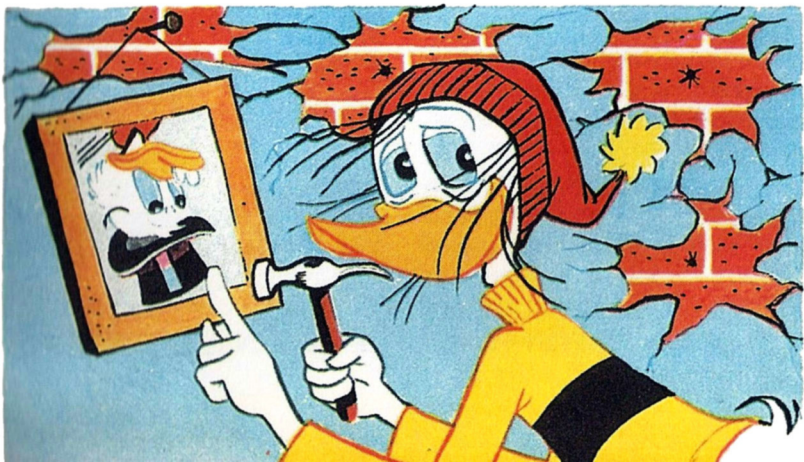
O PREGO E O PARAFUSO

Não se sabe exatamente em que época surgiu o prego, mas ele é bem velho. Calcula-se que seu "nascimento" tenha ocorrido entre 3500 e 3000 antes de Cristo.

Já o parafuso, comparativamente, é mais moderno. No século XVI, os fabricantes de armas e armaduras verificaram que os pregos prendiam melhor se neles fossem feitas algumas ranhuras. Mas esses primeiros parafusos eram também martelados, como os pregos comuns. Não era mole tirá-los depois! Solução achada: fazer um corte na cabeça do parafuso. Para retirá-lo, depois, era só enfiar um instrumento de madeira nesse corte e torcer ao contrário. Pronto: estava inventada a primeira **chave de fenda**. O ano? 1676.

Esses primeiros parafu-

sos, feitos a mão, eram caros. Só eram usados para trabalhos especiais. No fim do século XVIII, um inglês (desconhecido) produziu parafusos melhores mas ainda sem ponta, numa máquina de torner madeira. Isso os tornou mais baratos, podendo ser usados mais frequentemente em portas, móveis, etc. Mas a eficiência da rosca do parafuso era bastante diminuída pelas marteladas. E para introduzir o parafuso era também necessário abrir, antes, um buraco com outro instrumento. Em 1840, os parafusos de madeira foram aperfeiçoados: ganharam pontas e a forma que até hoje apresentam. Hoje, os parafusos de metal são instrumentos utilíssimos em todos os ramos da construção, seja de casas ou de máquinas.



O ANEL



Milhares e milhares de anos atrás, na Idade do Bronze, já existia o **anel**. Quem o teria inventado não se sabe. O que se sabe é que os primeiros encontrados inteiros foram os dos túmulos dos antigos faraós egípcios. Eram muito bonitos, desenhados, feitos de ouro puro e levavam, gravados, os nomes e títulos dos proprietários.

O anel era muito usado na Antiguidade. Os povos que não conheciam bem a escrita usavam anéis com símbolos gravados. Esses signos funcionavam como

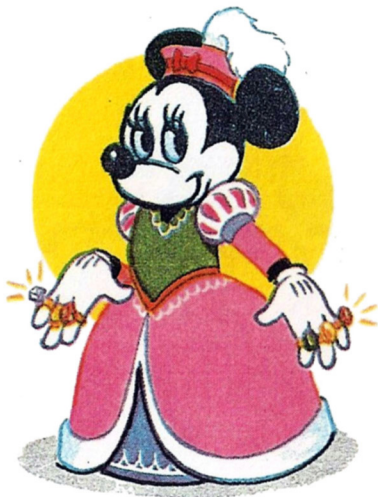
selos para autenticar cartas e documentos: eram os **anéis-sinetes**.



Os anéis antigos eram de ouro, âmbar, ferro, argila esmaltada, pedras duras e marfim. Entre os hebreus, um anel de ouro distinguia o homem rico do pobre, e os filhos dos homens ricos dos filhos dos empregados. Na Grécia antiga, o anel também diferenciava as classes. Em Roma, os homens livres romanos podiam usar um anel de ferro, enquanto aos senadores era reservado o anel de ouro (cá entre nós: que tempinhos chatos, não?)

Com o aparecimento do cristianismo, o anel passou a ser usado principalmente como símbolo de casamento. É que os romanos tinham um antigo hábito: os noivos davam às noivas um anel de ferro. Entre os cristãos, o anel (ou aliança) passou a ser de ouro, metal que simbolizava a verdade e a constância. Era usado no dedo anular porque havia uma crença, conforme as palavras de Santo Isidoro, de que "este dedo se comunica com o coração por meio de um vaso sanguíneo"

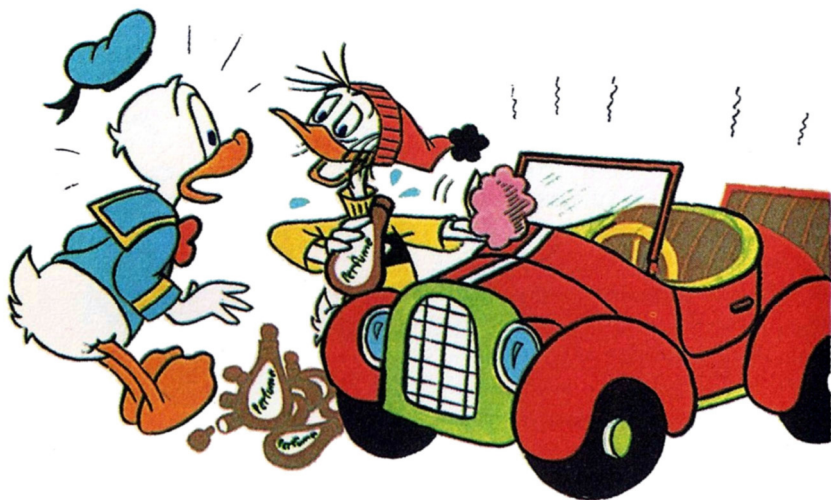
Na Idade Média, os anéis eram usados em todos os dedos (como se vê, essa moda, que a gente julga "moderninha", é na



realidade bem antiga). O Renascimento tornou a criação de anéis uma verdadeira arte, na qual os artistas de Veneza e Florença eram craques.

A técnica da **lapidação** de pedras muito duras começou nos séculos XVII e XVIII, marcando uma nova era na decoração dos anéis. O diamante (a mais dura de todas as pedras) foi cortado pela primeira vez em 1476, mas só foi usado com frequência a partir do século XVII. Já no século XIX veio a moda dos **anéis florais**, em que as gemas eram montadas à maneira de flores. No século XX — especialmente hoje em dia — voltaram à moda os anéis de cobre, aço e ferro.

O PERFUME



Quem não gosta de um bom perfume? Só mesmo o Fiel, coitado, não liga pra isso: pudera, ele perdeu o olfato e até hoje está procurando...

Pinturas e outros achados do Egito antigo demonstram que 3 500 anos antes de Cristo já eram feitos ungüentos aromáticos. Eram usados pela nobreza e a família real com essências vindas da Arábia.

Durante o Império Romano (do século IV a.C. ao V d.C.), o uso do perfume foi intenso: até os animais de estimação das famílias ricas usavam sua dose de essência. A mirra, o almíscar, jacinto, bálsamo temperado, amêndoas e canela

eram algumas das substâncias aromáticas daqueles tempos.

Os árabes e persas foram os que mais contribuíram para o desenvolvimento da perfumaria. O descobrimento do álcool como veículo para o perfume ocorreu pelo século XIV, e foi mais um passo à frente.

Na Idade Média, o perfume tornou-se até uma **necessidade**: em vez de banho, o pessoal preferia usar perfume. No século XVII, a corte de Luís XIV era conhecida como "a corte perfumada". O rei chegou mesmo a ordenar que se usasse cada dia um perfume diferente.

Os inumeráveis perfu-

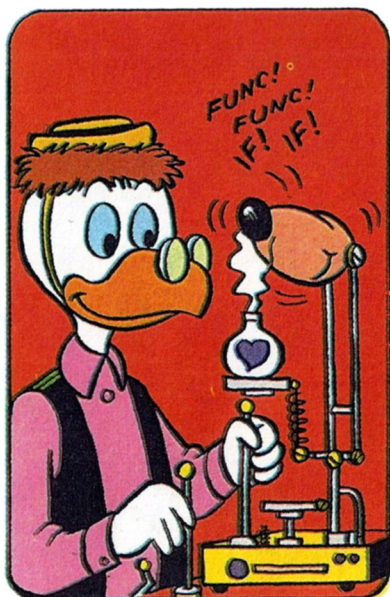
mes existentes vêm da combinação, em doses variadas, de cinco elementos: óleo odorífero, extrato natural de resina, secreção animal, matéria sintética e outras substâncias isoladas.

O óleo odorífero mais procurado provém de flores frescas. As mais utilizadas são: cássia, cravo, jacinto, mimosa, violeta, jasmim, rosa etc. Além das flores, outras partes das plantas podem fornecer boas essências: a folha (de lavanda, alecrim, violeta); a casca (da canela, da cássia); o caule (do gerânio e o patchuli); a raiz (de vetiver e erva-do-espírito-santo); o cerne (sândalo, pau-rosa e cedro); e o fruto (limoeiro, limeira).

Um elemento importante na fabricação dos perfumes é a secreção de certos animais. Ela serve para **fixar** a essência, isto é, para que o perfume não se volatilize logo. O âmbar cinzento, por exemplo, é dos componentes mais caros dos bons perfumes. Ele é obtido do cachalote, uma espécie de baleia.

No século XIX, o progresso da química e, por consequência, o da destilação deram novo impulso à fabricação de perfumes. Em 1850 surgiram os sofis-

ticados perfumes franceses. Nas últimas décadas do século XIX produtos químicos sintetizados permitiriam grande variedade de odores na perfumaria.



O CHEIRADOR ELETRÔNICO

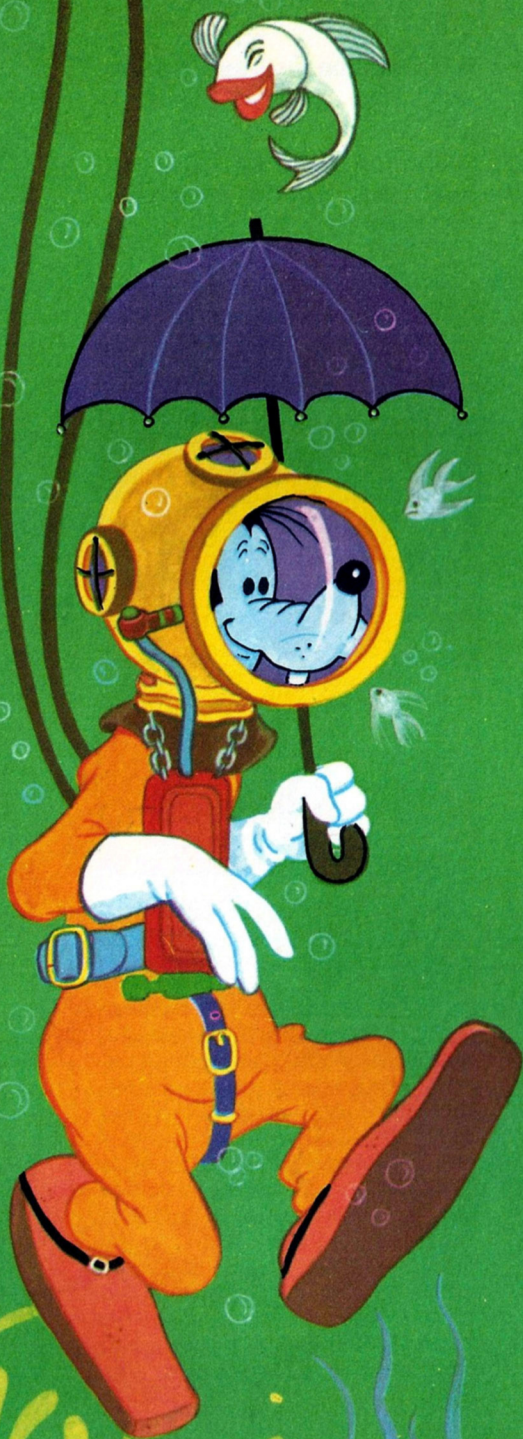
De todos os bilhões de habitantes da Terra, poucos possuem um órgão olfativo seguro e treinado. Mas mesmo estas pessoas só conseguem distinguir apenas uns trezentos aromas diferentes. E a ciência já registrou mais de 10 000 substâncias aromáticas. Por essa razão, a indústria alemã de perfume dispõe de um **computador-nariz** que distingue todos os cheiros e fornece receitas, calcula proporções de misturas indicando o resultado final e até o preço do produto...!

ATÉ DEBAIXO DA ÁGUA

O **escafandro** foi patenteado pelo francês Cabriol em 1862. Era basicamente como o de hoje: um capacete e uma roupa impermeável, ambos completamente vedados à água. O ar é bombeado de uma embarcação por meio de um tubo ligado ao escafandro. Outro tubo recolhe o ar expelido pelo escafandrista.

Ao invento de Cabriol acrescentou-se depois um "pulmão aquático" (**aqualung**, em inglês), inventado pelos franceses Costeau e Gagnan no início da década de 1950. Com ele o homem pode submergir e mover-se livremente debaixo da água. Esse pulmão aquático é uma espécie de garrafa contendo ar comprimido que é respirado pelo mergulhador. Ele tem um dispositivo especial que lhe dá a pressão necessária para enviar o oxigênio ao mergulhador. Em geral o homem leva o pulmão aquático nas costas, em seus passeios pelo mundo submarino.

O **batiscafo** (ou batisfera) é um aparelho de mergulho criado pelo cientista suíço Augusto Piccard.



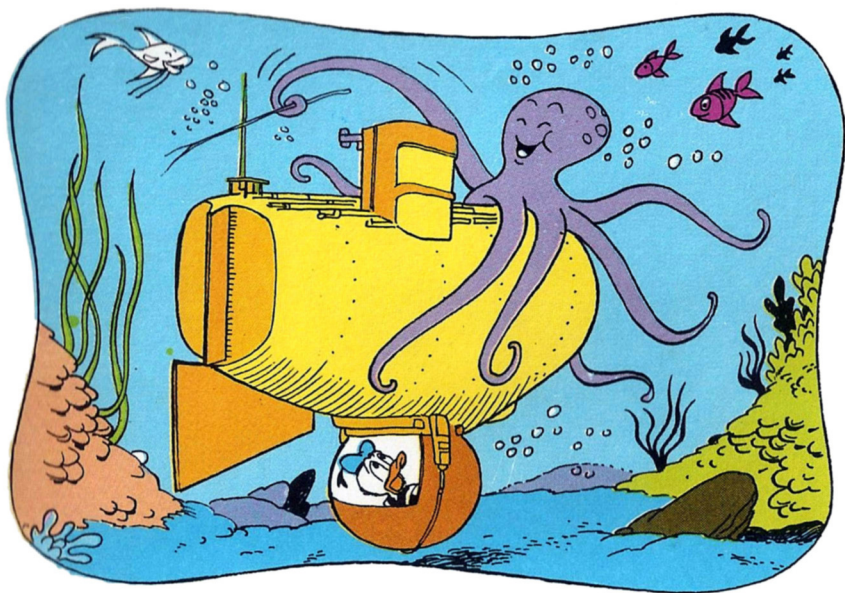
Sua construção foi terminada em 1948. Constava de uma cabina hermeticamente fechada, equipada com visores de plexiglas, para exploração dos abismos submarinos. Era capaz de resistir a pressões de até 5 700 libras por polegada quadrada. O peso da cabina era compensado por um reservatório contendo 7 000 galões de gasolina.

Sendo um líquido bem mais leve que a água, a gasolina funcionava como bóia. Isto quer dizer que o batiscafo somente submergia devido ao **lastro** (peso para dar estabilidade) que levava. Este lastro ficava do lado de fora do casco da cabina, preso pela ação de eletroímãs. Assim, na

hora de emergir, bastava soltar o lastro que o batiscafo subia à tona; era como se estivesse preso a uma bóia forçada a permanecer debaixo da água pela ação de muitos pesos.

Outra vantagem de o lastro estar preso por eletroímãs: no caso de faltar corrente elétrica, o lastro soltava-se automaticamente, fazendo a cabina subir imediatamente à superfície. O batiscafo era também equipado com poderosos faróis, reserva de ar e sistema de radiocomunicações.

Em 23 de janeiro de 1960 o batiscafo de Piccard alcançou o fundo da fossa Mariana, no Pacífico, atingindo a profundidade de 11 930 metros.



HIGIENE, PESSOAL!

Os índios norte-americanos disseram que, de tudo que o homem branco lhe trouxe, a coisa mais preciosa fora o **sabão**. No entanto, a humanidade passou muitos séculos sem este inestimável invento. Na Antiguidade usava-se terra argilosa contendo calcário ou cinza de madeira. Somente no século IV é que surgiu o sabão, no princípio utilizado só para lavar os cabelos.

No século IX desenvolveu-se em Marselha, França, uma importante indústria de sabão. Mas até o século XIV o sabão era empregado apenas pelas pessoas ricas, para a higiene pessoal e lavagem dos te-

cidos mais finos.

Em 1792, o francês Leblanc conseguiu obter soda cáustica do sal de cozinha e, pouco depois, criou-se o processo de saponificação das gorduras. Então a fabricação do sabão se tornou corrente.

Os **sabonetes** são sabões especialmente aromatizados e próprios para o uso sobre a pele. São preparados por saponificação direta da gordura de porco. Sua cor é obtida pela anilina (um corante) que é adicionada durante a mistura juntamente com o perfume. Os sabonetes líquidos são misturas de sabão e água com um pouco de álcool.



AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPIÕES





AVENTURAS SOBRE RODAS

Para fazer exercícios e, principalmente, para economizar gasolina, Patinhas costumava ir a pé para o trabalho. Naquele dia, quando tinha dado uma paradinha na casa do Mickey para tomar um cafezinho feito na hora e grátis, Tio Patinhas resmungou ao ver passar Patacôncio em sua limusine tão comprida que, a 100 km por hora, levava dois minutos para passar inteira pela casa do Mickey:

— Esses quaquilionários de segunda categoria precisam se exibir o tempo todo...

Mickey aproveitou a

oportunidade para mostrar um pouco do muito que sabia sobre a história dos automóveis:

— Foi mais ou menos por isso que os primeiros automóveis foram vendidos, Tio Patinhas. No começo, para ter um carro, a pessoa tinha de ser muito rica e ter espírito esportivo, porque andar naqueles carros barulhentos era mais cansativo do que andar de carruagem!

Não havia mecânicos nem postos de gasolina a cada esquina, como hoje. Quem andava de carro, naquela época, era considerado um grande herói ou

muito maluco.

Um desses foi o barão Theodor von Liebieg que, em 1894, com mais dois companheiros, percorreu 2 500 km de Reichenberg, na Boêmia, a Reims, na França, em 10 dias, a bordo de um "Vitória", modelo de carro de Karl Benz. Lá chegando, entraram na catedral, assistiram à missa e voltaram à Boêmia.

Em abril de 1902, o inglês E. Lehwess e o alemão Max Cudell adaptaram um motor Daimler, de 25 HP, em uma carroceria de ônibus, e partiram de Londres para uma volta ao mundo. Chegaram a

São Petersburgo, na Rússia, a 21 de setembro, depois de atravessar praticamente toda a Europa, e resolveram deixar a volta ao mundo para qualquer outra ocasião.

Quem deu a volta ao mundo foi o americano Charles Glidden. Seu carro era um Napier inglês, construído com rodas especiais para andar sobre trilhos, que levou seis anos para completar a grande viagem!

— Ele ia fazendo negócios pelo caminho? — quis saber Tio Patinhas.

— Acho que não...

— Que desperdício de combustível!...

CORRIDAS NO BRASIL

O automobilismo esportivo no Brasil é coisa do começo do século. Hoje temos Nelson Piquet e Ayrton Senna, antes tivemos Emerson Fittipaldi e José Carlos Pace, e, bem antes, outro grande: Chico Landi.

A primeira corrida aconteceu no circuito de Itapeverica, em São Paulo, em 26 de julho de 1908, sob o patrocínio do Automóvel Clube Paulista.

Na classe motocicletas, o vencedor foi F. Nielsen, na de carros até 20 CV, quem ganhou foi Antônio Prado Júnior e, na classe dos carrões de 30 a 45 CV, venceu Sílvio Penteado.

Em 29 de setembro do ano seguinte, o Automóvel Clube do Brasil organizou a segunda prova brasileira no circuito de São Gonçalo, no Rio de Ja-

neiro, e Gastão de Almeida foi o vencedor.

Somente em 1933 foi inaugurado o Circuito da Gávea, no Rio de Janeiro, também chamado "Trampolim do Diabo". Até 1954, milhares de pessoas amontoavam-se nas calçadas para ver as disputas entre ases como Chico Landi, Rubem Abrunhosa, Carlo Pintacuda, Henrique Casini e Gino Bianco.

Naquela época, as corridas eram organizadas pelo Automóvel Clube do Brasil e tinham o apoio do governo, além da ajuda de alguns estabelecimentos comerciais.

Em 1935, foi inaugurado o Grande Prêmio da Cidade de Porto Alegre e,

em 1936, o Grande Prêmio Cidade de São Paulo. Em 1939, iniciou-se a construção do autódromo de Interlagos, nosso primeiro circuito fechado. A inauguração ocorreu no ano seguinte.

O progresso dos automóveis, porém, começou a revelar as deficiências de nossos circuitos e, com o fim do apoio governamental, nosso automobilismo entrou em recesso. Mas logo, logo, a indústria automobilística começou a crescer no Brasil e o esporte tomou um novo impulso.

E, bem no final de 1968, começou a fase que levaria os melhores pilotos brasileiros à consagração internacional.



DRAGSTERS

Donald estava furioso. Não tinha gostado nem um pouco de ser arrastado pelo Peninha para a tal corrida de **dragsters**, que são carros que alcançam até mais de 300 km por hora em poucos segundos.

— Eu levo uma hora para chegar até aqui e agora a corrida só demora seis segundos!

Realmente, as corridas de **dragsters** são bem originais. O que interessa é a largada: trata-se de uma prova de arrancada, já que

o percurso é uma linha reta de apenas 402,25 m (1/4 de milha).

Um carro que acelera tanto em tão pouco espaço, é claro que precisa ser um carro especial. Mas tudo depende da imaginação do competidor: seu carro pode ter tanto um motor superpreparado, com uma carroceria leve, rodas de trás enormes e as da frente bem fininhas, quanto ser um carro popular, modificado para a prova.

Para quem gosta de corridas de **dragsters**, só a preparação para a largada já é um espetáculo:

os carros alinham-se dois a dois em pistas paralelas e retas, chamadas **pistas de aceleração**.

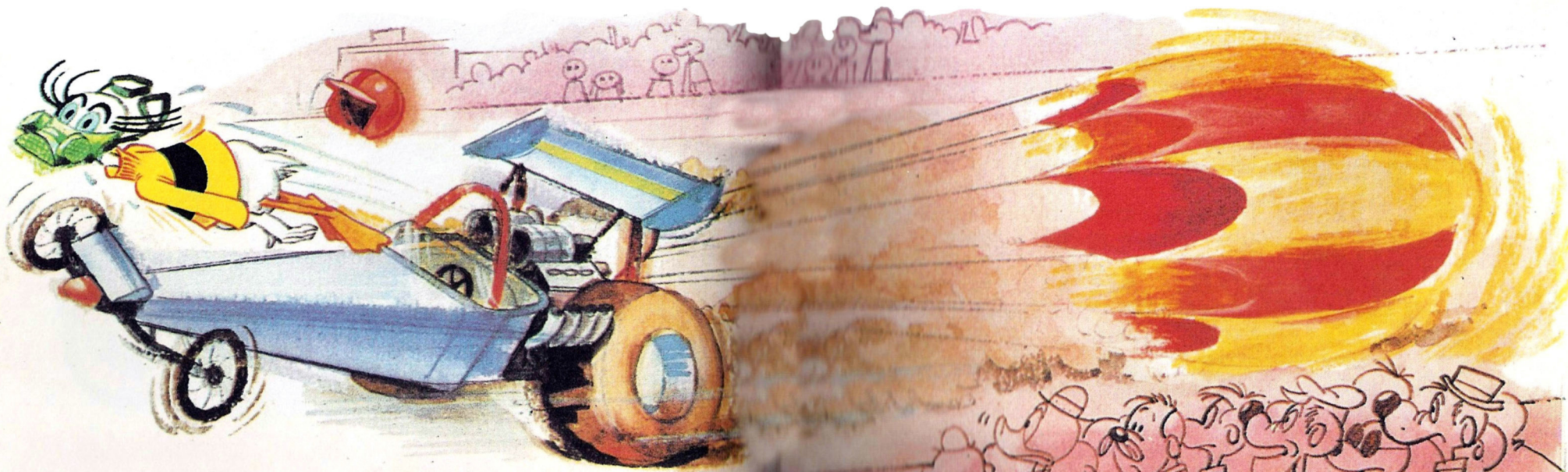
Antes da prova, os pilotos aquecem os pneus traseiros dos carros, atrás da linha de partida, girando-os em falso no chão molhado, para aumentar sua aderência à pista.

Como as corridas são feitas pelo sistema de eliminação, somente dois carros por vez entram na pista. Quando os motores já estão aquecidos, acontece uma barulheira tremenda e o céu fica cheio de fumaça preta. É nessa hora que uma luz amarela

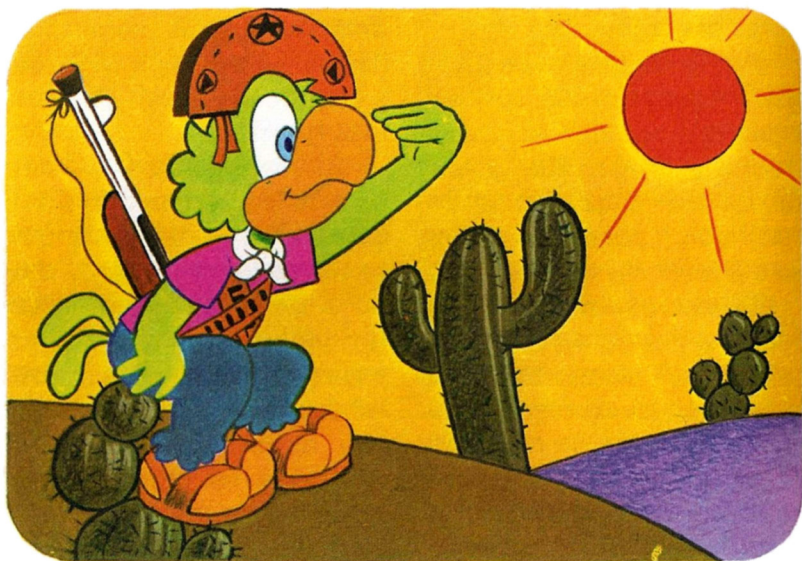
se acende na **árvore de Natal** - como é chamado o sinal de partida dos **dragsters** - e segundos depois já aparece o verde e os pilotos saem em sua louca corrida.

Aí, o problema é frear os bólidos. Apesar de possantes, os freios são incapazes de parar o carro depois de uma aceleração tão violenta. Para resolver esse problema, o carro lança um pára-quedas que diminui a velocidade.

Apesar de curtas, essas corridas são muito perigosas. Os carros podem se partir ao meio, incendiar-se e até explodir!



CANGAÇO E CANGACEIRO



Cangaço é o nome dado ao tipo de vida que levavam os **cangaceiros**. E o que era um cangaceiro? Um fora-da-lei, que vivia no sertão do nordeste brasileiro. O cangaço desenvolveu-se em oito Estados, entre 1894 e 1940. Chegou a ser tão falado que até entrou para a história e o folclore do Brasil.

A origem dos bandos de cangaceiros era sempre uma briga de família. No começo, o cangaceiro lutava a mando de seu "coronel", espécie de mandachuva político do interior. Com as secas de 1825 e 1877, a economia sertaneja

entrou em crise e os "coronéis" perderam o poder. Com isso, os cangaceiros passaram a se agrupar em torno dos líderes surgidos entre eles mesmos, tornando-se independentes.

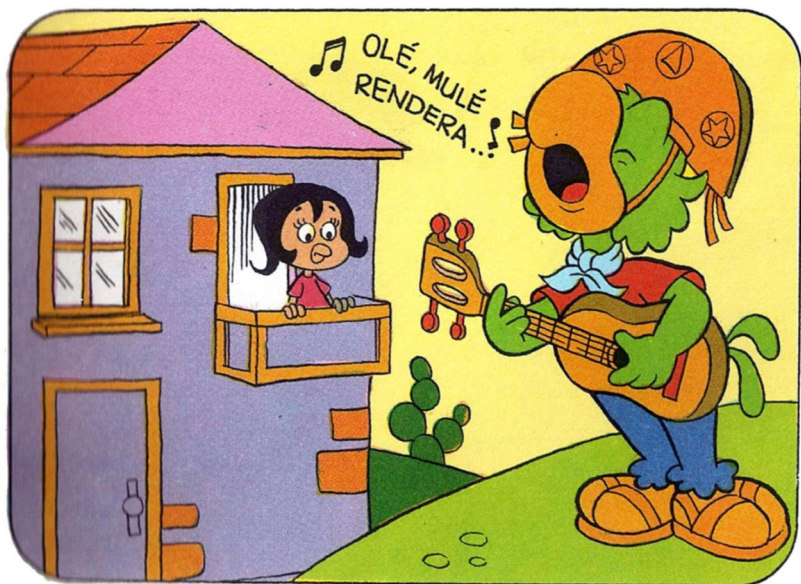
A roupa do cangaceiro era toda de couro, como proteção contra a **caatinga**, vegetação nordestina cheia de espinheiros.

Dos reis do cangaço, dois ficaram particularmente célebres: **Antônio Silvino**, que imperou por 18 anos, até ser capturado em 1914; e **Lampião**, que pôs o nordeste em polvorosa de 1920 a 1939. O mais falado foi Lampião.

Virgulino Ferreira da Silva (seu verdadeiro nome) nasceu a 12 de fevereiro de 1898 (ou 1900, não há certeza), em Vila Bela, atual Serra Palhada, em Sergipe. Tudo começou quando seu pai foi morto por uma **volante** (patrulha policial que saía para prender cangaceiros). Desejando vingá-lo, Virgulino e mais dois irmãos entraram para o bando de Sinhô Pereira e Luís Padre. Ganhou o apelido de **Lampião** por ser rápido no gatilho. É que nos combates noturnos os disparos repetidos davam a impressão de que o fogo da boca de sua arma não se apagava, lembrando a chama de um lampião.

Lampião foi, ao mesmo tempo, ladrão e generoso, hospitaleiro e cruel, amigo e vingativo. Mantinha em seu bando uma disciplina severa. Era médico e enfermeiro de seus companheiros, e, depois que Maria Bonita entrou para o bando e para sua vida, virou também poeta. Os inimigos eram recebidos a tiros, mas os amigos eram recepcionados com festas e boa comida.

Com o fim da carreira de Lampião, em 1939, e após o breve reinado de Corisco, o cangaço chegou praticamente ao fim, permanecendo a figura do cangaço apenas na história, e na lembrança do povo.



DETETIVES DE FICÇÃO

PADRE BROWN

G. K. Chesterton (1874-1936), escritor inglês, é mais conhecido como o criador de um singular personagem em seus contos policiais: o detetive **padre Brown**. A primeira coletânea de contos desse detetive simpático e diferente, "A Inocência do Padre Brown", apareceu em 1911.

O padre Brown é um dos mais interessantes detetives de ficção. Ao contrário de Sherlock Holmes, ele é um homem simples e modesto, não revelando dotes superiores de raciocínio para desvendar os casos

que surgem. A intuição é a sua arma principal, aliada a uma bem-humorada candura. Como padre, ele aprendeu a conhecer bem as fraquezas e os erros humanos, podendo, graças à sua sensibilidade, avaliar as pessoas que encontra como detetive.

Amigo de Flambeau, um ex-ladrão regenerado e agora investigador, o padre Brown está sempre a par dos casos misteriosos de roubos e outros crimes, que ele invariavelmente soluciona com inteligência, mas sempre dentro de sua simplicidade bem-humorada.

MAX CARRADOS

Max Carrados, personagem de novelas policiais que apareceu a partir de 1914, criado por Ernest Bramah, tinha uma característica inédita: era um detetive cego! Mas sua grande inteligência, capacidade de raciocínio e bons ouvidos supriam-lhe a falta de visão, levando-o a descobrir coisas que as pessoas de olhos bem abertos não viam. Aliás, vista boa sempre foi um requisito muito importante para motoristas, mas nunca para detetives cerebrais. Nesse ponto o autor tinha "carrados" de razão...

CHARLIE CHAN

Personagem criado pelo romancista americano Earl Biggers em 1938, **Charlie Chan**, o detetive chinês, caiu logo no gosto do público. Levado para as telas do cinema, fez sucesso, interpretado pelo ator Warner Oland. Ajudado por seu assistente Kirk Barrow, Charlie Chan resolve os casos complicados que se lhe apresentam, raciocinando sabiamente (à moda chinesa). Quando a situação requer ação rápida e enérgica, seu ajudante intervém (à moda ocidental).

As aventuras de Charlie Chan foram levadas para as histórias em quadrinhos pelo desenhista ítalo-americano Alfred Andriola.



DOS CALABOUÇOS ÀS COLÔNIAS PENAIS

O delinqüente que cumpre penas mais leves ou aguarda julgamento está **detido**, cumprindo **detenção**. Os criminosos de alta periculosidade ou os condenados a pesadas penas são encaminhados às **penitenciárias**, onde vão cumprir penas de **reclusão**. Penitenciária é, portanto, o local onde uma pessoa que errou faz (ou deveria fazer) penitência, isto é, arrependida, paga seus pecados.

Antigamente, a prisão tinha o caráter de castigo e vingança da sociedade contra o indivíduo que transgredia as normas sociais. Muitas vezes as penalidades eram mais cruéis do que os crimes cometidos pelos detentos, que sofriam nos calabouços sinistros as torturas mais horríveis e desumanas. Um dos maiores responsáveis pela humanização das instituições penais foi o marquês de Beccaria (1738-1794), criminologista italiano, precursor do Direito Penal moderno. Bec-

caria defendia a posição de que as penas deveriam ser proporcionais à gravidade do crime. Para ele, prevenir o crime era mais importante do que punir o criminoso, muitas vezes fruto dos próprios erros da sociedade. A obra desse ilustre jurista provocou mudanças imediatas nos sistemas carcerários da Itália, Inglaterra, França e outros países.

Uma prisão que entrou na história foi a da **Bastilha**. Construída para ser

uma fortaleza militar, foi transformada mais tarde no primeiro instituto penal da França, onde ficavam encarcerados homens ilustres e criminosos. A tomada da Bastilha, em 1789, início da Revolução Francesa, mudou o curso da história da humanidade.

Uma das penitenciárias mais famosas foi a de **Alcatraz**, em San Francisco (EUA). Situada numa ilha, era considerada à prova de fuga, tanto que os

carcereiros nem usavam armas.

A prisão de **Sing Sing**, em Nova York, ficou célebre por ter sido uma das primeiras a adotar tratamento mais humanitário para os prisioneiros, chegando mesmo a formar uma turma de técnicos em programação de computadores.

A penitenciária de **San Quentin**, na Califórnia, ganhou triste notoriedade por causa de condenados





à morte executados na câmara de gás.

Atualmente, não só em outros países, mas também no Brasil visa-se à renovação do sistema carcerário. Os **Institutos Penais Agrícolas** são um novo tipo de prisão que não tem o mesmo caráter punitivo das velhas penitenciárias. São verdadeiras fazendas (o Instituto de Bauru, SP, tem mais de 350 alqueires), onde os sentenciados vivem praticamente em liberdade, esforçando-se para se reintegrar na sociedade. Ali o preso é chamado de reeducando. Para ele poder ir a um Instituto Penal, deve ter cumprido, numa prisão, a me-

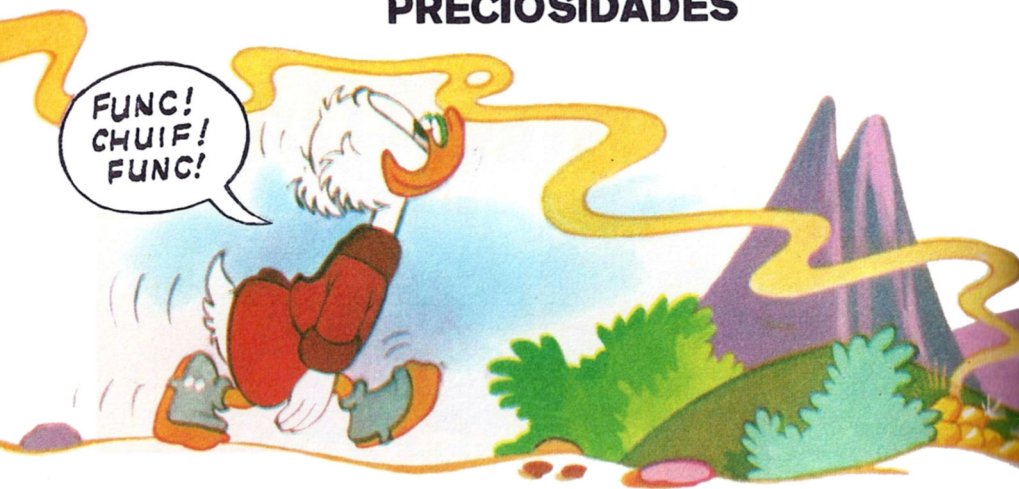
tade da pena a que foi condenado, se ela não for superior a três anos; se for superior, o reeducando deve ter cumprido pelo menos um terço da pena.

A liberdade de que gozam os reeducandos é um crédito de confiança e uma oportunidade de reintegração social que lhes oferecem essas colônias penais, deixando-lhes a escolha do seu próprio caminho. Por isso a maioria procura corresponder a essa confiança, e são poucos os reeducandos que fogem. No caso de uma fuga, eles são geralmente recapturados e perdem o direito de ficar novamente numa colônia penal.

O DINHEIRO DA MESADA



TÉCNICAS PARA DESCOBRIR PRECIOSIDADES



Antigamente, quem desejava fazer fortuna descobrindo ouro e outras riquezas tinha que andar e trabalhar muito, fazendo escavações e pesquisas pessoais a torto e a direito, usando como "método" apenas o "olhômetro", força de vontade e perseverança. Tio Patinhas, além do "olhômetro" usa mais o "cheirômetro", pois é tão entendido no assunto que é capaz de farejar ouro à distância; mas Tio Patinhas é um só...

No velho Oeste americano do tempo das dili-

gências, dos mocinhos e bandidos, a água era uma preciosidade. Os criadores de gado necessitavam desesperadamente de água naqueles vastos campos secos. Iam, então, à cidadezinha mais próxima a fim de contratar um "feiticeiro de água", uma pessoa que se dizia capaz de localizar lençóis subterrâneos. O "feiticeiro", segurando com as duas mãos uma forquilha de madeira, vasculhava os campos com a haste do meio apontada para cima; quando a ponta da haste apontasse para baixo,

"estava localizada a água".

Atualmente há várias técnicas, cada vez mais avançadas, para facilitar a descoberta de preciosidades.



MÉTODOS GEOLÓGICOS

A ciência geológica é aplicada, entre outras coisas, para identificar depósitos minerais; os geólogos sabem que certos minérios existem em determinados tipos de rochas e solo. Por exemplo, cobre, zinco e chumbo geralmente ocorrem nas rochas ígneas. O diamante é encontrado principalmente em depósitos aluviais de seixos, areia ou argila, ao lado dos minerais quartzo, ouro, platina etc.

MÉTODOS GEOFÍSICOS

Consistem no emprego de aparelhos para detectar preciosidades ou depósitos minerais.

O **magnetômetro** acusa a presença de corpos magnéticos, como a magnetita, normalmente associada a outros minerais como o cobre, zinco e chumbo.

O **gravímetro** indica a diferença de densidade dos minerais; é empregado para a procura de depósitos de cromo.

O **voltímetro** detecta depósitos de minérios que possuem propriedades elétricas.

O **galvanômetro** mede a intensidade das correntes elétricas que são injetadas no subsolo para se saber a natureza do mesmo. O cobre, por exemplo, é ótimo condutor de eletricidade.

Pelas **ondas de som** pode-se saber a natureza de uma rocha e a estrutura geológica de um terreno. Por meio desse método, mais comumente chamado "método sísmico", se pode achar lençóis de petróleo.

O **contador Geiger** detecta depósitos de urânio e tório através das radiações emitidas por esses elementos.

Há também o **detector de cintilações**, um aparelho mais sensível que o contador Geiger.

MÉTODOS GEOQUÍMICOS

São processos que consistem em analisar quimicamente os traços dos metais no solo, na vegetação ou nas águas correntes. A análise química de um pedaço de rocha ou terreno pode conduzir a depósitos de vários minérios.

Muitas vezes, para se descobrir minerais ou outras preciosidades, são utilizados todos esses métodos em conjunto.

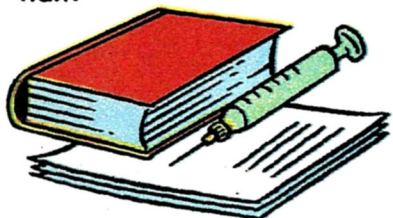
IMPOSTOS E TAXAS

Todo governo, seja federal, estadual ou municipal (prefeitura) pode trabalhar e manter-se financeiramente graças aos pa-

gamentos feitos pelos contribuintes. As principais fontes de receita (arrecadação) do governo são os impostos e taxas.

Imposto é a contribuição obrigatória de cada cidadão para o custeio das despesas públicas. Sua finalidade é fornecer recursos à administração pública no atendimento das necessidades coletivas: serviços e obras, educação e saúde, manutenção da ordem interna e defesa do território nacional etc. Há impostos federais (como o IPI — Imposto sobre Produtos Industrializados, Imposto de Renda), estaduais (como o Imposto de Circulação de Mercadorias — ICM) e municipais (como os Impostos Predial e Territorial).

Taxa é o pagamento devido em troca de algum serviço público. Por exemplo, todo dia um caminhão da prefeitura passa à sua porta e recolhe o lixo. Para esse serviço, que dá despesas para a prefeitura, você (ou seu pai) paga uma taxa. Vale dizer, só paga quem tem esse serviço (coleta de lixo), bem entendido. É muito bom a gente abrir uma torneira de casa e ter água corrente, na pia ou no chuveiro, não é? Pois para isso o governo teve e continua tendo muitas despesas. É por isso que a gente paga a taxa de água e de outros serviços públicos.



PEDRAS PRECIOSAS

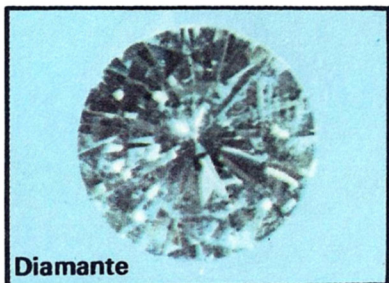


O leigo, isto é, quem não é especialista, chama de pedra preciosa toda pedra bonita, cara e rara. Mas para os **gemólogos**, que são os estudiosos do assunto, uma pedra preciosa é simplesmente um mineral que se cristalizou de determinada maneira e que possui certas propriedades como cor, brilho, dureza, raridade e pureza. Em alguns países a denominação de **pedra preciosa** só é dada ao diamante, rubi, safira e esmeralda.

O diamante é considerado a mais preciosa de todas as pedras. É um carbono puro cristalizado e a pedra de maior brilho e dureza que existe. Por isso, é também usado como ponta de instrumentos cortantes. Geralmente é incolor, mas reflete raios

azuis e brancos, e quanto mais azulados, melhor. O diamante de segunda classe é o que dá reflexos branco-amarelados, branco-acastanhados ou branco-azulados. Há também o diamante negro, que é muito raro. O diamante, para ser de boa qualidade, deve ter uma transparência absoluta. O mais perfeito do mundo é o Hope, que tem 44,4 quilates e é todo azul.

Depois do diamante, as pedras mais preciosas são o rubi e a safira. O rubi é vermelho, a safira é azul, mas existem também safiras brancas, verdes e amarelas. Depois do rubi e da safira vem a esmeralda, muito rara no Brasil, embora tenham existido, na nossa História, muitos caçadores de esmeraldas.



Diamante

PRINCIPAIS PEDRAS PRECIOSAS E SEMIPECIOSAS

Ágata — Variedade de quartzo, apresenta faixas curvas de cores diferentes, geralmente vermelhas, castanhas, brancas, cinzas e cinza-azuladas.

Água-marinha — constituída de berilo, é uma pedra semipreciosa, transparente, característica do Brasil. Geralmente é azul-clara com nuances de verde.

Ametista — é uma variedade

do quartzo. Sua cor varia de um leve violeta-azulado até um vermelho-púrpura. Às vezes é negra.

Diamante — os mais valiosos são os incolores, denominados de primeira água, mas há os azuis, verdes, vermelhos, amarelos, negros e carbonados. É o rei das pedras preciosas e os de grandes dimensões são raríssimos.

Esmeralda — é uma variedade verde do berilo e sua cor é proveniente de partículas de óxido de cromo.

Granada — tem geralmente cor vermelho-escuro, mas encontram-se também amarelas, verdes, castanhas, alaranjadas,

incolores e até negras.

Lápis-lazúli — é um mineral opaco de intensa e bela cor azul, às vezes com manchas douradas de pirita.

Onix — variedade muito fina de ágata, também chamada "olho-de-gato".

Opala — variedade de quartzo, azulada, apresenta-se em muitas cores: o verde de esmeralda, o vermelho de rubi e o azul-claro de safira.

Rubi — pedra transparente, de viva cor vermelha. A espécie mais rara e valiosa é o rubi oriental, de grande dureza.

Safira — linda pedra transparente de cor azul, com matizes que vão do azul-celeste ao

azul-marinho.

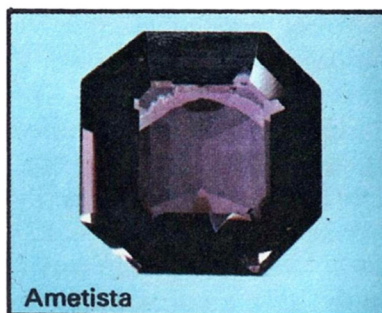
Sardônica — espécie de calcedônia, que é uma variedade do quartzo, de cor cinza-alaranjada.

Topázio — pedra de grande dureza, é normalmente amarela. Mas há também topázios de um azul-celeste e outros incolores e límpidos. Os mais belos são de um amarelo-limão muito brilhante.

Turmalina — pedra semipreciosa, abundante no Brasil; tem quase tantas cores como o arco-íris. Há as castanhas, vermelhas, azuis e mesmo negras. A turmalina verde também é conhecida como "falsa esmeralda do Brasil".



Água-marinha



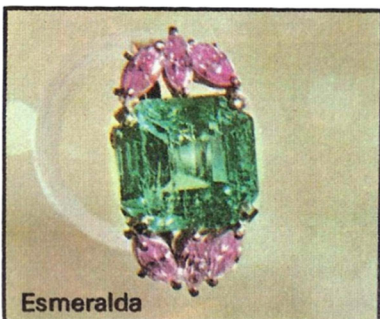
Ametista



Rubi



Safira



Esmeralda



Opala



Topázio



Turmalina verde

PRINCIPAIS PEDRAS PRECIOSAS E SEMIPECIOSAS

Ágata — Variedade de quartzo, apresenta faixas curvas de cores diferentes, geralmente vermelhas, castanhas, brancas, cinzas e cinza-azuladas.

Água-marinha — constituída de berilo, é uma pedra semipreciosa, transparente, característica do Brasil. Geralmente é azul-clara com nuances de verde.

Ametista — é uma variedade

do quartzo. Sua cor varia de um leve violeta-azulado até um vermelho-púrpura. Às vezes é negra.

Diamante — os mais valiosos são os incolores, denominados de primeira água, mas há os azuis, verdes, vermelhos, amarelos, negros e carbonados. É o rei das pedras preciosas e os de grandes dimensões são raríssimos.

Esmeralda — é uma variedade verde do berilo e sua cor é proveniente de partículas de óxido de cromo.

Granada — tem geralmente cor vermelho-escuro, mas encontram-se também amarelas, verdes, castanhas, alaranjadas,

incolores e até negras.

Lápis-lazúli — é um mineral opaco de intensa e bela cor azul, às vezes com manchas douradas de pirita.

Ônix — variedade muito fina de ágata, também chamada "olho-de-gato".

Opala — variedade de quartzo, azulada, apresenta-se em muitas cores: o verde de esmeralda, o vermelho de rubi e o azul-claro de safira.

Rubi — pedra transparente, de viva cor vermelha. A espécie mais rara e valiosa é o rubi oriental, de grande dureza.

Safira — linda pedra transparente de cor azul, com matizes que vão do azul-celeste ao

azul-marinho.

Sardônica — espécie de calcedônia, que é uma variedade do quartzo, de cor cinza-alaranjada.

Topázio — pedra de grande dureza, é normalmente amarela. Mas há também topázios de um azul-celeste e outros incolores e límpidos. Os mais belos são de um amarelo-limão muito brilhante.

Turmalina — pedra semipreciosa, abundante no Brasil; tem quase tantas cores como o arco-íris. Há as castanhas, vermelhas, azuis e mesmo negras. A turmalina verde também é conhecida como "falsa esmeralda do Brasil".



Água-marinha



Ametista



Esmeralda



Opala



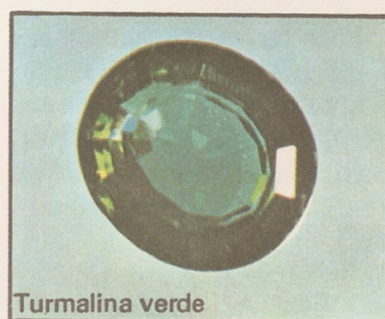
Rubi



Safira



Topázio



Turmalina verde

JUROS - USURA E USURÁRIOS - TABELA PRICE

O professor Ludovico foi ao escritório do Tio Patinhas para pagar uma dívida.

PRONTO, PATINHAS! EIS OS 100 CRUZEIROS QUE VOCÊ ME EMPRESTOU!

ESPERE AÍ, LUDOVICO! SÃO 140 CRUZEIROS! EU LHE EMPRESTEI 100 A 20 POR CENTO DE JUROS AO MÊS, HÁ DOIS MESES! VOCÊ ME DEVE 140!



— Mas isso é um roubo! É **usura**! — protestou o professor. — Vou processá-lo, seu explorador!

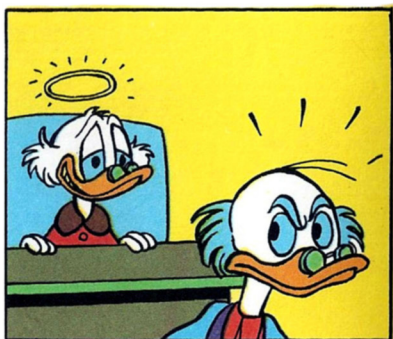
Diante da ameaça, Tio Patinhas “afinou” logo.

— Eh, eh... você tem razão. Eu me enganei... A gente não pode se enganar? Eu ia dizer 2 por cento... claro! Dois por cento de 100 em dois meses... são 4. Você me deve 104 cruzeiros!

— Pois sim! Você não me engana. Pensou que

eu iria concordar porque sou meio distraído, não é?

— esbravejou o professor, pagou e foi embora, resmungando.



Juro é o preço que se paga pelo uso de dinheiro emprestado. Antigamente, até a Idade Média, o empréstimo a juros era proibido, dando-se-lhe a denominação pejorativa de **usura**. Diziam que o dinheiro não gera dinheiro e que exigir lucro de uma quantia emprestada era aproveitar-se da situação difícil dos outros para explorá-los. Só era permitido empréstimo sem juros. A maioria dos empréstimos era para consumo.

fins do século XV começaram a aparecer limites de juros. Passou-se a distinguir **juro** de **usura**. Juro era a taxa permitida em lei, cobrada sobre dinheiro emprestado; usura era uma taxa superior ao limite máximo permitido — era o lucro excessivo. Henrique VIII, rei da Inglaterra, fixou o limite de 10% ao mês, em 1541. Em 1713, a taxa já tinha sido reduzida para 5%. Em 1927, finalmente, o limite foi fixado em 4%.

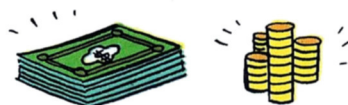


TABELA PRICE

Essa tabela é 'muito empregada no cálculo de juros em grandes transações; por exemplo, na compra e venda de uma casa, em que uma vultosa soma de dinheiro deve ser paga em parcelas mensais. Ela estabelece uma média de juros, para que a dívida possa ser paga em prestações iguais, sem prejuízo nem para o devedor nem para o credor.

Com o progresso do mundo o dinheiro passou a ser aplicado na produção, de modo que parecia justo que o credor recebesse uma parte do lucro sob a forma de juros. Nos

O TESOURO NACIONAL — O BANCO CENTRAL



O TESOURO NACIONAL

Tudo que um país possui em dinheiro, bens, propriedades — riquezas, em fim, é chamado **tesouro nacional**. Mas esse nome aplica-se também à repartição do governo federal encarregada de recolher e distribuir as rendas públicas, isto é, o dinheiro que vem dos impostos, taxas etc. Essas rendas são reunidas no sistema administrativo brasileiro sob o Ministério da Fazenda, que administra as propriedades do Tesouro Nacional e a aplicação das rendas nas obras do governo.

O BANCO CENTRAL

O Banco Central é o banco dos bancos — uma instituição que presta aos outros bancos os serviços que estes oferecem aos seus clientes. Os bancos nele depositam dinheiro e dele o retiram.

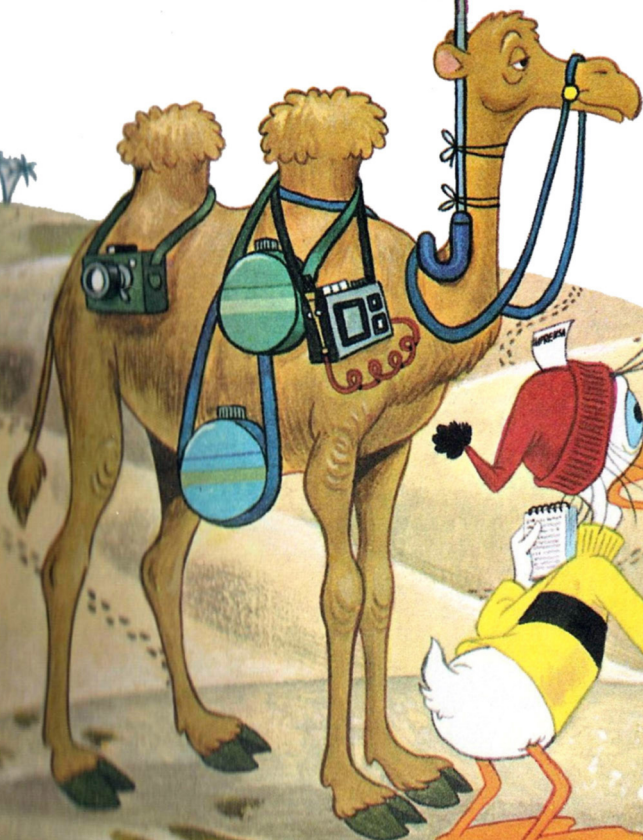
Vocês já devem ter re-

parado que nas nossas cédulas de dinheiro está escrito, no alto: **BANCO CENTRAL DO BRASIL**, não é? Pois é: uma das funções do Banco Central é efetuar emissões de dinheiro — em moedas metálicas ou em papel-moeda. É o banco do governo federal, que a ele recorre quando surgem problemas de dinheiro ou de crédito. As operações do governo são de proporções muito grandes e um banco comum não estaria em condições de atendê-las.

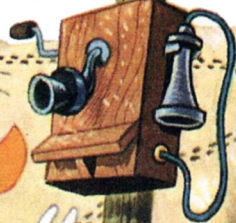
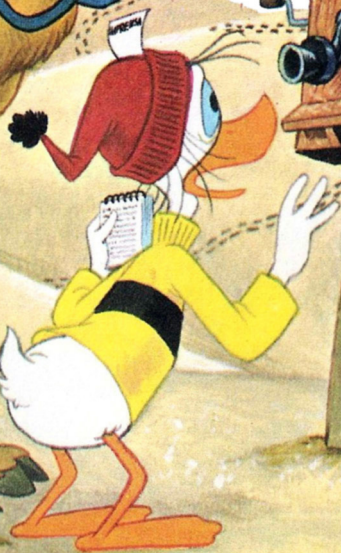
As atribuições essenciais deste órgão são três: controle do crédito, execução da política monetária e financeira (interna e externa) e fiscalização dos organismos de que se compõem os mercados financeiro e cambial.



FIQUE LIGADO!



DESLIGADO
PARA REFORMA



O PROGRAMA DE ENTREVISTAS

Sempre há muita curiosidade sobre a vida, as idéias e as opiniões das pessoas conhecidas do público, sejam elas artistas, políticos, jogadores de futebol, profissionais bem-sucedidos, enfim, gente famosa.

São, portanto, essas pessoas as convidadas para participar de programas de entrevistas.

Por serem populares e famosos, ou porque podem falar sobre um assunto que no momento é notícia, os entrevistados respondem perguntas feitas para esclarecer o telespectador.

Um acidente aéreo, trágico,

por exemplo, vai fazer com que as emissoras convidem especialistas em aeronáutica para entrevistá-los, tentando esclarecer as causas do acidente.

A entrevista é tão comum em televisão como nos jornais e revistas, pois é uma técnica do jornalismo. Ela aparece não só nos telejornais, mas também nos programas de serviços e documentários.

O apresentador, em geral, é sempre o mesmo, simpático e com facilidade para conversar, enfim, perguntar o que o telespectador, em casa, gostaria de saber se pudesse falar.



A produção que prepara o roteiro e o próprio entrevistador têm que conhecer a vida do entrevistado e o assunto que será discutido, para tentar esclarecer o público, além de chamar a sua atenção para o programa.

Boa parte do sucesso dos programas de entrevistas está na figura do apresentador, que deve conquistar o telespectador e também se parecer com ele, ser uma pessoa comum e falar de um jeito que todos entendam.

A maior parte dos cenários desses programas lembra a sala de estar de uma casa, para que o telespectador se sinta à vontade, como se estivesse recebendo o entrevistado em sua própria casa.

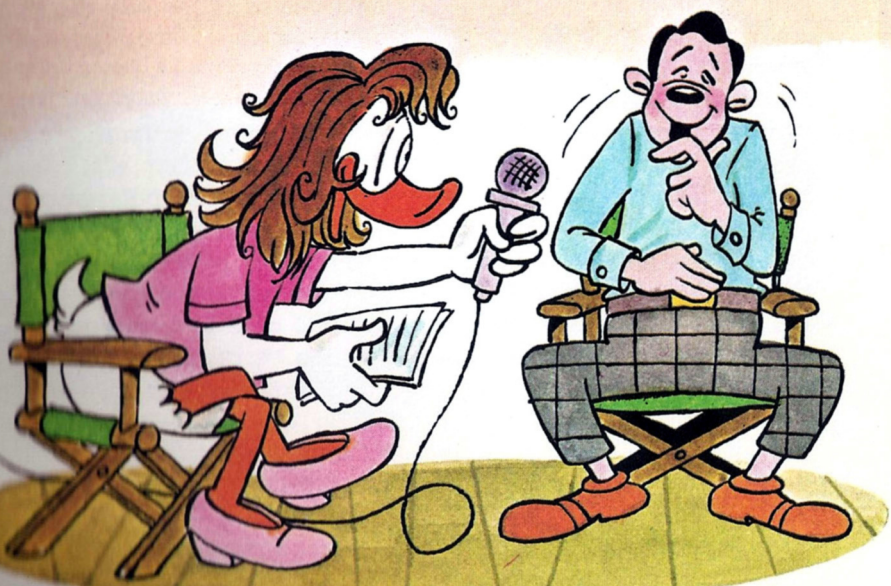
Há muitos profissionais que se dedicam a esse trabalho, enfrentando dificuldades

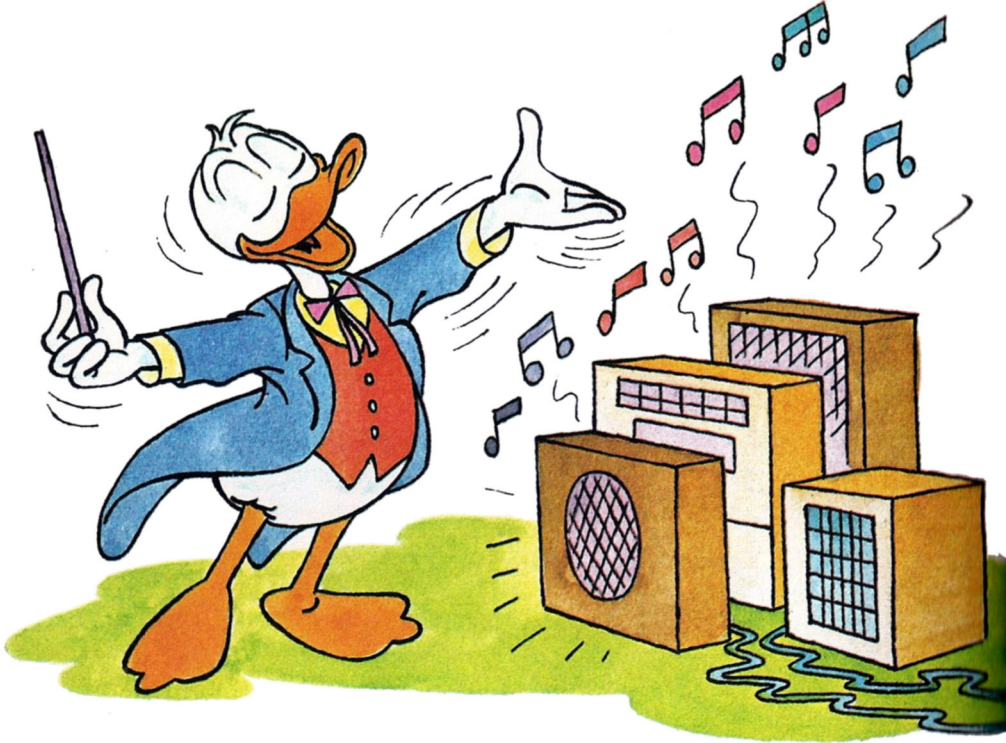
na hora de entrevistar certas pessoas.

Muitas coisas atrapalham uma entrevista: a timidez, por exemplo; o entrevistado que fala pouco; o que não pára de falar; ou o especialista, que complica as respostas, usando uma linguagem que o público não consegue entender.

Todos esses são os "inimigos" do entrevistador, que transformam o que deveria ser uma simples conversa em uma verdadeira batalha.

Na televisão brasileira, bons entrevistadores são Roberto D'Ávila, Roberto Feith, Ney Gonçalves Dias, Marília Gabriela, Irene Ravache, Roberto Muller e outros, em programas seja de forte cunho jornalístico, como "Conexão Internacional", ou mais amenos.





PROGRAMAS MUSICAIS

Música também é diversão e merece destaque na televisão.

Os programas musicais são uma antiga tradição na TV brasileira. Tanto apresentam cantores consagrados pelo público como os "calouros", pessoas que esperam ser reconhecidas por seu talento.

Para que a TV se diferencie do rádio ao apresentar cantores, organiza programas de auditório, onde, além de serem vistos pelos telespectadores, os intérpretes são aplaudidos (ou vaiados) por um público presente à gravação do programa.

Outra maneira de valorizar um número musical é apresentar o cantor ou cantora interpretando uma música, de acordo com a letra. Se uma canção fala de mar, por exemplo, o intérprete está em um barco ou perto do mar.

Essas produções são relativamente caras, pois envolvem muitas gravações em externa ou diferentes cenários e figurinos para um só número, com somente alguns minutos de duração.

Os artistas estão descobrindo que um tempinho na TV é muito importante para o seu sucesso. Além de atingir

muita gente, uma canção pode se tornar inesquecível, se a televisão souber criar uma bela e agradável situação para apresentá-la.

Por isso, a maior parte das estrelas da música internacional, junto com seus novos LPs, produz *video-tapes* com suas músicas, para fornecer às emissoras de TV.

A maior dificuldade das gravações musicais em externa é a colocação dos microfones, quando um intérprete canta pilotando uma asa

delta, correndo pela praia ou dançando na chuva.

Certas situações exigem um recurso técnico muito utilizado em TV, que é a *dublagem*.

O cantor grava a cena cantando, mas a sua voz não é gravada, só os movimentos de sua boca, para dar a impressão de que está cantando. Depois disso, toda uma equipe irá fazer a dublagem e, se o resultado não for bom, com certeza você perceberá ao assistir o programa.



OS PRIMEIROS CINEGRAFISTAS



Quando o cinema apareceu, ele não foi encarado apenas como uma arte, mas também como uma nova forma de fazer jornalismo. Tanto assim que as primeiras filmagens de Lumière (inventor do *cinematógrafo*), Gaumont e Méliès **documentavam** cenas como a chegada de um trem ou uma lição de como andar de bicicleta.

Mas foi Felix Meguisch o primeiro repórter cinematográfico contratado para via-

jar pelo mundo filmando tudo o que lhe parecesse interessante. Ele até ganhou o título de "Caçador de Imagens", quando filmou, em Paris, o desfile da vitória das Forças Aliadas, na I Guerra Mundial, em 14 de julho de 1919.

A reportagem científica foi iniciada pelo dr. Doyen, que, em 1899, realizou uma série de documentários médicos. Em 1908 apareceu o primeiro documentário cinematográfico de atualidades,

o *Pathé Journal*, instalado numa sala de projeções, em Paris. Em 1927, com o *Fox Movietone News*, o primeiro jornal narrado, os cinegrafistas ganhavam um novo recurso: o som.

Outro gênero de documentário que apareceu em seguida foi o *travelogue*, ou narrativa de viagens. Os repórteres cinegrafistas pioneiros no gênero foram H. G. Pointing, que, em 1912, filmou cenas do pólo Sul, e Robert Flaherty, que explorou o norte do Canadá para filmar *Nanook, o Esquimó*, completado em 1912, e

também viveu na ilha de Samoa, para filmar *Moana*.

Na reportagem científica, destacaram-se Jean Pailevé, com *O Polvo* (1926) e *O Hipocampo* (1932). Outras películas que se tornaram marcos do início do jornalismo cinematográfico são *Viagem ao Congo* (1928), de Marc Allegret; a série de filmes africanos de Jean Rouch; a reportagem sociológica *A Linha Geral* (1929), do russo Sergei Eisenstein, e o documentário *Turksib* (1929), de Victor Turin, sobre a construção da ferrovia Turquestão—Sibéria.

NOTÍCIAS ELETRÔNICAS

Quando Peninha está num local distante — digamos, no Extremo Oriente — e quer mandar uma notícia urgente para *A Patada*, recorre ao **telex**. É um aparelho que recebe e transmite mensagens a distância. O seu transmissor tem teclas como uma máquina de escrever. De um lado da linha, é datilografada a mensagem. Do outro lado da linha, o receptor

do telex recebe radioimpulsos que acionam suas teclas automaticamente, reproduzindo as palavras transmitidas pela estação de origem.

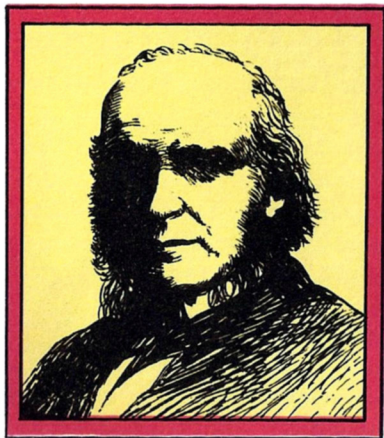
Se o Peninha quiser completar a notícia com ilustrações, poderá enviar **radiofotos**, fotografias transmitidas a distância através de ondas de rádio. O telex e a radiofoto são recursos modernos utilizados pela imprensa.



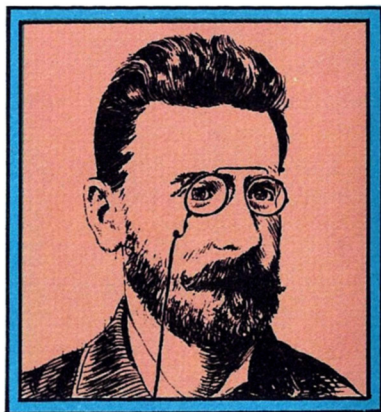
GRANDES JORNALISTAS

GREELEY

No século passado era comum na imprensa a figura do **superjornalista**, que era ao mesmo tempo proprietário e editor do seu jornal. Ele dirigia a empresa e também escrevia editoriais e artigos de fundo em defesa de suas idéias. Horace Greeley era assim. Através do seu jornal *New York Tribune* fez grandes campanhas contra a escravidão, o alcoolismo e em favor da conquista e desenvolvimento do oeste. Fundou o semanário *Weekly Tribune* que, em 1860, bateu o recorde mundial de circulação, com 200 000 exemplares, tornando-se o jornal de maior prestígio nos Estados Unidos. Greeley era americano e viveu de 1811 a 1872. Foi um pioneiro da imprensa moderna, expandindo a cobertura jornalística a campos até então ignorados.



PULITZER



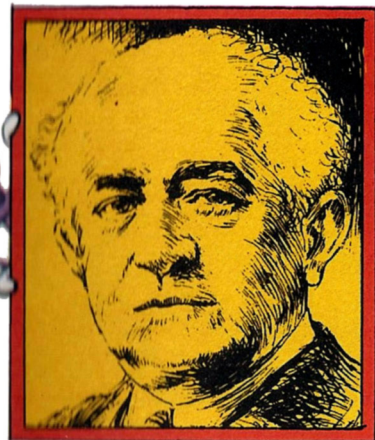
Não existem crimes, trapagens, vícios que devam ficar em segredo. Revelem e denunciem esses fatos pela imprensa e um belo dia o público não os admitirá mais." Assim pensava Joseph Pulitzer, um dos maiores jornalistas do século passado. Aos dezessete anos, em 1864, deixou sua Hungria e emigrou para os Estados Unidos. Começando como repórter, em 1883 já era dono do *New York World*, jornal que tornou popular com manchetes chamativas e com uma novidade: histórias em quadrinhos. Ao morrer, em 1911, Pulitzer deixou um verdadeiro império jornalístico e uma doação para o Prêmio Pulitzer, que se tornaria a mais importante láurea para jornalistas e escritores, nos Estados Unidos.





OCHS

Adolph Ochs sempre esteve ligado aos negócios jornalísticos. Nascido em 1858 nos Estados Unidos, começou como jornalista, tornando-se depois *boy*, aprendiz impressor, compositor tipográfico e, por fim, editor. Em 1878, com vinte anos, adquiriu o *Chattanooga Times* e transformou-o num dos mais importantes jornais americanos. Em 1896 obteve o controle do *New York Times*, então em má situação financeira. Dos 9 000 exemplares que vendia nessa época passou a vender 466 000 diariamente e 730 000 aos do-



mingos em 1934. Ochs conhecia perfeitamente todo o processo jornalístico. Ele não só renovou o *New York Times*, como influenciou o moderno jornalismo internacional.

HEARST

William Randolph Hearst foi o mais célebre magnata da imprensa americana. Filho de

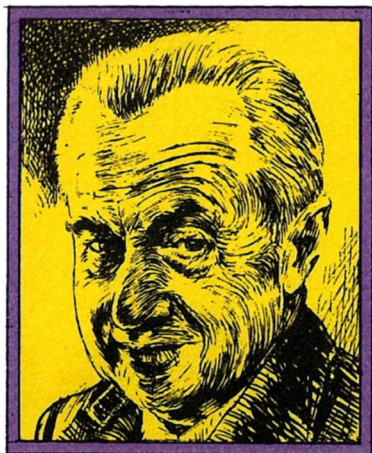
um senador milionário, nasceu em San Francisco em 1863. Dirigiu o jornal *San Francisco Examiner* para seu pai e, em 1895, comprou o *Morning Journal*, de Nova York, que logo tornou famoso. Contratou os melhores profissionais, introduziu histórias em quadrinhos, páginas em cores, dando



destaque aos artigos sensacionalistas e ao noticiário policial. O sucesso levou-o a fundar um verdadeiro império jornalístico, que incluía trinta diários, além de revistas e negócios na indústria cinematográfica. Fundou duas revistas importantes: *Cosmopolitan* e *Harper's Bazaar*. Hearst morreu em 1951.

BEUVE-MÉRY

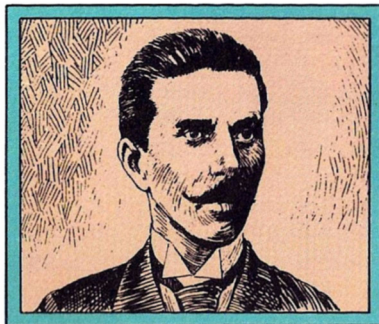
Hubert Beuve-Méry nasceu em Paris no ano de 1902. Antes de se tornar diretor de *Le Monde*, um dos maiores jornais da França e do mundo, Beuve-Méry lutou muito. Para poder sobreviver e estudar, teve até de trabalhar como carroceiro. Durante a Segunda Guerra Mundial, lutou na Resistência Francesa contra a ocupação



alemã. Em 1944 passou a dirigir o jornal *Le Monde*, levando-o a vender 500 000 exemplares diários na França e no mundo inteiro. *Le Monde* é a primeira experiência bem sucedida de um jornalismo de crítica e análise. E até hoje segue os ideais jornalísticos de Beuve-Méry: independência, rigor e objetividade de informação.

JÚLIO MESQUITA

Nascido em Campinas (SP) em 1862, formou-se em Direito em São Paulo aos 21 anos. Cedo abraçou a causa republicana e atuou como polí-



tico. Mas sua vocação era o jornalismo. De colaborador de *A Província de S. Paulo*, de Francisco Rangel Pestana, que depois se chamaria *O Estado de S. Paulo*, Júlio Mesquita passaria a ser o responsável pelos destinos do grande jornal. Nas batalhas políticas da época, *O Estado* chegou a constituir um verdadeiro partido de oposição. Júlio Mesquita faleceu em 1927, mas teve em seu filho Júlio de Mesquita Filho um continuador de sua obra, um jornalista tão respeitado como foi o pai.

CHATEAUBRIAND



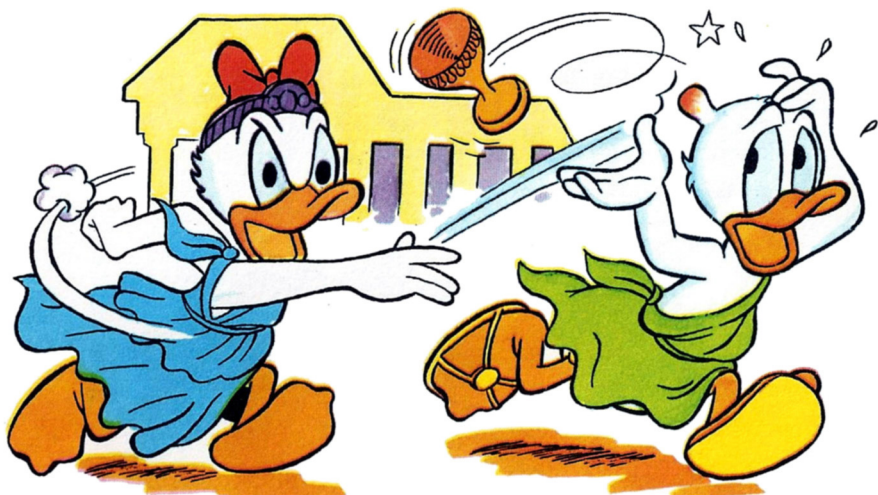
O Brasil também teve seus superjornalistas. Um deles foi Assis Chateaubriand. Nasceu na Paraíba em 1892, já era catedrático de Direito Romano aos 22 anos. Criou a primeira cadeia jornalística do Brasil, os *Diários Associados*, que em certa época se tornou um verdadeiro império. Foi o introdutor da televisão no Brasil, através da *TV-Tupi*. Faleceu em 1968.



FEITICOS & FEITICÉIROS



JUNO, A GRANDE CIUMENTA



Juno (Hera para os gregos) era a rainha do Olimpo, a superdeusa, esposa do chefe Júpiter. Símbolo sagrado da mulher, protegia as mães e os nascimentos. Seu defeito era ser muito ciumenta, mas é que Júpiter era um inveterado "paquerador". Os atritos do casal retumbavam por todo o

Olimpo em forma de trovoadas. Na *Ilíada*, Homero conta que uma vez Júpiter ficou tão furo que prendeu as mãos de sua esposa com um laço de ouro e suspendeu-a no espaço, por cima das nuvens! Mas, logo após essas divinas brigas, Júpiter acabava sempre perdendo sua bela e fiel esposa.

CERES E A NATUREZA

O mito de Ceres ou Deméter, deusa protetora dos campos e da agricultura, estava ligado a várias lendas que procuravam explicar como a natureza é às vezes pródiga, às vezes avarenta.

A mais famosa dessas lendas é a do rapto de sua filha Prosérpina por Plutão, o deus dos infernos, que a tor-

nou sua esposa. Irrada por causa desse rapto, Ceres tornou a terra estéril, forçando Júpiter a obter a liberdade da jovem. Só depois de muito tumulto no Olimpo é que Plutão e Ceres fizeram um acordo: Prosérpina ficaria dois terços do ano com a mãe e um terço com o esposo.

A LENDA DE SIEGFRIED E BRUNHILDE

Siegfried era o Hércules da mitologia germânica. Além de ser um super-homem, um semideus, possuía uma espada mágica e invencível chamada Balmung. Sobre tudo isso, era o respeitado possuidor do tesouro dos Nibelungen (Nibelungos), povo de anões mágicos das montanhas que guardavam as minas e os tesouros enterrados. E ao vencer os Nibelungen, Siegfried apossou-se também do barrete encantado do duende Fafner, o qual dava a seu possuidor a faculdade de se tornar invisível.

Bem longe dali, além do vasto oceano, reinava no rico país da neve uma solitária rainha guerreira chamada Brunhilde. Sua extraordinária beleza já havia atraído para o reino diversos pretendentes reais. Mas a orgulhosa Brunhilde tinha decidido que só aceitaria ser esposa do homem que a vencesse num duelo a espada. E

como tudo indicava não haver no mundo homem capaz de vencê-la, todos os seus pretendentes pagaram com a vida a ambição de desposá-la.

No fundo do coração, porém, Brunhilde desejava encontrar um guerreiro capaz de derrotá-la. E num sonho ela havia visto um homem poderoso, que um dia haveria de vir desafiá-la. De certa forma ela esperava ansiosamente esse dia.



Gunther, o ruivo rei dos burgúndios, era um dos pretendentes à mão de Brunhilde ainda vivos. Apesar de ser forte e bom guerreiro, sabia que normalmente não teria condições de enfrentar Brunhilde. Aconteceu, porém, que ele soube da existência de Siegfried, o conquistador do tesouro dos Nibelungen e possuidor da espada Balmung, o único homem no mundo capaz de vencer a indomável rainha do país da neve.

Chamado ao palácio real, Siegfried conheceu a loura Kriemhilde, irmã do rei, e por ela se apaixonou, pedindo-a em casamento. O rei, então, entrou com o seu jo-

go: concederia a mão de sua irmã a Siegfried, desde que este o ajudasse a vencer a rainha Brunhilde. O herói concordou.

Tempos depois, o rei Gunther e sua comitiva, acompanhados de Siegfried, chegavam à Islândia, o país da neve, onde reinava Brunhilde.

Chegando a caravana ao palácio real, Siegfried adiantou-se e declarou à rainha Brunhilde o objetivo daquela visita: Gunther, o rei dos burgúndios, estava ali para pedi-la em casamento. Brunhilde reconheceu imediatamente em Siegfried o homem com quem sonhara e ficou decepcionada ao saber

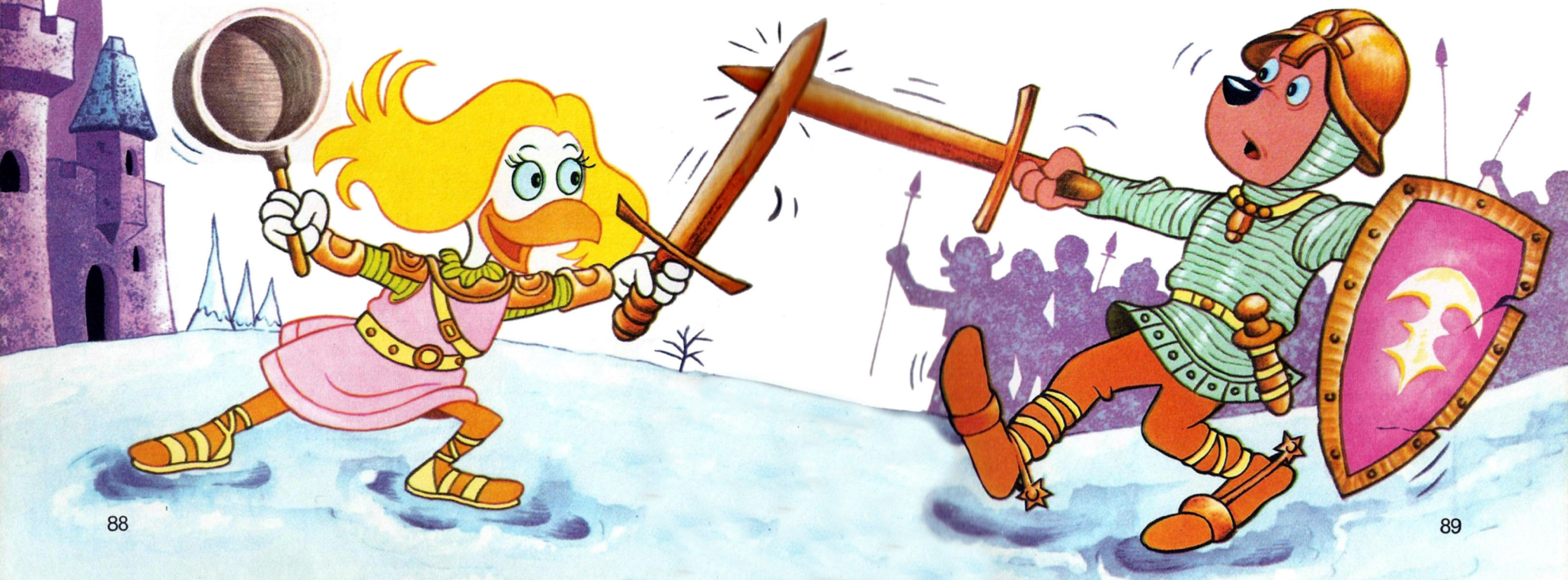
que o seu pretendente era outro. Mesmo assim, aceitou o desafio de Gunther e, pouco depois, mais formosa do que nunca, reapareceu vestindo trajes guerreiros e armada de escudo e espada.

Diante da silenciosa e preocupada multidão de espectadores, teve início o duelo. Em pouco tempo, a superioridade de Brunhilde foi-se impondo.

Vendo que Gunther seria derrotado, Siegfried resolveu intervir. Tornando-se invisível ao colocar na cabeça o barrete mágico arrebatado do anão Fafner, foi ajudar Gunther. Então, de repente, o rei dos burgúndios adqui-

riu força e habilidade desconhecidas. Embora parecesse que era Gunther quem vibrava a espada, na verdade era Siegfried. E a orgulhosa Brunhilde teve de se confessar vencida, caindo aos pés de Gunther.

Assim, Brunhilde abandonou sua Islândia da neve eterna e foi ser a rainha de um outro reino, menos frio e mais apazível, a terra dos burgúndios, onde foi recebida com grandes festas e entusiasmo popular. Às margens do Reno foram celebradas com pompa as núpcias de Brunhilde e Gunther, ao mesmo tempo que as de Kriemhilde e Siegfried.



AS PROFECIAS DE JEANE DIXON



Profecia é a predição do futuro, é dizer hoje o que irá acontecer amanhã ou mais tarde. A Bíblia fala muito de profetas e um dos mais célebres foi Isaías. Mas quem pensar que profetas e profecias são coisas do passado estará enganado. Nos dias de hoje, uma norte-americana, Jeane Dixon, tornou-se mundialmente conhecida pelas suas extraordinárias profecias.

Tantas foram as predições que se realizaram, que até um livro foi escrito sobre elas: *O Dom da Profecia: A Fenomenal Jeane Dixon*. Filha de imigrantes alemães, desde criança ela manifestou possuir uma espécie de sexto sentido, isto é, um sentido além dos cinco normais, comuns a todo ser humano. Conta-se que, quando tinha oito anos, uma cigana leu as linhas da mão

de Jeane e ficou admirada com os sinais que ela apresentava. Deu-lhe então uma bola de cristal, declarando que Jeane iria conseguir ver coisas extraordinárias através dela, pois era uma vidente de grande poder.

Jeane realmente veio a usar essa bola de cristal e através dela fez muitos vaticínios. Mas foi também capaz de prever o futuro simplesmente tocando uma pessoa com a ponta dos dedos. Assim fazendo, ela já "adivinhou" o passado, o presente e o futuro de muitas pessoas que jamais tinha visto antes. Mas as profecias mais importantes que fez lhe surgiram sob a forma de visões totalmente espontâneas e inesperadas.



Quando soube da tragédia, a vidente explicou que, ao tocar na mão da estrela, vira o símbolo da morte sobre ela, bem acima do solo, quando no solo havia vida.

Vamos recordar aqui algumas de suas profecias mais famosas. Se você não conhece, seu papai deve saber quem foi Clark Gable. Era um dos artistas mais populares do cinema nos anos 40, casado com outra atriz famosa na época, a bela Carole Lombard. Certa vez, apresentaram Jeane Dixon à estrela num salão de beleza. No momento em que lhe apertou a mão, Jeane sentiu um terrível pressentimento. Disse-lhe então que ela não deveria viajar por via aérea nas semanas seguintes; mais precisamente, durante seis semanas. Sorrindo, Carole respondeu que teria de viajar de avião, a serviço dos bônus de guerra. Final da história: o avião caiu e Carole morreu.



Em 1944, Jeane previra que o presidente Roosevelt teria pouco tempo de vida. Bem, ele faleceu em 1945.

Em 1947, previu que o grande líder do povo hindu, Gandhi, seria assassinado dentro de seis meses, o que realmente veio a ocorrer em 1948. Em 1952, Jeane teve uma visão: nela, uma nuvem negra pairava sobre a Casa Branca, a residência do presidente dos Estados Unidos. Este "aviso" foi seguido de vários outros. Jeane chegou, mais tarde, a descrever a figura do presidente que "seria eleito em 1960" e morreria de forma trágica. Na manhã do dia 22 de novembro de 1963, Jeane

ne declarou a um músico seu amigo, Charles Benter, da Marinha americana, que aquele seria o dia da tragédia. Tentou até avisar o presidente, mas ninguém a levou a sério. Pois naquele dia John Kennedy, presidente dos Estados Unidos, foi assassinado a tiros.

Jeane Dixon passou a ser respeitada e é considerada, por essas e outras profecias notáveis, a maior vidente da atualidade. Por onde se vê que o chamado sobrenatural não é tão sobrenatural assim, afinal de contas.



SORTE & SUPERSTIÇÃO



AS CARTAS NÃO MENTEM

Dizem que as cartas não mentem. Claro que falamos das cartas de baralho. Mas suas previsões podem dar certo ou errado. Quando as previsões não se realizam, explica-se que o erro não foi das cartas, mas da sua interpretação. Por outro lado, quando alguma profecia se cumpre, dizem os céticos que se trata de mera coincidência.

A **cartomancia** é a arte de adivinhar pela leitura e interpretação das cartas de jogar. Para prever o futuro (especialmente em relação à sorte e ao destino das pessoas) ou descobrir fatos des-

conhecidos do passado e do presente, a **cartomante** consulta as cartas que deita na mesa. Para ela, cada carta tem um significado, que só tem valor a partir do momento em que é interpretada em conjunto com as outras.

Cada adivinho tem métodos próprios e pessoais, porque segue um certo dom intuitivo de adivinhação. Mas, de modo geral, os quatro diferentes naipes do baralho significam:

OUROS — infelicidade; pessoas de cabelo louro ou alourado;

PAUS — felicidade; pes-

soas morenas ou de cabelo castanho-escuro;

ESPADAS — infelicidade; pessoas morenas ou de cabelo castanho-escuro;

COPAS — felicidade; pessoas loiras ou alouradas.

A coisa é bastante complicada, pois, além dos diferentes naipes, cada carta pode significar algo. As **figuras**, por exemplo, correspondem, de modo geral, a:

REI — homem casado;

DAMA — mulher;

VALETE — homem jovem, solteiro.

As cartomantes costumam utilizar um baralho de

32 cartas (do Sete ao Ás), em que as figuras só têm uma cabeça. Isso porque, quando as figuras aparecerem invertidas na consulta, terão significados diferentes, geralmente opostos ao que representam na posição normal.

A cartomancia originou-se no antigo Egito, quando apareceram as primeiras cartas. Depois difundiu-se entre os árabes, os gregos e todos os povos do Oriente Próximo. Na corte de Luís XIV, rei de França, e durante o império napoleônico, a cartomancia esteve em voga.

HA' UMA TERRÍVEL E DIABÓLICA MULHER INTERFERINDO NO SEU CAMINHO... E PARA SE LIVRAR DISSO, TERIA QUE ME LEVAR PARA JANTAR NO...



A SORTE EM 24 IDIOMAS



Alemão		Glück	Inglês		luck
Árabe		haz	Italiano		fortuna
Dinamarquês		lykke	Japonês		un
Espanhol		suerte	Norueguês		lykke
Esperanto		ŝanco	Polonês		szczeście
Finlandês		onni	Português		sorte
Francês		chance	Rumeno		noroc
Grego		tí'chi	Russo		schástye
Hebraico		masal	Servo-croata		sreća
Holandês		geluk	Sueco		lycka
Húngaro		szerencse	Tcheco		štěstí
Indonésio		untung	Turco		talih

JÁ O TROGLODITA SABIA

Foi um acontecimento propiciado pelo acaso que levou os estudiosos a concluir sobre o aspecto mágico da pintura rupestre (pintura em pedra) do homem primitivo, através das descobertas feitas numa caverna, na Espanha. No verão de 1879, Maria, uma meni-

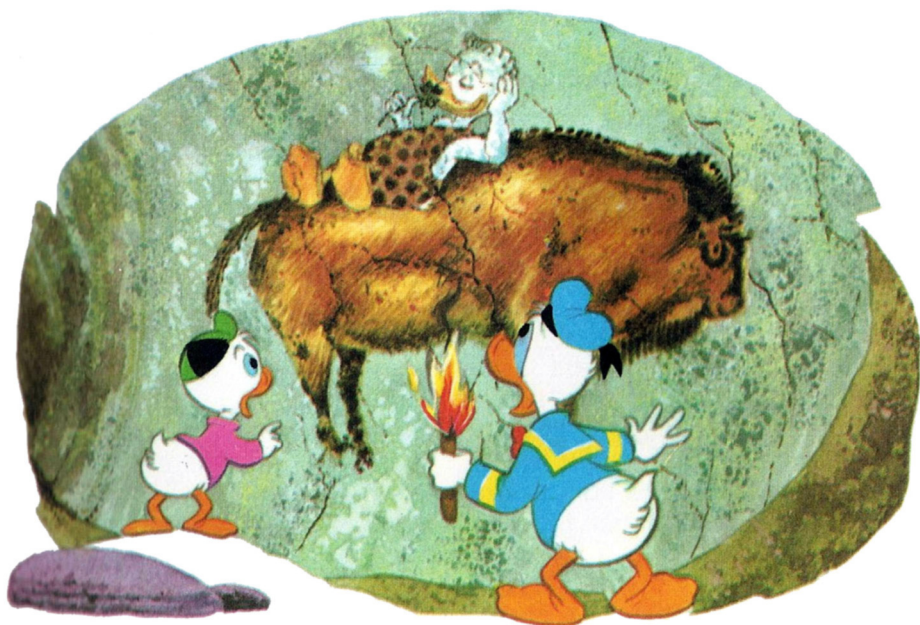
na de doze anos, surpreendeu o mundo com uma descoberta acidental. Seu pai, Dom Marcelino de Sautuola, costumava passar as férias nos arredores de Altamira. Sabendo da existência de uma caverna inexplorada no local, ele resolveu ir até lá à procura de objetos de pedra

e osso. No quarto ano de buscas, levou junto sua filha Maria, que fixou sua atenção numa série de figuras pintadas na parede da caverna. Eram imensos bisões pretos e vermelhos.

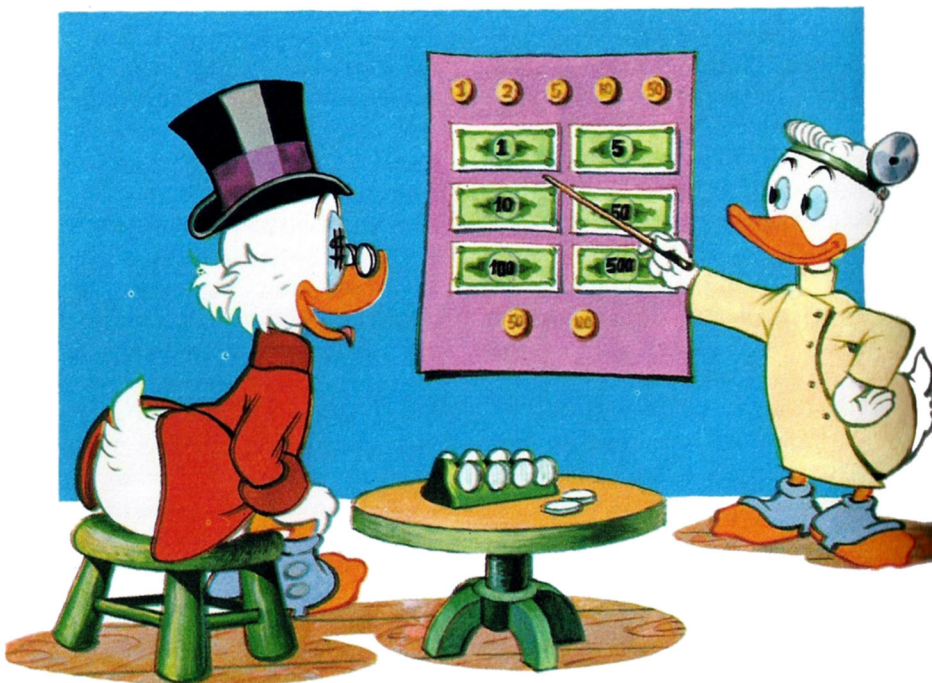
Dom Marcelino comunicou a todos que sua filha havia descoberto pinturas da época do Paleolítico Superior (30 000 a 10 000 a.C.). Mas ninguém deu crédito à revelação. Como teria uma menina achado, por sorte, uma pintura tão antiga?

Somente em 1902, dois arqueólogos franceses confirmaram que as pinturas rupestres eram realmente do Paleolítico Superior, pois os animais neles retratados tinham desaparecido no fim desse período.

É claro que depois disso a caverna ficou sendo muito badalada por arqueólogos do mundo inteiro, que iam lá estudar os hábitos do homem primitivo. E muitos deles chegaram à surpreendente conclusão de que o homem das cavernas já tinha suas noções sobre **sorte** e **azar**. Tanto assim que pintava aqueles enormes bisões na pedra, objetivando com isso invocar a ajuda de poderes sobrenaturais para obter êxito na caça, vital à sua sobrevivência. De onde se conclui que a noção de sorte e azar vem desde os tempos pré-históricos, sempre ligada a idéias de poderes mágicos, misteriosos e que estão além do controle humano.



PROVÉRBIOS DA SORTE E DO AZAR



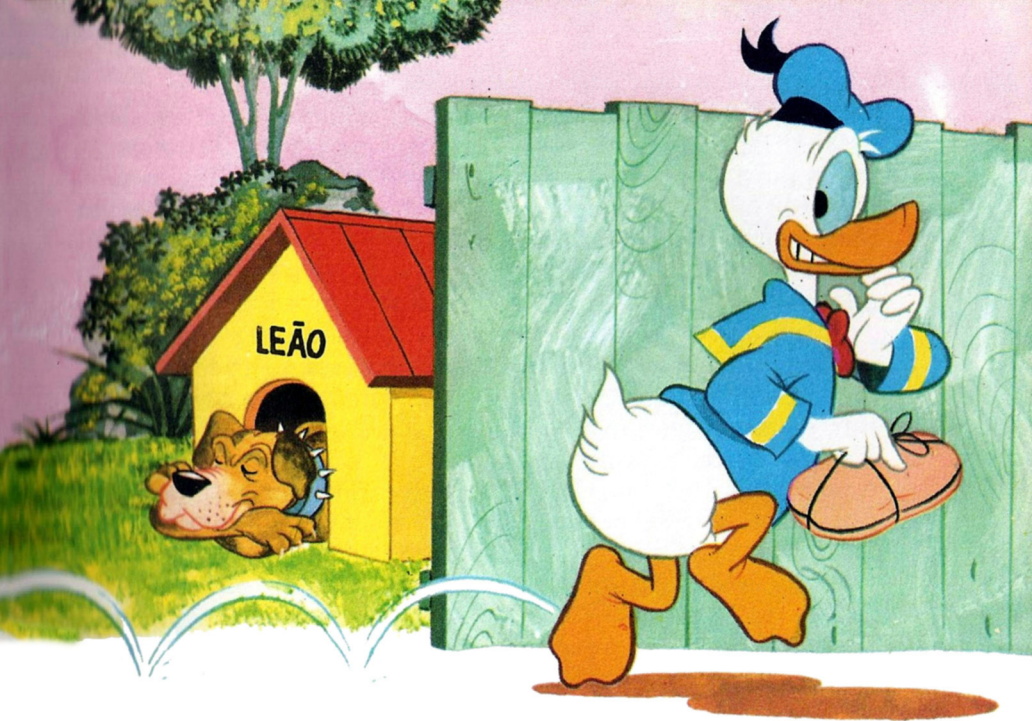
As idéias de sorte e azar obcecaram o homem desde os tempos primitivos. Podemos verificar a presença dessa preocupação em vários provérbios de origem remota e até hoje utilizados.

A fortuna é cega — Este provérbio baseia-se na idéia que os antigos gregos faziam da deusa Fortuna (Destino). Para eles, era uma deusa cega. La Rochefoucauld fala dela numa de suas máximas: "A Fortuna nunca parece tão cega como para aqueles a quem não tributou

seus favores".

A fortuna é vária — Um adágio diz que "A Fortuna é vária; hoje a favor, amanhã contrária". Públio Siro, poeta latino do século I a.C., escreveu: "A Fortuna é de vidro; no momento em que brilha, ela se parte".

Agarrar a ocasião pelos cabelos — Este dito popular origina-se também da antiga mitologia greco-romana. Nela a deusa Fortuna (ou Destino, ou Ocasão) era, além de cega e calva, também alada. Tinha asas nos



pós, sendo que um deles sobre uma roda (a roda da Fortuna), e outro no ar. O fabulista latino Fedro diz que ela é calva, mas tem um tufo de cabelos na testa, por onde deve ser segurada. Um poema grego traz este diálogo com a Fortuna: — Por que tua cabeleira está na testa?

Para que me agarrem, quando me encontrarem. — E por trás, por que Zeus te fez calva? — Para que aqueles que me deixarem passar com meus pés alados não possam mais me agarrar.

Cair de costas e quebrar o nariz — Isto só acontece a quem é o contrário do Gastão, não é mesmo? Pois re-

presenta o cúmulo do azar. Machado de Assis, em seu conto *Último Capítulo*, apresenta um personagem tão azarado que consegue realizar essa "façanha".

Não acordes a má sorte quando ela está dormindo

— Adágio que representa uma advertência: a de que não se deve provocar o destino. É encontrado em outras línguas, com pequenas alterações. Em inglês: *Do not wake a sleeping lion* (Não acorde um leão que dorme). Em francês: *Ne réveille pas le chat qui dort* (Não acorde o gato que dorme).

Agosto, mês do desgosto

to — Antiga superstição dos países latinos que atribui maus presságios a este mês. Os fatos não confirmam, porém, essas acusações maldosas contra o mês de agosto.

Casamento e mortalha no céu se talha — Este velho provérbio quer demonstrar, justamente, que a questão de sorte ou azar não existe, pois é no céu, isto é, por Deus, que as coisas da Terra são decididas.

Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga — É o provérbio favorito do Gastão, pois ele

sempre parece ser ajudado por um poder superior... Mas, na verdade, é um provérbio pessimista, querendo dizer que o esforço não adianta quando não se tem sorte. É como o provérbio do Donald: *Pão de pobre, quando cai no chão, cai com a manteiga para baixo.*

Deus ajuda quem se ajuda — Este adágio contraria e desmente o anterior. Ele quer dizer que quem trabalha para conseguir algo acaba sempre sendo ajudado por Deus, como prêmio pelo esforço feito. Muito mais certo, não?



O IMPORTANTE É COMPETIR



Duas vezes Prudêncio



Nélson Prudêncio foi o primeiro grande herdeiro de Ademar Ferreira da Silva no salto triplo, ganhando duas medalhas para o Brasil nos Jogos Olímpicos.

A primeira foi em 1968, quando ele teve uma atuação espetacular nas Olimpíadas do México. Durante três horas, ele e o soviético Viktor Saneev brigaram pela vitória. E tudo indicava que o primeiro lugar ficaria com Prudêncio, que em seu melhor salto conseguiu a marca de 17,27 metros. Era o recorde mundial.

Infelizmente, o recorde

durou apenas 25 minutos. Logo depois, Saneev pulou 17,39 metros — novo recorde, na ocasião. Prudêncio acabou com a medalha de prata.

Em 1972, em Munique, ele ficou com a medalha de bronze (17,05 metros), perdendo outra vez para Saneev. Foi no dia 4 de setembro. Justamente por isso, Nélson Prudêncio acreditava que venceria.

— Nasci em 1944, no dia 4 de abril, que é o mês quatro — ele lembra. E serei o quarto atleta a saltar.

Infelizmente, enganou-se. Foi o terceiro colocado.

Velas de bronze

O iatismo é um esporte pouco divulgado no Brasil. Mas isso acontece porque, em primeiro lugar, custa caro ser um praticante — os barcos saem por um dinheirão. E, depois, para quem não entende, não chega a ser emocionante assistir a uma regata.

Apesar disso tudo, os iatistas brasileiros sempre tiveram muito destaque internacional. E eles são responsáveis por

duas de nossas medalhas olímpicas.

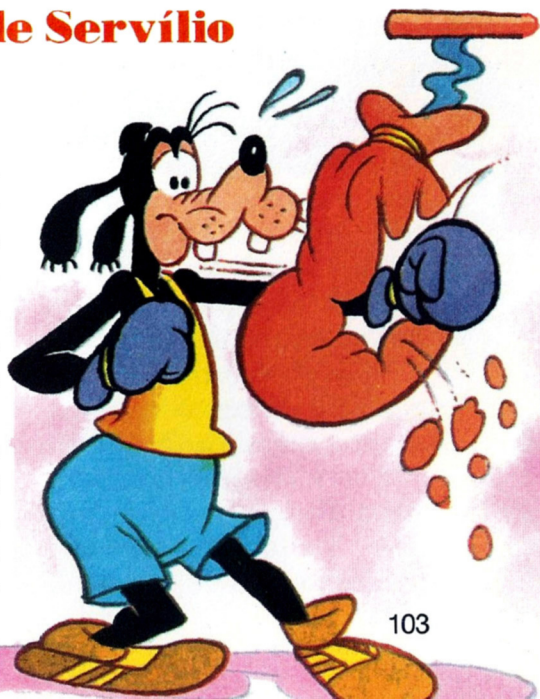
Uma foi conquistada por Reinaldo Conrad, um jovem engenheiro que veleja desde os 10 anos de idade, e Burkhard Cordes, na classe Flying dutchman, em 1968.

A outra — também de bronze — coube igualmente a Reinaldo Conrad, mais uma vez na classe Flying dutchman, em 1976, agora na companhia de Peter Ficker.

O azar de Servílio

Servílio de Oliveira tinha tudo para se transformar no maior boxeador brasileiro depois de Eder Jofre. Ainda muito jovem, ele exibia qualidades de um pugilista veterano, com seu hábil jogo de cintura e um soco de meter medo.

Aos 20 anos, Servílio foi participar dos Jogos Olímpicos do México. Competindo na categoria mosca do torneio de bo-



xe, ele derrotou com muita categoria Yadigar, da Turquia, e Destimo, de Gana.

Na semifinal, porém, numa decisão muito discutida dos jurados, ele perderia para o mexicano Ricardo Delgado, por pontos. Assim, ficou com a medalha de bronze.

Ninguém duvidava que, a partir daí, Servílio de Oliveira teria uma bri-

lhante carreira de pugilista pela frente. E, de fato, isso vinha acontecendo. Mas Servílio sofreu um descolamento da retina, um problema igual ao que levou o jogador Tostão a se retirar muito cedo do futebol.

Por causa disso, ele abandonou o boxe. E o Brasil, com toda certeza, perdeu um futuro campeão mundial.

O peixinho



Uma vez perguntaram para Debbie Meyer:

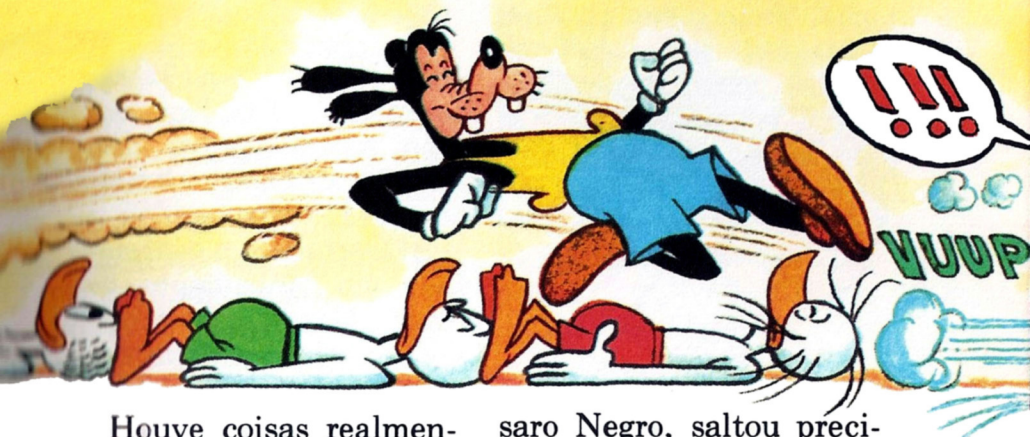
— Debbie, o que você gostaria de ser se não fosse uma nadadora?

Ela não precisou pensar muito para responder:

— Eu queria ser um peixinho.

Na verdade, Debbie é um peixinho. Em 1968, com apenas 16 anos, essa menina americana ganhou medalha de ouro nos 200, 400 e 800 metros, estilo livre. Foi a primeira nadadora a conseguir tudo isso.

O assombroso pássaro negro



Houve coisas realmente fantásticas nas Olimpíadas do México, com a quebra de recordes que pareciam impossíveis. Entre as 88 marcas que caíram — e algumas não foram superadas até hoje —, nenhuma causou tanto assombro como a do salto em distância.

O autor da proeza, o negro norte-americano Robert Beamon, estava certo de que ganharia a medalha de ouro. Ele se preparara intensamente e pensava até mesmo em bater o recorde mundial.

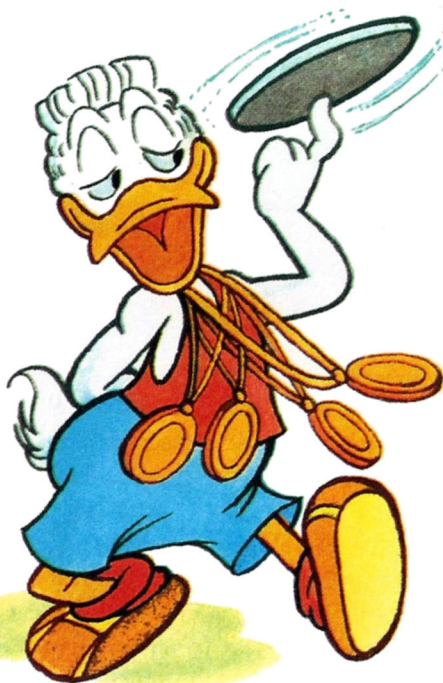
Até aí, tudo bem. Mas o que ele fez deixou o público mexicano de boca aberta.

Robert Beamon, o Pás-

saro Negro, saltou precisamente 8,90 metros. Vamos comparar esse número para que você sinta melhor o que ele significa. Em 1896, o campeão olímpico Ellery Clark saltou 6,35 metros (isto é, cerca de dois metros e meio a menos). Quarenta anos depois, em Berlim, Jesse Owens assustou os alemães com sua marca de 8,06 metros, que só seria melhorada — em um mísero centímetro — em 1964, pelo inglês Davies.

O salto de Beamon equivale a deixar deitadas no chão, enfileiradas, 5 pessoas com 1,78 m de altura cada uma. E pular por cima delas.

O tetracampeão



Só existe um tetracampeão olímpico em uma mesma prova. Ele se chama Al Oerter e nasceu nos Estados Unidos.

Al Oerter é um especialista em lançamento de disco. Mas que engraçado: mesmo com toda sua fama, ele jamais foi considerado o favorito da prova. Diziam que ganhava na sorte e que, por isso, acabaria perdendo.

Só que Al nunca perdeu. Foi campeão em 1956, 1960, 1964 e 1968.

E vai ser muito duro alguém conseguir igualar sua façanha.

O canguru russo

Um, dois, três. Como o canguru, o atleta dá três pulos seguidos. É o salto triplo, uma das modalidades mais bonitas das Olimpíadas.

O Brasil sempre teve grandes especialistas nessa difícil especialidade: Ademar Ferreira da Silva, bicampeão nos Jogos

Olímpicos de 1952 e 1956 e, mais recentemente, Néelson Prudêncio e o recordista mundial João do Pulo.

Nos últimos Jogos Olímpicos, porém, a medalha de ouro tem ficado com um "canguru" da União Soviética: o tricampeão Viktor Saneev.

Ele ganhou sua primeira medalha no México, em 1968, quando bateu o recorde olímpico (17,39 m).

A partir daí, sua marca foi baixando — mas ninguém conseguiu vencê-lo. Assim, em 1972, em Munique, Saneev saltou 17,35 metros. E em Montreal, em 1976, ele fi-

cou nos 17,29 metros — mais do que o nosso João do Pulo, que terminou em terceiro lugar, com a medalha de bronze.

Infelizmente, João do Pulo jamais repetiu seu fantástico recorde de 17,89 metros, obtido nos Jogos Pan-Americanos de 1975, no México.



Munique, 1972

XX Jogos Olímpicos

Você já viu que, apesar dos sonhos do nosso barão, a política acaba se misturando com o esporte. Mesmo assim, o esporte — sobretudo durante as Olimpíadas, o seu momento culminante — é a festa da paz e do conagraçamento entre atletas do mundo inteiro.

Essa tradição, porém, foi quebrada de maneira trágica na madrugada de 5 de setembro de 1972, durante as Olimpíadas de Munique. Terroristas de uma organização chamada de “Setembro Negro” invadiram o dormitório da delegação de Israel. O saldo foi muito

triste: morreram nove atletas e cinco terroristas, estes abatidos pela polícia alemã quando se preparavam para deixar o país.

O esporte e o mundo jamais se esquecerão desses acontecimentos, mas é difícil que eles venham a se repetir nos Jogos Olímpicos. Há hoje em dia um número incrível de pessoas muito bem equipadas e treinadas para vigiar os alojamentos, os estádios e os locais das competições.

O atentado de Munique, como ficou conhecido, acabou deixando em segundo plano as proezas dos atletas. E não foram poucas.

Na natação, despontaram dois verdadeiros peixes com corpo de gente. Um foi a australiana Shane Gould, que recebeu tr s medalhas de ouro. O outro, o americano Mark Spitz, bateu todos os recordes possíveis. Ele voltou aos Estados Unidos com sete medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze!

No atletismo, Renata Stecher, da Alemanha Oriental, conseguiu uma façanha inédita: ganhou as corridas de 100 e 200 metros. Mas seu feito seria igualado, na parte masculina, pelo soviético Valeri Borzov, que também venceu as duas provas. E, nas competições de fundo, o finlandês Lasse Viren, legítimo sucessor de Paavo Nurmi, seria o primeiro em 5 mil e 10 mil metros.

Um outro recorde importante foi o do russo



Nik Avilov, que somou 8 454 pontos no decatlo, participando desde a corrida dos 100 metros até o lançamento de peso.

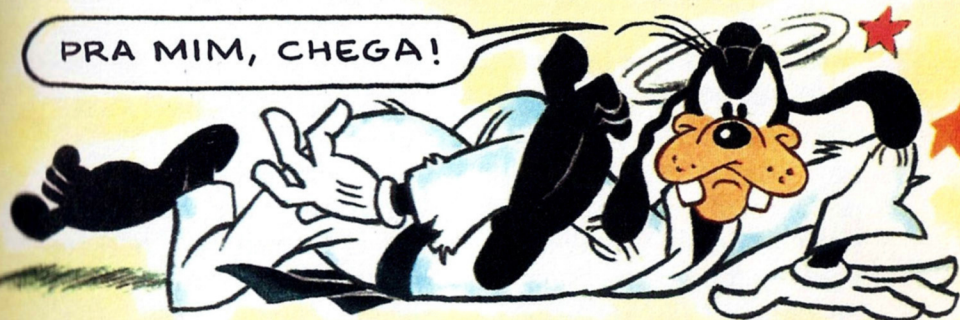
Em Munique, apesar da tragédia, foram superadas, em termos de presença, todas as Olimpíadas anteriores. Lá estive-

ram nada menos do que 7 830 atletas, representando 121 países do mundo inteiro.

Só para comparar: você se lembra do número de participantes dos I Jogos Olímpicos? Eram 285 atletas de 13 nações. Que diferença, não?

O brasileiro Ishii

PRA MIM, CHEGA!



Em Munique, durante os Jogos Olímpicos de 1972, todos pensavam que o judoca Chiaki Ishii fosse japonês. Não era para menos: ele tinha cara e nome de japonês. Repetia-se a história de Tetsuo Okamoto, em 1952.

No fundo, até que as pessoas não estavam tão enganadas assim. É que ele, de fato, nasceu no Japão. Mas depois se naturalizou brasileiro.

E foi como atleta da delegação do Brasil que Ishii conquistou uma medalha de bronze, na categoria meio-pesado.

Para o esporte brasileiro, isso representou uma vitória, pois nós só recebemos duas medalhas em Munique. Mas Ishii, que se preparara intensamente para ser campeão, ficou tão decepcionado que resolveu abandonar o judô.



ginástica



Ginástica é uma coisa bonita que só vendo! Então, vamos ver. A partir de agora e através de uma série de ilustrações, você conhecerá melhor — detalhe por detalhe — os aparelhos e exercícios adotados nos Jogos Olímpicos. Assim, depois de observá-los com cuidado, você poderá entender direitinho os espetáculos ao vivo ou quando a TV apresentar.

Antes, porém, é bom que você saiba que as origens da ginástica se perdem no tempo. Ela já era praticada bem antes de nossa era, na China e na Índia. Na Grécia Antiga,

também. Lá, por sinal, havia três tipos diferentes de ginástica.

1. Ginástica para treinamento militar, pois os soldados precisavam se tornar verdadeiros atletas.

2. Ginástica para manter a forma física, recomendada pelos médicos para doentes e pessoas de todas as idades.

3. Ginástica de competição.

As coisas mudaram muito de lá para cá. A ginástica, como a conhecemos hoje, surgiu no século passado, através de duas escolas diferentes.

Uma, a alemã, era ba-

seada em movimentos lentos e rítmicos, e feita para grandes grupos de jovens — não importando que eles tivessem talento físico.

Outra, a sueca, empregando os aparelhos que você vai conhecer daqui em diante, com explicações detalhadas.

Misturando as duas concepções, a ginástica olímpica, que tanto vem encantando o mundo nos últimos anos, começou a se impor, em nível internacional, nos Jogos de Berlim, realizados em 1936.

A partir dali, foram introduzidas modalidades especiais para homens,



mulheres e equipes. Os melhores colocados são sempre os que recebem as maiores notas. Como na escola, vão de 0 a 10, de acordo com a opinião dos jurados.

Vamos à ginástica?



os aparelhos

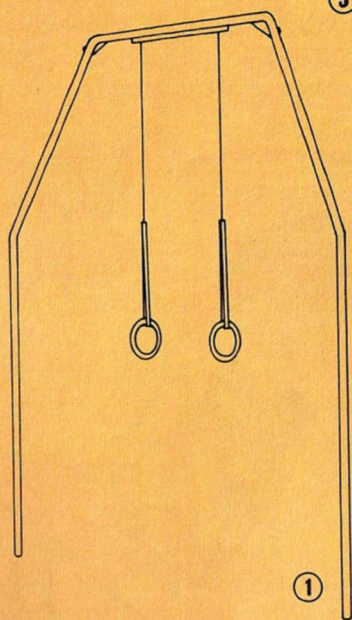
Na ginástica olímpica, há exercícios de solo e com aparelhos. Que são os seguintes:

Aparelhos masculinos

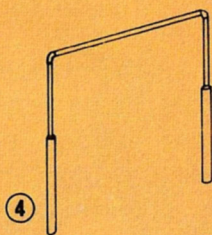
1. Argolas
2. Barras paralelas
3. Cavalo
4. Barra fixa
5. Cavalo com alças

Aparelhos femininos

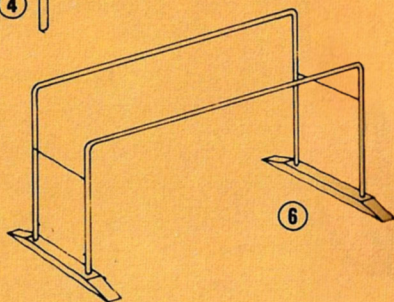
6. Barras assimétricas
7. Trave de equilíbrio
8. Cavalo



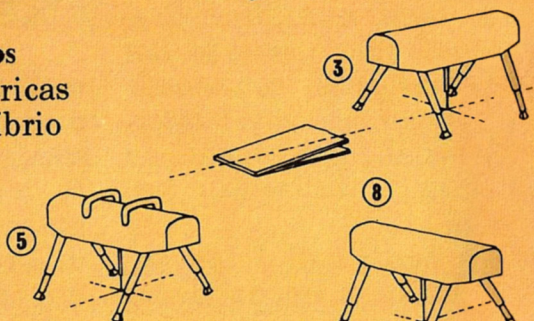
①



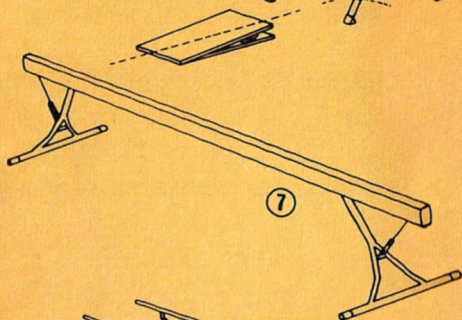
④



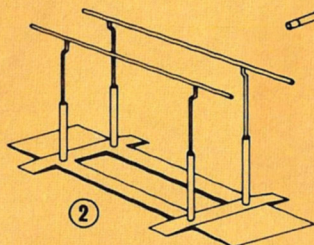
⑥



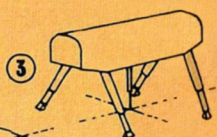
⑤



⑦



②



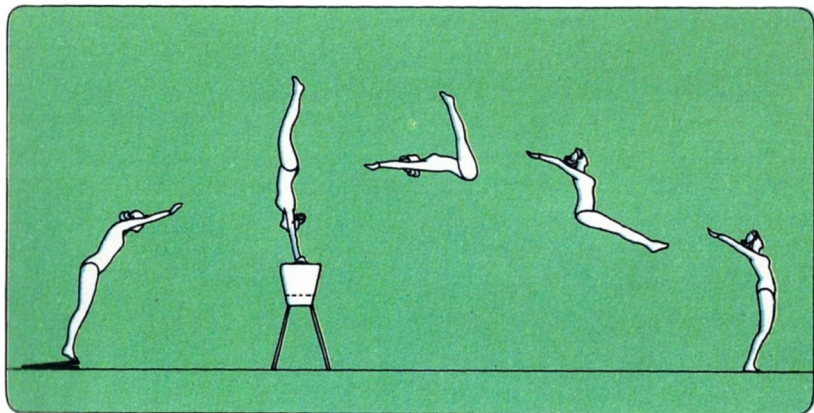
③

⑧

salto sobre o cavalo F

Acompanhe a sequência desse vôo. Impulsio-

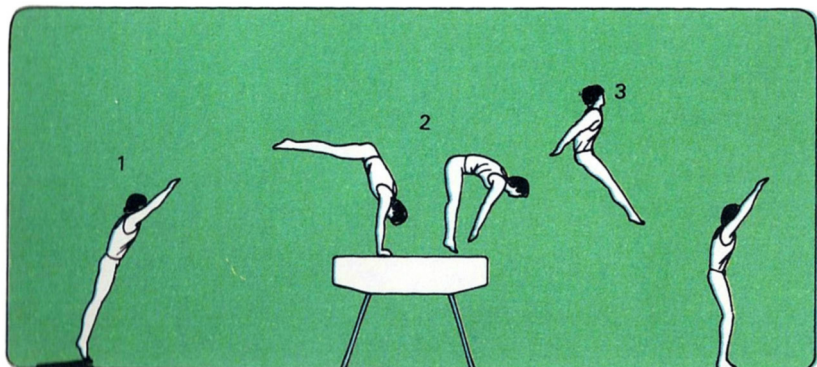
polim, a atleta salta sobre o cavalo e aterrissa suavemente.



salto sobre o cavalo M

É um vôo diferente do salto sobre o cavalo feminino. Observe bem quais

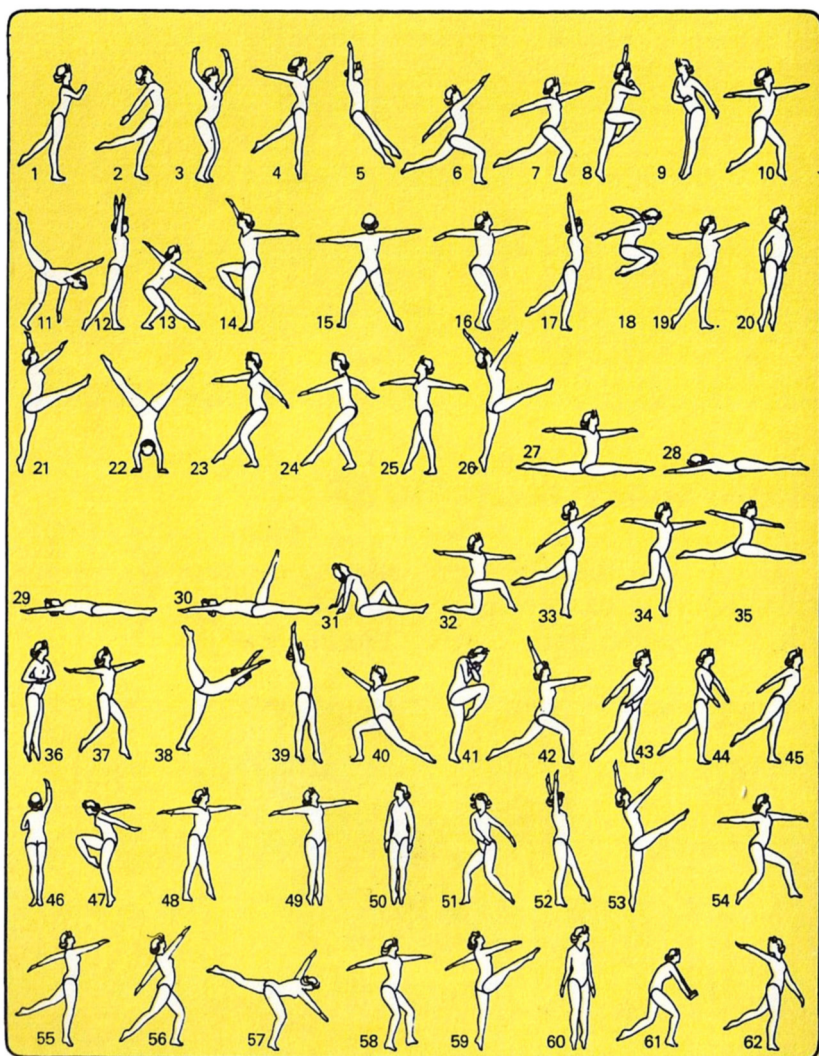
são as diferenças. Aqui, o atleta jamais “planta bananeira”.



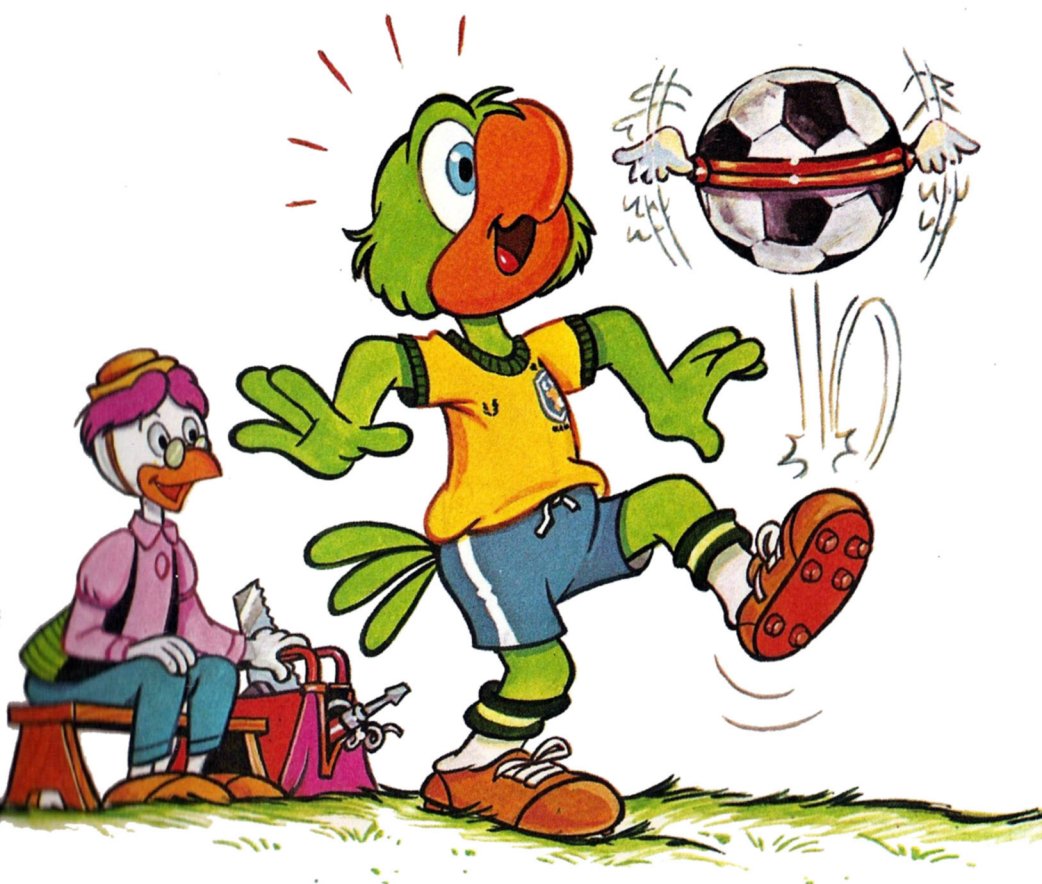
exercícios de solo F

Esta difícil série de 62 movimentos exige do atleta uma técnica apu-

rada. A música, tocada por um só instrumento, acompanha as evoluções.



BOLA NA REDE!



OS CRAQUES DE FRALDA

Cansados de jogar suas "peladinhas" com os garotos da rua, Huguinho, Luisinho e Zezinho decidiram que chegara a hora de participar de um campeonato de verdade. E foram pedir conselhos ao Pato Donald.

— Tio... — começou a dizer Huguinho.

— ... como é que a gente... — continuou Luisinho.

— ... pode se inscrever num campeonato pra valer? — terminou Zezinho.

— Ah, não sei — irritou-se Donald. — Por que vocês não fazem essa pergunta ao Zé Carioca?

E lá se foram os três.

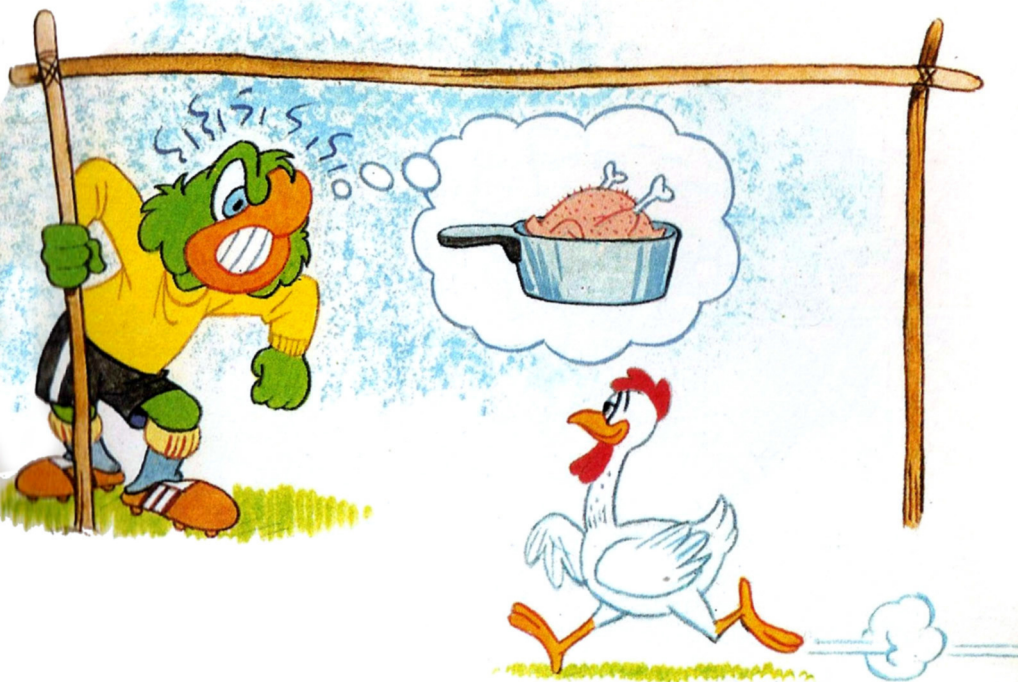
— Tudo bem — disse o Zé, ao ser consultado. — Há cada vez um maior número de campeonatos para garotos no Brasil. Claro que para cada idade existe uma categoria: dente-de-leite, infantil, júnior, etc. Basta vocês irem a um clube e se inscreverem. Só não posso recomendar o campeonato dos *futeboys*, realizado anualmente em São Paulo.

— Ué, por que não? — indagaram os três.

— Ah, é que nessa disputa só podem participar garotos que já trabalham...



E QUAL É O
CAMPEONATO PRA
GENTE GRANDE QUE
NUNCA TRABALHOU?



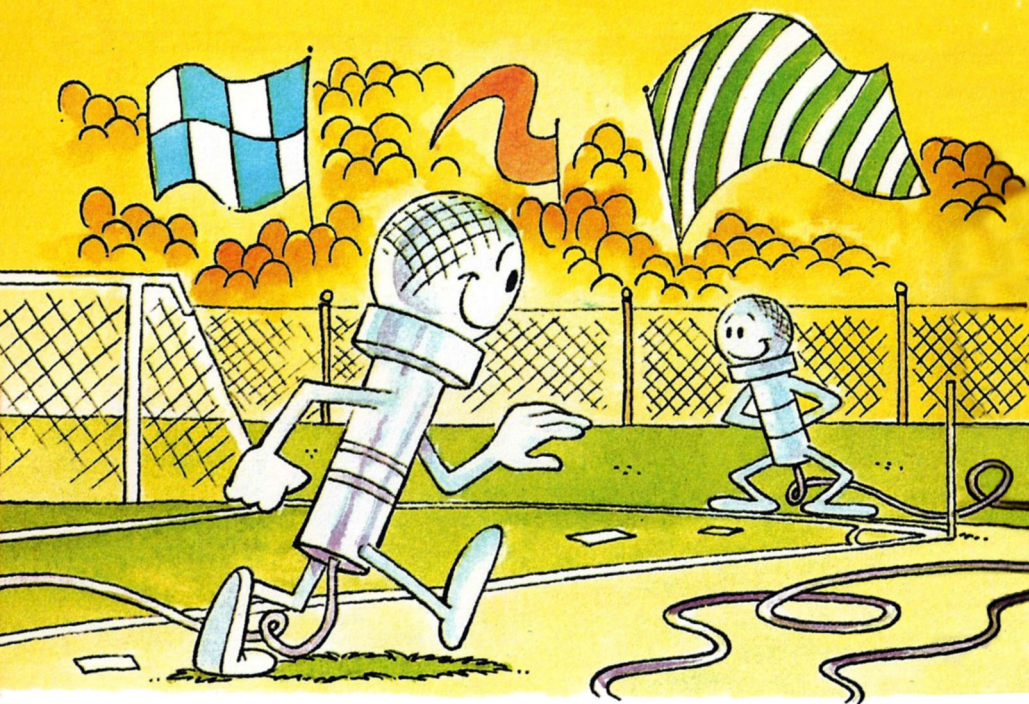
QUEM TEM MEDO DE FRANGO?

Sim, senhor... o "frango" é um bicho assustador e todo mundo tem medo dele. Especialmente quando o bicho entra no gol do time da gente. Claro que falamos do "frango" no futebol. Mas quem tem mais medo do famigerado galináceo é o goleiro. Quando ouve falar em "frango" até perde o apetite, pois só ele tem o "privilégio" de tomar um. "Frango" é o gol marcado em consequência de uma falha clamorosa do goleiro, que deixa entrar em sua meta uma bola fácil.

Nesse tipo de jogada, a bola muitas vezes passa por baixo das pernas do coitado do goleiro. É o que acontece, aliás, quando a gente tenta agarrar um franguinho esperto no galinheiro.

O "frango" também ocorre se o goleiro demora para pular depois de um chute fraco do atacante.

Agora, muita atenção: nem todo "frango" é "frango". Antes de culpar o goleiro, veja bem se a bola não bateu num murrinho ou não desviou no zagueiro...



MICROFONES EM CAMPO

Cada vez mais, a televisão tenta levar o estádio para dentro de sua casa. Além de todos os detalhes de imagem, quer também transmitir os sons captados no local.

Para conseguir “ouvir”, a televisão utiliza microfones direcionais.

Esses aparelhos captam o som que vem apenas de uma direção, perpendicularmente à ponta do microfone.

Trata-se de um recurso cada vez mais comum nos estádios de futebol e quadras esportivas, fazendo o papel

da câmera indiscreta, só que em relação ao som.

Os microfones direcionais são tão potentes que transmitem até os gritos que o goleiro dá para os jogadores de defesa — para orientá-los, se eles estão jogando mal ou culpá-los, se o próprio goleiro não está com muita sorte.

Até mesmo o barulho da bola sendo chutada é captado pelos microfones, além dos apelidos carinhosos que a torcida, o técnico e os atletas dão para o juiz e toda a sua família...

A TV TAMBÉM PISA NA BOLA

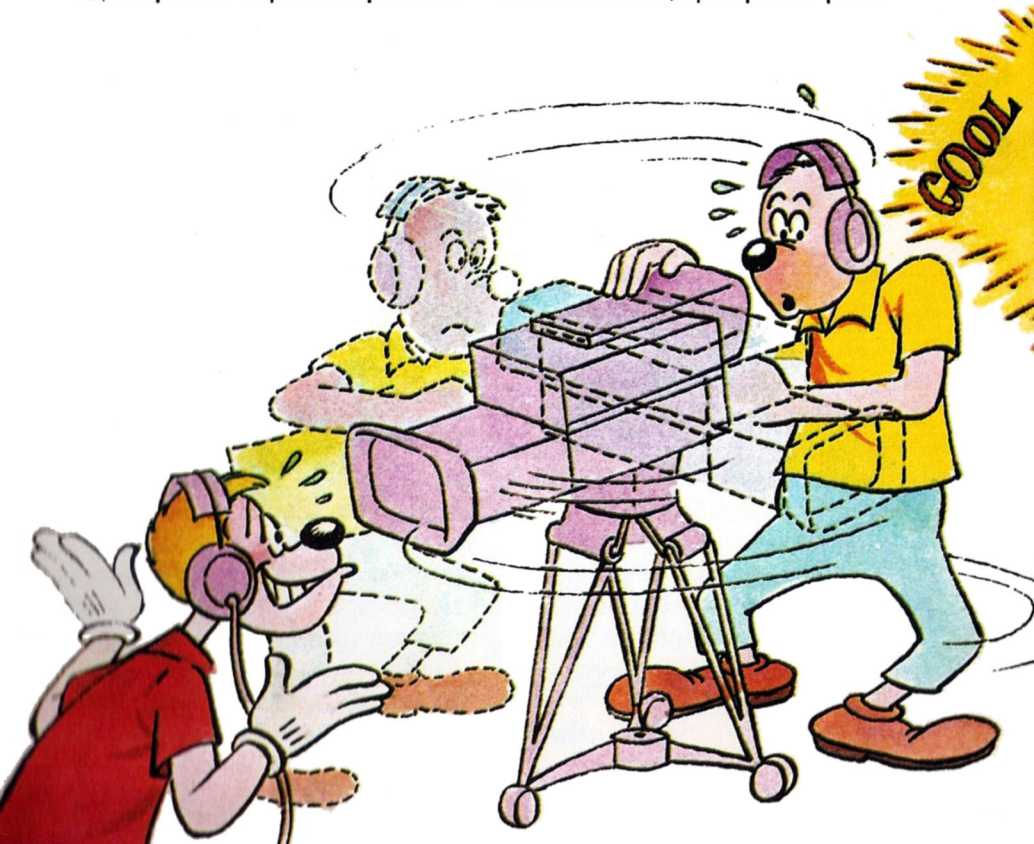
Muita gente que trabalha em televisão sabe dessa história. Há quem diga que é uma grande mentira e há quem jure, de pés juntos, que é verdadeira. Seja fato ou lenda, é uma história interessante.

Num determinado jogo de futebol, lá pelo final da década de 50, uma das duas câmeras que cobriam a peleja quebrou e não podia mais ser utilizada. O locutor Raul Tabajara, então, pediu para o operador de câmera focalizá-lo, enquanto explicava para os

telespectadores que a transmissão ia continuar precariamente, com a imagem de uma só câmera. E pedia desculpas pela falha técnica, quando um estrondoso clamor se ouviu no estádio.

Surpreso, Tabajara teve que comentar o gol, que ninguém em casa viu, pois apenas o seu rosto estava em quadro na câmera.

Enquanto Tabajara se desculpava novamente com os telespectadores, a câmera voltou ao jogo. Tão envergonhado estava, que pediu para



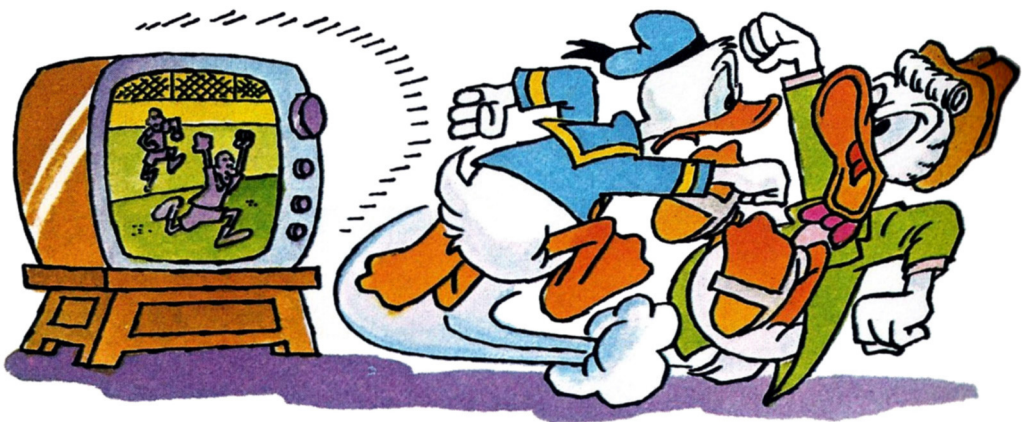
o operador tornar a focalizá-lo, pois fazia questão de ser compreendido e desculpado de seu descuido.

No momento em que o operador fez o que Tabajara pediu, o experiente locutor foi traído por um acontecimento raro. Menos de um minuto depois de marcado o primeiro gol, era marcado um segundo. E a câmera estava outra vez

no seu rosto, ainda pedindo desculpas pelo primeiro gol, que ninguém viu...

São coisas que acontecem na TV, mesmo com profissionais como Raul Tabajara, já falecido, e que foi um dos melhores narradores de futebol da TV.

Em tempo: dizem que, nesse jogo, depois dos dois gols perdidos pela câmera, não houve mais nenhum...



AFINAL, FOI OU NÃO FOI?

Quando Donald era pequeno, não podia assistir futebol pela televisão com seu primo Gastão. Um dizia que o time tinha feito o gol em impedimento. O outro dizia que não, porque era torcedor do time favorecido. E, como não havia um jeito de rever o lance, os dois acabavam brigando pra valer.

Atualmente, essas dúvidas

podem ser resolvidas por um sistema usado na televisão: o *replay* (em inglês) ou *repeteco*, apelido que recebeu em português.

O *replay* repete a imagem de uma jogada que aconteceu há poucos momentos. Quase sempre ele é passado em câmera-lenta (também chamada de *slow-motion*), para que o telespectador possa ver os

mínimos detalhes de cada jogada.

Às vezes, você vê o repeteco de uma jogada de ângulos diferentes, ou seja, de câmeras colocadas em pontos diferentes do estádio. Esse recurso, porém, só é utilizado em jogos muito importantes ou em decisões de campeonato.

Apesar de ter diversas câmeras cobrindo um jogo, o equipamento de *video-tape* só pode gravar uma imagem por vez. Assim, mesmo que três ou quatro câmeras estejam em cima do lance, só a imagem de uma delas é gravada — justamente a que estiver *comutada*, quer dizer, a escolhida pelo diretor de TV para ir ao ar no momento em que acontece a gravação.

Para se ter o *replay* de diferentes ângulos, portanto, é necessário acoplar um equi-

pamento de gravação e reprodução de *video-tape* para cada câmera, o que torna a transmissão um pouco mais cara.

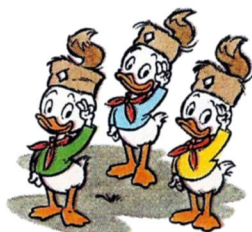
Gasta-se dinheiro também para passar a imagem em *slow*, que é um outro aparelhinho especial. Ele fica junto ao *video-tape* e consiste em um disco de gravação contínua, igualzinho aos que existem nas caixas pretas, que gravam as conversas nas cabines de pilotagem dos aviões.

O disco do *slow*, em geral, tem capacidade de guardar as imagens dos últimos sessenta segundos gravados. Ele vai gravando até que o diretor de TV o acione, para então repetir o último lance jogado, numa velocidade bem menor do que a real.

E, justamente nessa hora, você poderá acompanhar o lance e tirar suas dúvidas.



ESCOTEIROS EM AÇÃO



De olho nas medidas	8
Ovos coloridos	10
Calendário perpétuo	11
Como se faz um cocar de pele-vermelha	14
O mar é belo, mas	15
Divisões para reinar	16

VIVA A NATUREZA!



Tiziu	18
Fogo-apagou	19
Andorinha	20
Coruja	21
Pau-brasil	22

HORA DO LANCHE



Equipamentos de cozinha	24
Alface que te quero verde	28
Alface quente	29
Sopa de legumes	29
Espaguete à moda do Pateta	30

MAGICAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



Joguinho do Gastão - Achou mais, ganhou	32
Uma unhada de mestre	33
Faça sua mágica - O lenço encantado	34
A embaralhada história dos jogos de cartas	36
Atenção! Muita atenção!	38

INVENTOS & INVENTORES



Balões e dirigíveis.....	40
O prego e o parafuso	43
O anel	44
O perfume	46
O cheirador eletrônico	47
Até debaixo da água	48
Higiene, pessoal!	50

AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPIÕES



Aventuras sobre rodas.....	52
Corridas no Brasil	54
Dragsters.....	56
Cangaço e cangaceiro.....	58
Detetives de Ficção - Padre Brown	60
Detetives de Ficção - Max Carrados e Charlie Chan	61
Dos calabouços às colônias penais	62

O DINHEIRO DA MESADA



Técnicas para descobrir preciosidades...	66
Impostos e Taxas	68
Pedras preciosas	69
Juros - usura e usurários - Tabela Price	72
O Tesouro Nacional - O Banco Central...	74

FIQUE LIGADO!



O programa de entrevistas.....	76
Programas musicais	78
Os primeiros cinegrafistas.....	80
Notícias eletrônicas	81
Grandes jornalistas - Greeley e Pulitzer..	82
Grandes jornalistas - Ochs, Hearst e Beuve-Méry	83
Júlio Mesquita e Chateaubriand	84

FEITIÇOS & FEITICEIROS



Juno, a grande ciumenta	86
Ceres e a natureza	86
A lenda de Siegfried e Brunhilde	87
As profecias de Jeane Dixon	90

SORTE & SUPERSTIÇÃO



As cartas não mentem	94
A sorte em 24 idiomas	96
Já o troglodita sabia	96
Provérbios da sorte e do azar	98

O IMPORTANTE É COMPETIR



Duas vezes Prudência	102
Velas de bronze	103
O azar de Servílio	103
O assombroso pássaro negro	105
O tetracampeão	106
O canguru russo	106
Munique, 1972 - XX Jogos Olímpicos	107
O brasileiro Ishii	109
Esportes olímpicos - Ginástica	110

BOLA NA REDE!



Os craques de fralda	116
Quem tem medo de frango?	117
Microfones em campo	118
A TV também pisa na bola	119
Afinal, foi ou não foi?	120

WWW.AGIBITECA.COM.BR

